

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO



Deutschtum no Brasil:
imigração, identidade e mídia étnica alemã

JOANA DE PAULA CIDADE MIRANDA

RIO DE JANEIRO
2008



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

**Deutschtum no Brasil:
imigração, identidade e mídia étnica alemã**

Joana de Paula Cidade Miranda

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Mohammed Elhajji

Rio de Janeiro

2008

MIRANDA, Joana de Paula Cidade.

Deutschum no Brasil: imigração, identidade e mídia étnica alemã. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2008. (Monografia: Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação).

113 f.

Orientador: Prof. Mohammed Elhajji

1 Colonização 2 Meios de comunicação 3 Germanismo 4 Teuto-brasileiro I UFRJ-ECO II Jornalismo III Orientador: Mohammed Elhajji IV Título

Deutschtum no Brasil: imigração, identidade e mídia étnica alemã

Joana de Paula Cidade Miranda

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovada por:

Prof. Mohammed Elhajji - Orientador

Prof^a. Ilana Strozenberg

Prof^a. Liv Sovik

Rio de Janeiro

2008

Dedico este trabalho a meu padrasto, que após 16 anos de convivência e meses de luta contra o câncer me deixou como herança boas lembranças, muita saudade e a dificuldade de concluir o texto que hoje dedico a ele. Igor de Abreu e Lima este é para você!

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e meu pai, pelo amor e dedicação de toda uma vida.

À minha irmã Gabi, pela minuciosa revisão do texto.

À toda minha grande e querida família, pelo suporte e pelo carinho.

Ao Uwe, por compartilhar com alegria as minhas descobertas ao longo deste processo.

Ao meu orientador, Mohammed Elhajji, pela atenção e pelas sugestões.

À professora Raquel Paiva pela paciência na resposta as incontáveis perguntas.

À todas as pessoas – impossíveis de enumerar aqui por falta de espaço - que me ajudaram nesta pesquisa respondendo aos muitos e-mails, questionários e às perguntas das entrevistas.

RESUMO

MIRANDA, Joana de Paula Cidade. **Deushtum no Brasil: imigração, identidade e mídia étnica alemã**. Orientador: Mohammed ElHajji. Monografia (Jornalismo). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2008, 113p.

A colonização do Brasil por outras nacionalidades, além da portuguesa, tem início a partir do século 19, impulsionada pela chegada de Dom João VI ao país. Os alemães, participantes deste processo, são um dos primeiros povos a chegar incentivados pelo governo. O seu fluxo, apesar de não ter sido o mais numericamente expressivo, foi o mais longo e marcou de maneira profunda principalmente os três estados do sul do país, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Até hoje, estes locais concentram um elevado número de descendentes e preservam alguns costumes dos antepassados. Como legado, além das festas, danças, casas típicas e sobrenomes, os alemães deixaram também uma imprensa étnica, feita e voltada para imigrantes e descendentes, bem desenvolvida e elaborada até a metade inicial do século 20. Entretanto, o Estado Novo, com sua Campanha de Nacionalização, põe fim a maior parte destes periódicos, hoje extintos, mas admitidos como integrantes da história dos meios de comunicação brasileiros. Neste período varguista, muitas outras expressões culturais cultivadas por este grupo são igualmente proibidas. É apenas após a Segunda Guerra Mundial, passada a turbulência política, que alguns hábitos começam a ser enfim recuperados pelos teuto-brasileiros, inclusive a mídia. Este trabalho propõe justamente analisar, conjuntamente com uma retrospectiva histórica, a atual situação desta identidade e dos meios de comunicação étnicos nas comunidades de descendentes, passados quase duzentos anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	8
2. IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: O SÉCULO 19 E AS PRIMEIRAS COLÔNIAS	14
2.1. Origens da imigração, os primeiros passos	14
2.2. Situação na Europa no Século 19 e a definição do conceito de “alemão”	16
2.3. A imigração alemã no Brasil: seis fases	18
2.4. As primeiras tentativas: Rio de Janeiro e Bahia	20
2.5. As primeiras colônias de fato: São Leopoldo e suas sucessoras	21
3. IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA E O “BRASILIANISCHES DEUTSCHTUM”	24
3.1. O que é identidade étnica?	24
3.2. A identidade étnica teuto-brasileira e suas origens	27
3.3. O Brasilianisches Deutschum: idioma, religião, associações, cultura	29
4. IMIGRAÇÃO NO SÉCULO 20 E HERANÇA ALEMÃ NO BRASIL ATUAL	33
4.1. As últimas colônias e a redução do fluxo de imigração	33
4.2. Os teuto-brasileiros e a campanha nacionalista de Getúlio Vargas	35
4.3. Quadro atual e herança alemã	39
5. MÍDIA ÉTNICA: IDENTIDADE, ORIGENS, CAMINHOS	48
5.1. Meios de comunicação na construção da identidade teuto-brasileira	48
5.2. Origens da mídia étnica alemã: os primeiros anos da imprensa germânica no Brasil	52
5.3. Quadro atual: os meios de comunicação, mídia étnica e o Brasil de hoje	54
6. EXEMPLOS DE MÍDIAS ÉTNICAS: RÁDIO, JORNAL, COMUNIDADE VIRTUAL E WEBSITES	61
6.1. Jornal Pomeroder Zeitung	61
6.2. Rádio Pomerode	64
6.3. Portal Brasil-Alemanha e programa radiofônico AHAI	67
6.4. Sociedade Filarmônica Lyra de São Paulo e seu website	71
6.5. Website da família Melges	72
6.6. Comunidade do Orkut “descendentes de alemães”	75
7. CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICES	86
Apêndice A - Transcrição de entrevistas com descendentes de alemães do Rio Grande do Sul	87
Apêndice B - Questionários respondidos por representantes de associações e mídias étnicas teuto-brasileiras	90
ANEXOS	105
Anexo A - Imagens de colônias e famílias alemãs no Brasil (início do Século 20)	106
Anexo B - Imigração no Brasil por nacionalidade (1884 – 1933)	108
Anexo C - Imagens do jornal teuto-brasileiro <i>Brasil-Post</i>	109
Anexo D - Imagens da cidade de Pomerode - Santa Catarina	110
Anexo E - Imagem da capa do jornal teuto-brasileiro <i>Pomeroder Zeitung</i>	111
Anexo F - Trechos sonoros de programas da Rádio Pomerode	112
Anexo G - Trechos sonoros do programa radiofônico AHAI	113

1. INTRODUÇÃO

Os imigrantes alemães começaram a chegar ao Brasil no século 19, deixando o seu país de origem para se aventurar nestas terras sul-americanas, longínquas e desconhecidas. Vieram esperançosos de recomeçar a vida, seduzidos pela possibilidade de ter seu próprio pedaço de chão e fixar novas raízes. Na sua terra natal, muitas vezes tinham experimentado períodos difíceis e assim, decidiram corajosamente tentar a sorte a bordo dos navios que se dirigiam ao novo continente.

Naquela época, chegar ao porto europeu de saída já era uma aventura de tal magnitude que seria difícil repetir hoje em dia. Muitos saíam, depois de vender tudo que tinham, do interior do que conhecemos hoje como Alemanha ou de regiões adjacentes e seguiam por terra até atingirem o mar, em geral já em outros países, como a França. Até lá tinham de ser vencidos trajetos de muitos dias, com várias trocas de transporte e trechos a pé¹.

Dentro do navio, a situação também era muitas vezes calamitosa. As viagens eram longas, árduas e as condições de higiene e alimentação freqüentemente péssimas. O imigrante Mathias Schmitz, que chegou ao Brasil no século 19, narrou em suas memórias a vinda em um navio onde morreram diversos passageiros vitimados por doença infectocontagiosa:

Éramos 220 pessoas a bordo; todos emigrantes e fomos logo atacados pelo enjôo. Todos procuravam um canto para deitar-se. Não sentíamos nem fome nem sede. Logo que esta fase terminou e nós melhoramos, um mal bem pior nos surpreendeu. Era disenteria que uma família trouxera a bordo. Esta terrível doença atacou a quase todos, inclusive a tripulação!²

Além disso, sem os meios de comunicação de que dispomos hoje, o país tão sonhado era uma terra imaginada; a informação era pouca e as lendas muitas. Para os candidatos a colonos este era um local de selvagens e animais perigosos, ao mesmo tempo em que representava o paraíso de terrenos abundantes e clima amigável. E, para compartilhar os detalhes da nova vida e manter contato com os familiares e amigos distantes, existiam apenas cartas que demoravam semanas para chegar ao seu destino. Quando partiam de suas vilas, o adeus era muito mais certo do que podemos imaginar atualmente, em uma época de aldeia global, onde as distâncias se resumem a horas.

Esta história aventureira, destas pessoas que deixaram sua terra natal em um tempo anterior ao telefone, ao avião, a televisão e a internet, sempre me fascinou. E este foi o pontapé inicial para a escolha deste tema. Somou-se aí a curiosidade pela vida que aqui

¹ Disponível em: http://www.tonijochem.com.br/vida_alemao_brasil.htm. Acessado em: 25.10.08.

² Idem.

tiveram, os primeiros árduos anos em ambiente desconhecido, vencendo matas fechadas, os entraves burocráticos, a barreira da língua e diversas outras adversidades do início de uma nova vida em um novo mundo.

O freqüente abandono do governo às zonas destinadas a colonização, somado ao desejo dos imigrantes de se sentirem de alguma forma “em casa”, fez com que eles reproduzissem neste solo tropical suas comunidades de origem. Elas eram aqui recompostas através de suas tradições, língua, cultura e instituições, fazendo surgir igrejas, escolas e associações étnicas nestes núcleos, conhecidos no início como “picadas”. Fazia também parte do modo de ser germânico a presença da imprensa e da literatura, e assim foram publicados diversos jornais, revistas e livros, escritos em dialetos germânicos e voltados para este público específico.

Estas características, conseqüências da manutenção da “germanidade”, acabaram trazendo mais tarde problemas para os colonos antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas, presidente na época, empreendeu a partir de 1938 uma campanha tortuosa contra as diversas nacionalidades presentes no território nacional. Segundo seus idealizadores, a campanha de nacionalização, como foi chamada, pretendia acabar com os chamados “quistos” de imigrantes, vistos como indivíduos não integrados, entranhados em um mundo dispare do da sociedade brasileira. Nestes anos de proibições, mudanças e repressão, a etnia mais afetada, dentre as inúmeras, foi a germânica, devido a entrada do Brasil na guerra em lado oposto à Alemanha.

E é justamente neste período da guerra que uma parte da minha história familiar cruza com esta saga dos alemães no Brasil. Minha família materna teve alguns militares, incluindo meu bisavô, general Paula Cidade, que engrossou as fileiras de batalha na Europa e virou nome de rua no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Dos seus três filhos homens, todos seguiram igualmente a carreira militar e dois lutaram também na guerra. O único não enviado ao velho e tempestuoso continente foi meu avô, na época um jovem oficial com vinte e bem poucos anos. Recém saído da academia militar, ele foi destinado a São Leopoldo, uma cidade no Rio Grande do Sul originada de colônia alemã (a primeira bem sucedida em território brasileiro). Lá aguardou sua convocação para cruzar o atlântico que por sorte nunca veio, atropelada pelo fim da guerra.

Enquanto estive em São Leopoldo, presenciei a campanha de nacionalização e a vida local e contou diversas vezes, anos depois, da sua surpresa por encontrar tantos brasileiros que não falavam português e viviam de maneira tão distinta. Ele dizia que o clima era tenso por ali, pois, na época, os militares temiam também o que poderia acontecer caso a Alemanha

ganhasse. Posteriormente estes receios foram talvez considerados infundados, já que a influência hitlerista era ínfima entre os descendentes. Os ex-colonos, já brasileiros há gerações, viviam ainda apegados aos costumes de seus ancestrais não apenas por fidelidade extrema a germanidade e sim também por culpa do isolamento geográfico de muitos destes núcleos.

Do outro lado desta história está minha família paterna, descendente de alemães que emigraram para o Brasil no século 19. Os meus ancestrais, distantes na árvore genealógica, deixaram de herança dois nomes de família: Schmidt e Müller. Não herdei nenhum, pois a linhagem germânica vem da minha avó que não transmitiu seu sobrenome a meu pai.

Estes antepassados se dirigiram as serras do Rio de Janeiro, na região de Nova Friburgo, onde também minha avó nasceu e cresceu. Ela, com a memória já vacilante aos quase 90 anos, conta que ainda se lembra do “falar esquisito” dos seus avós, que perdeu cedo. A família, tendo se espalhado, quase nada manteve das tradições e hábitos germânicos, ficando como uma das únicas fortes lembranças deste passado os cabelos loiros e os olhos profundamente azuis da minha tia.

Por último, recentemente mais um fato me ligou a Alemanha. Durante um intercâmbio universitário que fiz na Europa entre 2006 e 2007, passei quatro meses na terra de Goethe, Freud e Einstein, fazendo um estágio em uma empresa local. Desde então, tenho também me dedicado ao aprendizado do idioma. Ainda que este fato tenha pouco a ver diretamente com a história da imigração, ajudou a sedimentar o meu interesse pelo tema deste trabalho, voltado para este grupo étnico.

Enfim, todas estas influências somaram-se a minha escolha profissional, o jornalismo. E assim agreguei a mídia étnica a esta composição. Desta forma, no momento de concluir este curso, escolhi como questão para minha monografia o encadeamento de três assuntos: a história da imigração alemã para o Brasil, a identidade étnica e as idiossincrasias desta cultura no país e a mídia étnica em geral feita e voltada para estes colonos e seus descendentes, ontem e hoje.

Para apresentar este tema, dividi o trabalho em sete capítulos, sendo o primeiro e o último, respectivamente, a introdução e a conclusão. No capítulo dois, intitulado “Imigração alemã no Brasil: o século 19 e as primeiras colônias”, são descritas as bases da imigração germânica para o país. É feita aí uma retrospectiva histórica desde os incentivos governamentais iniciais até a fundação das primeiras colônias bem sucedidas.

Nesta saga migratória, o início da era de colonizações não portuguesas começa no século 19, planejadas a partir da chegada e instalação de Dom João VI no Rio de Janeiro.

Dentre outras razões, o governo percebe a necessidade de povoar um território ainda muito desabitado e com fronteiras vulneráveis. Quanto à escolha da nacionalidade dos candidatos a colonos, os alemães ganham vantagem e exclusividade no princípio do projeto e, assim, diversas colônias são fundadas, sendo a primeira bem sucedida a de São Leopoldo (1824), no Rio Grande do Sul.

Com esta primeira parte histórica já explicada, inicia-se o capítulo três: Identidade étnica teuto-brasileira e o *Brasilianisches Deutschtum*. Este pretende definir identidade étnica e investigar a origem e características da sua variante teuto-brasileira, herdada e constituída pelos descendentes de alemães. Ao longo dos anos de permanência dos imigrantes e seus descendentes no Brasil, as misturas entre a cultura local e a germânica moldaram esta identidade, única e hifenizada.

Nas colônias, os recém chegados, muitas vezes isolados em áreas remotas e mal estruturadas, mantiveram seu idioma/dialeto e reproduziram o estilo de vida de seus lugares de origem, com instituições e associações (igrejas, escolas, folclore) similares. Este modo de vida germânico tem o nome de *Deutschtum* em alemão e sua variante brasileira é chamada de *Brasilianisches Deutschtum*.

O capítulo seguinte, “Imigração no século 20 e a herança alemã no Brasil atual”, volta à retrospectiva histórica, explicando como foram os últimos anos do fluxo imigratório, encerrado definitivamente na década de 1960. Também é aclarada e detalhada a campanha de nacionalização já mencionada. Este empreendimento varguista, iniciado em 1938, mudou muito a vida e o cotidiano dos teuto-brasileiros, seus principais alvos. Na época, o uso da língua e dialetos germânicos foi proibido, escolas e associações étnicas fechadas e a imprensa germânica impedida de circular.

Após este período conturbado, aos poucos algumas instituições e costumes vão ressurgindo. Assim, um tópico se dedica a apresentar a herança alemã no Brasil atual, o que existe e como vivem os descendentes. Apesar de muito ter se perdido com as interdições da época da Segunda Guerra e com os cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes, ainda existe um vínculo com esta cultura que deixou para o país um legado econômico, cultural e humano.

Já no capítulo cinco, intitulado “Mídia étnica: identidade, origens, caminhos”, o foco é voltado para os meios de comunicação étnicos alemães. A questão inicial a ser aí respondida é de que maneira a mídia étnica contribui na criação e/ou manutenção da identidade teuto-brasileira, qual a relação entre estes dois elementos. Além disso, é feita uma descrição histórica dos periódicos germânicos no Brasil, surgidos logo após a chegada dos imigrantes

pioneiros. O primeiro jornal criado foi o *Der Kolonist*, de Porto Alegre, em 1852, seguido rapidamente por diversos outros. A imprensa teuta, apesar de muito numerosa na primeira metade do século 20, foi em grande parte extinta com a campanha de nacionalização.

Voltando aos dias de hoje, são listados em outro tópico os meios de comunicação étnicos alemães existentes atualmente, sejam estes de tradição antiga ou recém criados. Apesar da baixa sofrida na Era Vargas, ainda há alguns periódicos feitos por ou voltados para este público teuto descendente, como os jornais *Brasil Post* e *Deutsche Zeitung*, ambos de São Paulo. Também, com a chegada de novas tecnologias, surgiram mídias além das de papel. O rádio, a televisão e a internet, ampliaram em muito as possibilidades de divulgação. Assim sendo, temos hoje algumas rádios e/ou programas de rádio e muitas páginas na internet voltadas para o tema da imigração alemã e sua herança, inclusive em comunidades de relacionamento virtual, como o Orkut.

Por fim, no sexto capítulo, são apresentados seis exemplos práticos de mídias étnicas atuais, sendo os meios escolhidos um jornal, uma rádio, uma comunidade do Orkut e os websites de uma associação cultural, de uma família de origem germânica e do portal BrasilAlemanha. De cada um, é descrita a história, como funciona, a infra-estrutura, localização, conteúdo e ligação com a herança e a identidade teuto-brasileira.

Quanto à metodologia, as pesquisas para a compilação de material teórico para o trabalho foram feitas em bibliotecas e pela internet, em sites que disponibilizam artigos, teses e papers, como o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (intercom), o da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação (compos) e o da Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Já a parte prática, de listagem e descrição das mídias atuais, foi feita através de contatos com representantes de diversos meios, entrevistados por mim por e-mail e/ou telefone. Estes meios selecionados foram escolhidos após pesquisa e levantamento do que ainda hoje existe de mídia étnica alemã no Brasil. Além disso, foram feitas entrevistas presenciais com brasileiros descendentes de alemães e contatos com colecionadores de materiais ligados a imigração, como jornais e fotos antigas. As entrevistas e questionários estão expostos na íntegra nos apêndices da monografia.

Finalmente, a proposta deste trabalho é tecer relações entre a imigração, a identidade e a mídia étnica alemãs. Um dos objetivos é compreender como estes três elementos estão ligados e como se influenciam. Que características da imigração possibilitaram o surgimento da identidade teuto-brasileira? Como a mídia étnica dá voz a estes grupos e ajuda a fomentar, criar ou preservar esta identidade?

Além destas, surgem outras questões históricas paralelas como: por que o Brasil recebeu imigrantes alemães, como foi o início do fluxo, onde foram instalados, que aspectos de sua cultura mantiveram nas colônias, o que os diferenciava de colonos de outras nacionalidades, como era a relação com o governo nacional etc. Enfim, o outro objetivo a ser alcançado é investigar e expor o panorama atual desta imigração, explicar como se encontram hoje as antigas colônias e os descendentes teutos, como é sua relação com esta ascendência e identidade, que mídias existem voltadas para este público e como funcionam e o que os imigrantes germânicos deixaram como herança para o país.

2. IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: O SÉCULO 19 E AS PRIMEIRAS COLÔNIAS

O Brasil inicia o seu período de imigrações não portuguesas no século 19, após a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro. Na época, o governo português recém instalado considerou que havia muitos motivos para trazer imigrantes e logo começou a preparar-se para promover e incentivar estes deslocamentos internacionais. É a partir daí, então, que começa a ser escrita a história oficial dos alemães no país.

Este capítulo pretende, portanto, descrever o início desta história, explicando as razões que levaram o império luso a buscar indivíduos em outras nações e o porquê da saída de determinadas pessoas de suas terras de origem. Além disso, pretende fazer uma descrição dos primeiros anos do fluxo migratório, resgatando quais foram os projetos coloniais pioneiros em solo brasileiro e como foi seu desenvolvimento.

2.1 Origens da imigração, os primeiros passos

A história oficial da imigração dos povos alemães para o Brasil começa no início do século 19. Mas, muito antes disso, já se encontram relatos da presença ou passagem de indivíduos de origem germânica no país. Sabe-se, por exemplo, que o náutico da nau de Pedro Álvares Cabral, o astrônomo e cosmógrafo Meister Johann (mestre João), tinha essa ascendência e a ele se seguiram outros ao longo dos séculos posteriores. Dois relativamente conhecidos são o aventureiro Hans Staden, que viveu entre índios no Brasil no século 16 e o barão Langsdorff, dono de uma residência fixa no Rio de Janeiro desde 1812 (KARASTOJANOV; 1999; p.63). Estes são, porém, fatos isolados e numericamente inexpressivos. A imigração maciça só ganhará de fato impulso a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808.

Alguns anos após aportar no Rio de Janeiro, mais precisamente em 16 de março de 1820, o então Rei Dom João VI instituiu um decreto³ que permitia a entrada de imigrantes de outras nacionalidades, que não a portuguesa, no Brasil. Este decreto foi uma das diversas

³ Os oito artigos que compunham este código foram criados por volta de 1817 e já nesta época serviram de base para a fundação das primeiras colônias no Brasil. Entretanto, eles foram elevados a Decreto apenas em 1820.

mudanças realizadas pelo monarca na época, logo após vir de Portugal fugindo das tropas de Napoleão. Ao chegar ao país, Dom João VI logo se deparou com um problema de considerável magnitude: o Brasil ainda tinha imensos vazios demográficos, especialmente preocupantes numa época de fronteiras indefinidas e disputas por territórios com a América espanhola. Deste fato surgiu uma das motivações para trazer estrangeiros: colonizar determinadas regiões brasileiras.

Além disso, também se pensava que a vinda de imigrantes poderia ajudar a alavancar o desenvolvimento do Brasil já que estes trariam consigo técnicas e práticas de seus países de origem. Mais tarde, perto do final do século 19, os imigrantes também foram fundamentais como mão de obra alternativa a escravidão recém-extinta. Pesados estes benefícios e, finalmente, decidindo-se por uma política de imigração, restava ao governo real português definir quais nacionalidades os candidatos a colonos teriam.

Nas primeiras décadas do século 19 existia o desejo, expresso pela política colonial de D. João VI, de ‘branquear’ o Brasil, contrabalanceando a mão-de-obra escrava negra com trabalhadores brancos. Neste momento, o país tentava constituir-se como nação - branca - voltada para a Europa (CARNEIRO; 2000; p.45) e, portanto, foi decidido que os imigrantes seriam de origem européia. Dentre as diversas nacionalidades possíveis, a alemã foi a predominante durante a primeira fase da colonização que durou até 1830. Diversos fatores explicam esta preferência, dentre eles destaca-se o fato da imperatriz D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I, ser austríaca e, portanto, de origem germânica.

A predominância de alemães nos primeiros projetos mais consistentes de colonização pode ser explicada pela presença influente de indivíduos de ascendência germânica junto ao Governo imperial brasileiro, e seu papel na orientação da política imigratória nos seus primórdios. A própria nomenclatura das colônias - Leopoldina, São Leopoldo, São Pedro de Alcântara - remete a Imperatriz Leopoldina e seu filho. (SEYFERTH; 2000a; p.277)

Além disso, outras nacionalidades européias não seriam bem quistas no país, como os espanhóis e franceses que disputavam também domínios coloniais em solo sul americano.

Portugueses e seus descendentes já estavam no país e, além do mais, o Brasil declarara sua independência. Imigrantes espanhóis não vinham ao caso porque os espanhóis eram os inimigos no sul, contra os quais se tinha de defender as fronteiras. Os franceses antes atacaram o Rio de Janeiro, tentando fundar ali a França Antártica. Os ingleses também haviam tentado se estabelecer no Brasil, e os holandeses mantiveram o Nordeste ocupado por 24 anos.⁴

⁴SOLIZ; 2004. “Como os alemães lançaram raízes no Brasil” – Telmo Muller entrevistado por Neusa Soliz. Disponível em: http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1158846_page_2,00.html. Acesso em: 20.09.08

Por tudo isso, os povos germânicos pareceram na época representar a solução ideal para colonizar o Brasil. Eles cumpriam os requisitos de serem de origem européia (e, portanto, branca), não disputarem território na região sul americana, serem uma população, em geral, instruída e ainda tinham como bônus as boas relações diplomáticas com a corte portuguesa advindas do casamento de Dom Pedro I com a princesa austríaca. O período das grandes imigrações foi, a partir daí, iniciado.

2.2 Situação na Europa no Século 19 e a definição do conceito de “alemão”

Uma questão igualmente importante para entender a imigração alemã para o Brasil é esclarecer o que motivou estas pessoas a deixarem seu país de origem, muitas vezes para jamais retornar. Mesmo no século 19, as distâncias a serem percorridas entre continentes ainda eram grandes e os meios de comunicação precários e lentos. As viagens nos vapores eram longas, desconfortáveis e perigosas. Naufrágios e epidemias a bordo vitimavam alguns passageiros antes da chegada ao destino final.

Ainda assim, milhares de pessoas deixaram suas casas e famílias para trás para tentar esta nova vida. Diversos europeus, de diferentes nacionalidades, fizeram esta viagem rumo ao atraente desconhecido ao longo do período das grandes migrações intercontinentais. Cada país deve isto a suas próprias questões históricas e, na Alemanha, uma das razões que se destaca é consequência da revolução industrial.

O movimento iniciado na Inglaterra espalhou-se pelo continente Europeu e mudou a vida de milhares de pessoas que viviam ainda arraigadas ao antigo sistema sócio-político-econômico. Com a chegada da indústria e das máquinas, o homem do campo, os artífices e os artesãos viram seus meios de subsistência ruírem. “Os pequeno-burgueses e o campesinato perderam tudo ou quase tudo. Nada mais podiam fazer a não ser trabalhar nas fábricas, sujeitando-se as limitações impostas por sua nova condição de trabalhadores assalariados” (KARASTOJANOV; 1999; p.73).

Ainda segundo Andrea Mara Souto Karastojanov, nestas zonas industriais os salários eram baixíssimos, levando a população à fome. Nas áreas rurais a situação era até mesmo pior: “nas aldeias manufatureiras e empobrecidas da Alemanha Central, as pessoas já estavam acostumadas a se alimentar de batatas e café ralo; feijão e mingau eram coisas raras” (KARASTOJANOV; 1999; p.73). Outro problema presente na época, também segundo Andrea Karastojanov, era a escassez de terras cultiváveis no norte da Alemanha e o

conseqüente alto preço das mesmas. Para agravar ainda mais a situação, pela tradição local, apenas o filho mais velho tinha direito a herança da terra e, portanto, os mais jovens tinham enorme dificuldade em adquirir um pedaço de chão para cultivar.

Com este quadro de convulsão social, mudanças, miséria e descontentamento, a emigração parecia a muitos uma opção razoável, uma chance de tentar uma vida melhor. Diversos trabalhadores com certa especialização almejavam, ao deixar a Alemanha, recriar aqui nestas terras tropicais, distantes e pouquíssimo industrializadas, suas formas de subsistência tradicionais (KARASTOJANOV; 1999; p.74). Por sua vez, para a população rural excedente que tampouco conseguiu se ajustar à nova dinâmica das cidades, emigrar significava a possibilidade de ter terras próprias para cultivar.

Finalmente, é importante explicar a definição de “alemão” presente neste trabalho e em outros estudos sobre a imigração. No início do século 19, a Alemanha, enquanto Estado federal como se conhece hoje, não existia. Em seu lugar encontravam-se diversas regiões independentes que se fundiram e separaram ao longo de parte dos anos do fluxo emigratório para o Brasil.

Destas fusões e separações outros Estados, Ligas e Impérios se compuseram alterando por vezes a nacionalidade dos que aqui se estabeleceram. Um exemplo de etnia afetada por esta “dança das fronteiras” no continente europeu são os pomeranos, numerosos entre os imigrantes de origem germânica que vieram para o Brasil. A Pomerânia, região de procedência destas pessoas, localiza-se hoje dentro da porção norte do território polonês, às margens do mar Báltico. Porém, até a segunda guerra mundial, ou seja, durante boa parte dos movimentos migratórios, esta área pertencia à Alemanha (WIKIPEDIA em inglês; 2008⁵).

Além disso, outros Estados e regiões nas adjacências do que se conhece hoje como Alemanha compartilhavam e compartilham com ela diversos aspectos culturais, como a língua e a história. Este é o caso, por exemplo, da Áustria, de Luxemburgo e de partes da Suíça. Outros territórios, hoje pertencentes à República Tcheca, França etc., também partilham esta raiz comum e imigrantes daí provenientes são considerados, neste estudo, igualmente alemães.

Portanto, a definição de “alemão” e de identidade alemã é, sobretudo, moldada pelo conceito de cultura germânica, chamado germanidade ou *Deutschtum*. São alemães os povos que dividem um conjunto de aspectos intelectuais, artísticos e religiosos similares, não importando a procedência direta de cada indivíduo (JOCHM; 2008⁶). Somando-se este

⁵ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Pomerania>. Acessado em: 16.09.08

⁶ Disponível em: http://www.tonijochm.com.br/imigrantes_alemaes.htm. Acessado em: 23.09.08

conjunto de fatores, pode-se dizer que os povos germânicos recebidos vieram, em ordem cronológica, dos seguintes locais e adjacências: Confederação dos Estados Alemães (1815-1866), Liga Setentrional Alemã (1866-1871), Estados Meridionais Alemães (1866-1871), Império Austro-Húngaro (1867-1918) e Império Alemão (1871-1918). Vale ressaltar que este último representa a primeira união nacional próxima do se conhece hoje como Alemanha, arquitetada por Otto Von Bismarck, e que perdurou até o fim da primeira guerra mundial.

2.3 A imigração alemã no Brasil: seis fases

O fluxo migratório dos povos germânicos para o Brasil, iniciado, como já visto, por iniciativa do governo imperial português, teve longa duração. Ele se estendeu de 1824 (data de início da primeira colônia bem sucedida) até a década de 60 e, segundo o estudo “Historia da imigração no Brasil: As famílias”, publicado pelo Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro S.N.D.C.B., pode ser dividido em seis diferentes etapas.

A primeira etapa vai de 1824 a 1830 e começa com a chegada dos primeiros colonos alemães no Brasil. Este fluxo inicial será interrompido em 1830 com o corte das verbas para a imigração. “Pressionado pela oposição política, D. Pedro I assinou a Lei do orçamento, de 15.12.1830, que suspendeu todos os recursos para a colonização estrangeira no país” (S.N.D.C.B.; 1986; p.29). Os que se opunham ao imperador acreditavam que os poucos recursos do governo não poderiam ser dedicados no momento a esta causa. Além disso, a Revolução Farroupilha no sul e a crise no Rio de Janeiro, com a volta de Dom Pedro I para Portugal em 1831, fizeram com que este período de paralisação se alongasse por uma década e meia.

Portanto, é apenas em 1845, com o fim da Revolução Farroupilha, que o movimento migratório é retomado, dando início a segunda fase da imigração alemã para o Brasil. Neste período, “foram estabelecidos as bases e os limites da colonização alemã, desde o Rio Grande do Sul até Minas Gerais” (S.N.D.C.B.; 1986; p.47). Um fato importante ocorrido no período foi a criação da Lei das Terras, em 1850, que determinou que os terrenos utilizados pelos colonos não fossem mais doados a eles e sim vendidos.

Enfim, em 1859 tem fim esta segunda fase, iniciando a terceira. Esta mudança é marcada pelo *Rescrito de Heydt*, promulgado na Prússia visando dificultar a vinda de imigrantes desta região para o Brasil. Este ato foi motivado pelas constantes notícias que

chegavam do não cumprimento de acordos e das más condições de vida encontradas pelos colonos aqui.

Este terceiro período, que se estende até a proclamação da República em 1889, abarcou importantes acontecimentos tanto no Brasil como nos países germânicos que afetaram o fluxo migratório alemão e os alemães já aqui estabelecidos. Estes eventos foram: Guerra do Paraguai (1864-1870), Guerra Franco Alemã (1870-1871) e a abolição da escravidão (1888), que acentuou a necessidade de mão de obra nas lavouras brasileiras. Outro fato que marcou esta fase foi o fim da exclusividade da entrada de alemães, com a chegada de grandes contingentes de italianos a partir de 1875.

A quarta etapa (a ser mais detalhadamente explicada junto com a quinta e a sexta no capítulo quatro deste trabalho, destinado ao século 20) começa com a proclamação da República, em 1889 e termina em 1919, juntamente com o fim da Primeira Guerra Mundial. Após o conflito, se inicia a quinta etapa que durou de 1919 a 1939 e recebeu um número grande de estrangeiros em relação às anteriores, como pode ser verificado na tabela abaixo:

IMIGRACAO ALEMA NO BRASIL		
Fase	Período	Total
Primeira, segunda e terceira	1824-47	8.176
	1848-72	19.523
	1872-79	14.325
	1880-89	18.901
Quarta	1890-99	17.084
	1900-09	13.848
	1910-19	25.902
Quinta	1920-29	75.801
	1930-39	27.497
Sexta	1940-49	6.807
	1950-59	16.643
	1960-69	5.659
TOTAL GERAL		250.166

Tabela adaptada. Original: Mauch, Claudia. Vasconcelos. Naira(Org). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 165

Finalmente, tem-se a sexta e última fase da imigração alemã para o Brasil. Esta transcorre entre o início da Segunda Guerra, em 1939 e a “década de 1960, quando chegaram

as últimas levas significativas” (WIKIPEDIA; 2008⁷). Enfim, à partir da década de 1960, cai bastante o número de imigrantes alemães que se dirigem ao Brasil. O período das grandes migrações advindas da Europa logo termina, deixando sua marca na composição étnica do povo brasileiro e na história nacional.

2.4 As primeiras tentativas: Rio de Janeiro e Bahia

Dentre todas as seis fases da colonização alemã, serão analisados neste capítulo os períodos iniciais, fundamentais para explicar e sedimentar as bases da presença alemã no Brasil (e suas conseqüentes características). Antes da independência do país, em 1822, quatro tentativas foram feitas, apesar de nenhuma ter sido de fato bem sucedida. A primeira delas foi em 1818, no sul da Bahia, quando alemães foram trazidos para a recém criada colônia Leopoldina. Estes imigrantes foram os primeiros alemães a chegar ao Brasil como tal e o nome da colônia era uma homenagem a também recém chegada princesa austro - brasileira Dona Leopoldina, esposa de Dom Pedro I.

A esta se seguiram outras duas, também na Bahia. Uma foi estabelecida perto de São Jorge dos Ilhéus e outra perto da própria colônia Leopoldina, chamada *Frankental* (vila dos Francos). A *Frankental* foi fundada pelo Major Jorge Antonio Schaeffer, expoente na história da colonização alemã no Brasil. Os três núcleos coloniais fracassaram em seus intentos, como explica a professora e pesquisadora Giralda Seyferth:

Estes empreendimentos não tiveram sucesso no sentido esperado (uma organização econômica diversa da *plantation* escravista): os colonos se dispersaram e as sesmarias correspondentes se transformaram em plantações trabalhadas por escravos. (SEYFERTH; 2000a; p.276)

Quase paralelamente a estas tentativas, foi fundada também no Rio de Janeiro a colônia de Nova Friburgo, em 1819. Os pioneiros na ocupação do lugar foram 1.631 suíços, trazidos pelo governo imperial. A maior parte destes imigrantes era originária da região conhecida como Cantão de Fribourg e o nome da nova cidade e sua localização (de clima ameno) foram escolhidos em homenagem a eles. Dos que lá se instalaram, a maior parte era francófona, mas também vieram, ainda que em diminuto número, algumas famílias de origem germânica.

⁷ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil. Acessado em: 24.09.08

Este núcleo, criado nas terras da fazenda “Morro Queimado”, provou-se, igualmente a seus pares na Bahia, um insucesso. Os problemas encontrados pelos imigrantes foram muitos e começaram já na viagem da Europa para o Brasil, quando cerca de 400 pessoas morreram no trajeto. Outras dificuldades que podem ser citadas são:

O número de imigrantes muito superior ao acordado (apesar das inúmeras baixas durante a viagem), a topografia muito acidentada dificultando a agricultura e o contato entre os lotes, a deficiência das acomodações, a fragilidade dos meios de comunicação com os centros urbanos, além da ausência de uma administração eficaz (...). (CARNEIRO; 2000; p. 45)

Portanto, os colonos, confrontados com as péssimas condições de vida no lugar, rapidamente se dispersaram buscando novas terras ou cidades próximas. Como forma de evitar que este projeto colonial desaparecesse, o governo resolveu trazer um novo contingente de imigrantes para a então abandonada Nova Friburgo. Desta vez a nacionalidade escolhida foi a alemã e ali foram instalados cerca de 350 indivíduos em 1824.

Estas quatro tentativas e fracassos configuram a primeira etapa mal sucedida do grande processo que foi a colonização no Brasil. Por não terem funcionado como esperado, são esquecidas por muitos autores que tratam do tema da imigração. Estes núcleos não fincaram raízes ou embutiram uma noção de pertencimento étnico em seus participantes. As histórias e tradições familiares se perderam quando os colonos se dissiparam, diante das condições precárias encontradas nos locais. Porém, estas quatro experiências são importantes enquanto contraponto as outras que serão abordadas abaixo, a partir da fundação da colônia localizada no Rio Grande do Sul, na Imperial Feitoria do Linho Cânhamo, em 1824. Esta sim a primeira iniciativa bem sucedida e por isto vista como “fato inaugural da colonização alemã no Brasil” (SEYFERTH; 2000a; p. 276).

2.5 As primeiras colônias de fato: São Leopoldo e suas sucessoras

Este primeiro empreendimento bem sucedido, como já destacado, foi um marco na história da colonização. Ele foi promovido pelo Major Schaeffer, já citado anteriormente como um expoente na história da imigração alemã para o Brasil. Seu papel na criação desta colônia foi se dirigir, a pedido de Dom Pedro I, aos estados alemães para aliciar possíveis colonos. Os 39 imigrantes selecionados chegaram a Porto Alegre em 25 de julho de 1824,

data até hoje comemorada localmente como o “Dia do Colono”. Este assentamento na Imperial Feitoria do Linho Cãhamo deu origem a colônia e atual cidade de São Leopoldo.

Após este primeiro empreendimento bem sucedido, outros se sucederam ao longo dos anos subsequentes (ANEXO A). Algumas das colônias fundadas nos três estados sulistas ainda no século 19 foram: São Pedro de Alcântara (1829), Santo Ângelo (1857), Nova Petrópolis (1858), Pomerode (1861), Blumenau (1850) e Dona Francisca, depois chamada de Joinville (1851). Muitos destes povoados originais, como se pode reconhecer em alguns dos nomes anteriormente citados, se transformaram em cidades existentes até hoje

Apesar do sucesso destes núcleos, a chegada dos colonos na região sul não foi menos traumática do que para os que se instalaram nos primeiros assentamentos no Rio de Janeiro e na Bahia. Estas novas colônias, embora tenham tido um planejamento mais minucioso, também enfrentaram problemas na execução dos referidos projetos.

Os candidatos estrangeiros a pequenos proprietários de terra tiveram, em muitos casos, que esperar meses pela demarcação de seus lotes. Além disso, receberam diversas vezes a zona de instalação da colônia ainda coberta pela mata subtropical local e sem praticamente nada construído. Estas áreas são conhecidas como zonas pioneiras e foram os próprios colonos que, em geral, trabalharam na sua preparação, construindo pontes e estradas, edificando alojamentos públicos, etc. Esta atividade ajudou muitos imigrantes a quitar a dívida colonial, mas, ao mesmo tempo, complicou a vida daqueles que tinham que esperar meses para ter a vida restabelecida (SEYFERTH; 2000a; p.288). Estas áreas também sofreram, em alguns casos, com epidemias de tifo e febre amarela, por exemplo.

Embora as dificuldades e complicações para os imigrantes também tenham sido grandes no sul do país, esta região ganhou a preferência na colonização desde as fases iniciais. Isto não quer dizer que não tenham sido fundadas colônias em outras áreas, pois de fato houve casos como no Espírito Santo (Santa Isabel - 1847) e no Rio de Janeiro (Petrópolis - 1845). Entretanto, por um conjunto de fatores, o sul foi privilegiado neste processo. Em primeiro lugar, as fronteiras da região estavam entre as mais ameaçadas do país no início do século 19. Os vazios demográficos eram imensos. Além disso, aquela era uma área desinteressante (apesar de fértil) para a plantação de produtos rentáveis no mercado externo e era por isso menos povoada. O clima não era propício para o cultivo dos lucrativos produtos “tropicais”, como o café. Por último, o que veio a acentuar ainda mais esta vocação atrativa local foi a

suspensão, em determinado momento, do *Restrito de Heydt*⁸ apenas para os três estados sulistas.

Com todos estes dados favoráveis, o sul recebeu o maior contingente de imigrantes germânicos do país. Porém, a maior parte de suas mais significativas colônias só surgiu após a segunda metade do século 19. Destas colônias, algumas foram fruto de iniciativas oficiais (ora União, ora províncias) e outras da iniciativa privada, como no caso de Blumenau. No total, até o final do império, em 1889, tinham sido fundadas cerca de 80 colônias alemãs, sendo 13 oficiais (PELLANDA apud SEYFERTH; 2000a; p.281).

Os imigrantes germânicos nelas estabelecidos vinham de muitas regiões diferentes das quais pode-se destacar: Pomerânia, Hunsrück, Hesse, Renânia, além dos chamados alemães do Volga (teuto-russos) e suábios do Danúbio (minoría germânica expulsa da Iugoslávia). Estes assentamentos para onde foram conduzidos estavam principalmente localizados “na bacia do rio Jacuí e seus tributários Cai, Sinos e Taquari, chegando até a borda da Serra Geral” (SEYFERTH; 2000a; p.281). No cotidiano das colônias, as atividades por eles desempenhadas eram principalmente a policultura e a criação de animais, seguida pela produção de derivados, como o queijo e a manteiga. As tarefas eram divididas por sexo e por idade e cada família trabalhava, em geral, seu próprio lote.

Por fim, vale ressaltar que na época, embora não tenha sido tratado aqui, alguns imigrantes também se dirigiram a determinadas cidades brasileiras. Este fato não ganha destaque neste trabalho, pois a maioria dos que permaneceram em centros urbanizados logo se assimilaram e, diferentemente dos colonos de áreas rurais, pouco contribuíram na concepção das características peculiares (aqui estudadas) da colonização alemã no Brasil.

⁸ O Restrito de Heydt foi instituído em 1859 pela Prússia. Ele visava dificultar a vinda de imigrantes para o Brasil devido às constantes notícias que chegavam das más condições de vida encontradas pelos colonos aqui.

3. IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA E O “BRASILIANISCHES DEUTSCHTUM”

O fluxo de imigrantes alemães para o Brasil foi longo e atravessou muitas décadas. Eles foram praticamente os primeiros a chegar como colonos e a começar a povoar e desenvolver o sul do país. Nas diversas áreas onde se instalaram perpetuaram seu modo de vida ao mesmo tempo em que foram influenciados pela cultura tradicional local.

Com esta mistura, ao longo das gerações, criaram uma identidade própria, a chamada identidade teuto-brasileira, tema deste capítulo. O objetivo aqui é definir conceitualmente o que é uma identidade étnica e quais são os elementos específicos e característicos desta variante germano brasileira.

3.1 O que é identidade étnica?

A identidade étnica, termo muito empregado para descrever comunidades específicas, é um conceito simples e ao mesmo tempo complexo. Simples na descrição do seu significado primário e complexo nas diversas interpretações que podem ser geradas a partir daí. O momento histórico, decisões políticas ou locais específicos, são fatores que podem influir na definição e no uso deste conceito e seus correspondentes, como será visto mais abaixo.

Portanto, para melhor descrever o que é identidade étnica, cabe primeiro analisar e explicar outras idéias que estão diretamente interligadas a ela, como nação, raça, etnia ou grupo étnico e povo. Começando por etnia ou grupo étnico (estreita e intimamente relacionados ao conceito em análise), eles podem ser entendidos como “uma comunidade humana definida por afinidades lingüísticas e culturais e semelhanças genéticas que geralmente reivindica para si uma estrutura social, política e um território” (WIKIPEDIA; 2008)⁹.

Já povo, segundo o dicionário Aurélio, refere-se a “um conjunto de indivíduos que falam (em regra) a mesma língua, tem costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns; são os habitantes duma localidade ou região”. Estes dois conceitos até agora analisados se assemelham bastante e ambos procuram definir um grupo de pessoas e suas idiossincrasias comunitárias. O terceiro conceito, nação, vem de certa forma sedimentar estas duas idéias, englobando-as. Também segundo o dicionário Aurélio, em uma de suas

⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnia>. Acessado em: 17.10.08.

definições, nação é o mesmo que país ou “o povo dum território organizado politicamente sob um único governo”. Porém, vale ressaltar, o conceito de nação pode ser entendido de maneira mais ampla, onde seus elementos constituintes não se localizam todos sob a tutela de um único país e sim espalhados por vários (Ex: judeus, curdos, diversas etnias africanas).

Nesta mesma linha, a pesquisadora Alcimara Aparecida Foetsch define nação como:

(...) esta pode ser vista como uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade, onde os sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas e contribuem para o imaginário, e sendo, portanto muito mais do que uma porção de terras demarcadas por limites políticos. (FOETSCH; 2007; p.3)

Por fim, chega-se à definição de raça. Este conceito frequentemente é confundido com etnia, apesar de serem sensivelmente diferentes. Enquanto “etnia também compreende os fatores culturais, como a nacionalidade, a religião, a língua e as tradições, raça compreende apenas os fatores morfológicos, como cor de pele, constituição física, estatura, traço facial, etc.” (WIKIPEDIA; 2008)¹⁰. Ou seja, o conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico (MUNANGA; 2004; p.12).

Além disso, a definição clássica de raça, que divide a humanidade em três – brancos, negros e amarelos - é um conceito considerado ultrapassado pela biologia e genética modernas. Diversos estudos demonstram que não há diferenças genéticas suficientes entre seres humanos para dividi-los por raças, muito menos baseadas em aspectos físicos diretos, fruto de adaptação longínqua aos distintos habitats.

Estas teorias já suplantadas ganharam bastante espaço em séculos passados, quando foram utilizadas para afirmar a superioridade de uma “raça” sobre a outra, ou seja, o direito de um grupo dominar, doutrinar e conduzir outro. Mesmo dentro da história das imigrações para o Brasil, como visto neste trabalho, elas ajudaram a justificar a preferência do governo por colonos brancos europeus, vistos como indivíduos de qualidade “superior” que ajudariam a equilibrar e branquear o país habitado por muitos negros e indígenas. Esta mesma visão de raça também justificou fenômenos como a escravidão e forneceu e fornece bases para racismos.

Assim sendo pode-se dizer que o conceito de raça, biológico nos primórdios, é na verdade “carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno-semântica e político-ideológica” (MUNANGA; 2004; p.6). Ou seja, este é um conceito que varia de local a local, de período a

¹⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_%C3%A9tnico. Acessado em: 17.10.08.

período, dependendo de questões políticas, momentâneas, culturais etc. Usando exemplo do antropólogo Kabengele Munanga, os conceitos de branco, negro e mestiço não têm significados iguais nos Estados Unidos, no Brasil, na Inglaterra e na África do Sul (MUNANGA; 2004; p.6). E, pode-se acrescentar, nestes mesmos países estas definições também mudaram e ainda mudarão ao longo do tempo.

Além disso, apesar de a raça não existir “na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos” (MUNANGA; 2004; p.6).

Enfim, todas estas considerações sobre raça e suas diversas interpretações objetivam evitar que este conceito se confunda de maneira negativa com as definições de etnia e identidade étnica aqui trabalhadas. Apesar de hoje, às vezes, o nome “etnia” ser usado para mascarar as mesmas especificações de raça apresentadas, neste estudo, como já explicado, ele foge desta compartimentalização. Seu significado é mais abrangente, composto por um conjunto mais extenso e complexo de fatores sociais, históricos, psicológicos e culturais.

Finalmente, com estas definições expostas, pode-se voltar à pergunta do que é identidade étnica. Pois ela é, justamente, resultado da mistura destes conceitos apresentados de etnia, povo, nação etc. interpretados por um grupo. Na visão de Fredrik Barth (BARTH apud LEHMANN-CARPZOV; 1995) ¹¹, a identidade étnica é o fato de um grupo contar "com membros que se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros". Ou seja, membros que se identificam e se reconhecem uns nos outros por características como cultura, língua, história, origem e também (mas não isoladamente) pela aparência.

Na visão de outro teórico, Daniel Glaser, (GLASER apud OLIVEIRA; 1976; p.118) identidade étnica “refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar e, assim, relacionar-se aos outros”. Já Roberto Cardoso de Oliveira (1976) afirma também que a identidade étnica, “no âmbito das relações inter-étnicas”, se exprime como “um sistema de oposições ou contrastes”, explicada pelo conceito de “identidade constrativa”.

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se

¹¹ Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/pesqui/carpzov.rtf>. Acessado em: 17.10.08.

afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada. (OLIVEIRA; 1976; p.120)

Ou seja, a identidade étnica de um grupo não existe sozinha, isolada. Ela subentende necessariamente a existência de outras identidades, outras comunidades com características distintas, com os quais possa comparar-se e estabelecer suas fronteiras étnicas de separação e diferenciação.

3.2 A identidade étnica teuto brasileira e suas origens

Enfim, depois de discutido o significado de identidade étnica resta aplicar brevemente o conceito a este trabalho. Dentre as diversas identidades étnicas existentes em todo o mundo, o objeto de análise aqui é a teuto brasileira, ou melhor, a identidade de grupo dos imigrantes alemães que se estabeleceram no Brasil e de seus descendentes que neste país viveram ou ainda vivem décadas depois. Como já visto, esta questão está relacionada a características compartilhadas por um determinado número de pessoas, como língua, história, origem, cultura. Portanto, os indivíduos inseridos no grupo se identificam com os outros membros através destes atributos comuns. Da mesma forma, por oposição, eles se diferenciam de outras comunidades.

Como será visto mais detalhadamente no próximo tópico, a imigração alemã para o Brasil teve características próprias que a diferenciam de outras imigrações para o mesmo território. Estas características, somadas às heranças que este processo (da maneira como foi feito) e seus integrantes deixaram para a atualidade, compõem o cenário da identidade teuto-brasileira. Este grupo de imigrantes e descendentes produziu, ao longo dos quase 200 anos de chegada dos primeiros colonos, esta identidade hifenizada, formada por uma mistura, uma hibridização da cultura ancestral alemã (ligada às origens dos que de lá para cá vieram) com a realidade da vida, dos costumes e hábitos da nova pátria.

Assim sendo, os brasileiros de origem germânica e que ainda se mantêm ligados a esta procedência em algum nível, têm sua identidade hifenizada formulada através de: uma história comum (passado migratório); origem (a Alemanha natal dos ancestrais); língua (os dialetos germânicos que ainda falam ou que são ainda falados por algum membro da família em associação com a fluência do português nas gerações mais novas); costumes (hábitos alimentares específicos etc); ritos de celebração (ex: participação em festas tradicionais germânicas como *Kerb*, mas também participação em festas nacionais nas gerações mais

novas); cultura (danças folclóricas, grupos associativos), escrita (mídia, literatura étnica, etc); religião; aparência física (predominância, mas não exclusividade principalmente após miscigenação, de indivíduos de pele e olhos claros) etc.

Na realidade, o que se chama de identidade teuto-brasileira poderia ser também traduzido como identidades teuto-brasileiras. Como já mencionado no capítulo anterior, os imigrantes alemães que se estabeleceram no Brasil vieram de muitas regiões distintas e apresentavam, por isso, algumas diferenças culturais entre eles. Da mesma forma, entre as diversas comunidades atuais de origem germânica, existem diferenças expressas pelos distintos dialetos, alguns aspectos comportamentais etc. Entretanto, como estes grupos são ainda bem semelhantes apesar das diferenças (e também já se misturaram bastante entre eles) não chegam a poder hastear sozinhos, cada qual, uma bandeira de identidade étnica individualizada.

Ou seja, os teuto-brasileiros de origem pomerana, do Hunsrück etc. se agrupam todos, apesar das idiossincrasias, sob uma mesma identidade. Costuraram aqui nestas terras tropicais uma identidade conjunta e unificada que muitas vezes sequer existia nos territórios alemães natais. Esta foi uma identificação promovida pela origem comum germânica dos que estavam longe e em ambiente bem diverso de suas distintas terras de origem. Assim como são todos lá considerados germânicos, aqui são todos teuto-brasileiros. E, revestidos desta apresentação, encontram sua identidade também em oposição (como explicado na parte teórica deste tópico) a dos ítalo-brasileiros, brasileiros de origem polonesa, armênia, espanhola, portuguesa etc.

Entretanto, é importante ressaltar que a identidade teuto-brasileira e suas características - como também se teme na definição de raça - não traduzem aqui nenhuma vantagem ou superioridade perante outras identidades hifenizadas ou não. O seu estudo e descrição têm como objetivo mapear e esclarecer uma das partes constituintes da colcha de retalhos cultural brasileira.

Por fim, parte-se para a análise da origem da formação desta identidade e que elementos contribuíram para tanto. Frutos de características próprias da política imigratória local, o surgimento e a manutenção da identidade teuto-brasileira estão profundamente ligados à questão da homogeneidade e isolamento das colônias. Ao chegarem ao Brasil, como já abordado, os colonos alemães (e de outras nacionalidades) foram conduzidos a seus lotes, muitas vezes localizados em meio a mata virgem, isolados e despreparados. E era nestes

espaços que o governo queria que ficassem, ali restringidos, cultivando seus terrenos junto com suas famílias e mantendo o papel desejado de colonos rurais (SEYFERTH; 1993)¹².

Além disso, como já visto no capítulo anterior deste trabalho, os projetos de colonização foram marcados pela desorganização e pela falta de infra-estrutura determinadas pela insuficiência de recursos públicos.

O cotidiano das primeiras décadas da maioria das colônias foi marcado pela insegurança gerada por problemas fundiários e pelas deficiências dos serviços públicos essenciais. As verbas não eram suficientes para abrir as estradas necessárias, para demarcar os lotes com antecedência, para atender às demandas na área do ensino fundamental e da saúde. (SEYFERTH; 1993)¹³

Para suprir estas lacunas deixadas pelo Estado Brasileiro, os imigrantes se organizaram comunitariamente, criando diversas instituições e associações (a serem detalhadas no próximo tópico). Estas foram feitas à imagem e semelhança das de seus locais de origem.

Para finalizar, outra característica da política imigratória que contribuiu neste processo foi a instituição de muitas colônias homogêneas, ou seja, com indivíduos de apenas uma etnia, neste caso a germânica. Isto, junto com as questões antes mencionadas, facilitou para que mantivessem muitos de seus costumes comuns e compusessem uma sociedade distinta da nacional, uma sociedade teuto-brasileira (radicalmente distinta no início e sensivelmente distinta atualmente). E é esta sociedade específica originada que, junto com suas características e seus membros, expressa a identidade étnica aqui estudada, a teuto-brasileira.

3.3 O *Brasilianisches Deutschum*: idioma, religião, associações, cultura

Definida a existência da identidade étnica teuto-brasileira e suas origens, resta aqui detalhar suas características e explicar o conceito fundamental ligado a ela: o *Deutschum*. Podendo ser traduzido como germanidade, esta é palavra que simboliza em alemão os elementos únicos da cultura germânica e o modo de viver de seus integrantes. No Brasil, com as hibridizações e misturas de elementos, este conceito ganhou versão nova sendo por aqui chamado de *Brasilianisches Deutschum*. Ou seja, é a germanidade abasileirada, imbuída de alguns atributos diferenciados em relação à original.

Para posteriormente identificar, apontar e detalhar estes atributos parte-se aqui primeiro de uma reflexão. Os alemães, apesar da longa duração de seu processo migratório,

¹² Disponível em: http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm.

Acessado em: 11.10.08.

¹³ Idem.

vieram para o Brasil em muito menor número que outras nacionalidades, como os italianos (ANEXO B). Entretanto, deixaram uma forte marca na história e cultura do país, principalmente nos três estados do sul para onde o fluxo foi mais intenso.

Afinal, quando se pensa em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná logo nos vêm à memória cidades como Joinville e Blumenau, com suas casas em estilo enxaimel¹⁴, festas como a *Oktoberfest* e seus muitos habitantes loiros e de olhos azuis¹⁵, heranças mais óbvias, porém não únicas da imigração alemã. Então, como isto aconteceu? E que características da história da imigração e posterior organização deste povo ajudaram a fomentar e construir o *Brasilianisches Deutschtum* e esta identidade local e teuto-brasileira?

Em primeiro lugar, pode-se destacar a semelhança entre os núcleos coloniais alemães e de outras nacionalidades. Sem distinção de origem, “a política imigratória foi a mesma para todos: o modelo de povoamento e concessão de terras consignado em lei e imposto pelo Estado” (SEYFERTH; 2000a; p.291). Isto quer dizer que todos os colonos, de qualquer origem (poloneses, italianos, alemães), tiveram direito as mesmas coisas, como subsídios, assentamento em lotes de terra etc. Também estiveram sujeitos as mesmas mazelas, decorrentes de falhas no processo de colonização. A estrutura colonial (complexo colonial) e o tipo de exploração não apresentaram diferenças entre os grupos nacionais disseminados no país.

A diferença, portanto, entre os grupos alemães e os de outras origens está relacionada a influência da tradição nacional deste povo, sua organização social e étnica. Um fator primordial para o desenvolvimento ou perpetuação deste *modus operandi* no Brasil foi o fato de, como já visto, muitas destas colônias se encontrarem isoladas da sociedade brasileira. As dificuldades de acesso e de comunicação, devido a precariedade de estradas e vias, e a falta de infra-estrutura inicial (além da homogeneidade étnica dos colonos) permitiram que os habitantes destas zonas mantivessem muitos de seus hábitos e costumes.

Como primeira exemplificação, o idioma alemão - representado por seus diversos dialetos regionais - continuou sendo utilizado pelas famílias e seus descendentes, em casa e nas relações sociais locais. Além disso, a não existência de escolas nos núcleos e o descaso do governo brasileiro para com os inúmeros pedidos, levou os colonos alemães a criarem seu

¹⁴ Tipo de construção típica alemã que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos por pedras ou tijolos.

¹⁵ Vale ressaltar que embora indivíduos louros e de olhos claros sejam imediatamente associados a alemães, muitos não têm estas características. Apesar da imagem típica, há muitos alemães, provenientes de uma das diversas regiões de origem germânica, de estatura menor e/ou feições diferentes, olhos e cabelos mais escuros.

próprio sistema de ensino. Este era um fator muito importante para estes imigrantes, pois na terra natal de vários, a educação pública e gratuita já era fornecida pelo Estado há anos.

Portanto, assim que chegaram escolas comunitárias foram instaladas nos assentamentos. A estrutura era muito simples e tudo era organizado e provido pelos próprios colonos: eles se uniam para construir o prédio e selecionavam dentro da comunidade os professores, muitos sem preparo específico e trabalhadores das lavouras como os demais. O idioma em sala de aula era o alemão e “a orientação pedagógica vinha da Alemanha, por intermédio de associações de ensino e publicações periódicas locais, como o *Lehrerzeitung*, de Porto Alegre” (SEYFERTH; 2000a; p.292). Algumas escolas também estavam ligadas a comunidades religiosas e contavam com melhor infra-estrutura. Estas instituições, neste contexto, acabaram por ajudar a moldar ou perpetuar a etnicidade alemã no Brasil:

A escola alemã, portanto, foi criada para atender às necessidades de ensino elementar de uma população estrangeira, mas aos poucos tomou feição étnica, assumida na configuração da etnicidade como instrumento da germanidade e perpetuadora da língua e cultura alemãs. Nesta perspectiva objetivava educar os filhos dos imigrantes como cidadãos brasileiros pertencentes à etnia (ou nação) alemã, dando-lhes uma consciência étnica. (SEYFERTH; 2000a; p.292)

Outra característica que marcou a comunidade alemã foi a religiosidade. Muitos colonos eram luteranos e, sendo o catolicismo a religião oficial do Brasil, eles encontraram dificuldades em preservar aqui sua crença. O luteranismo, conforme prometido no agenciamento na Europa, era tolerado, mas sofria várias restrições. Os colonos não podiam, por exemplo, edificar igrejas que aparentassem externamente como tal. Portanto, os próprios imigrantes tiveram que organizar sozinhos a assistência religiosa local, conduzida muitas vezes por pastores leigos provenientes da própria comunidade. Como consequência deste trabalho de estruturação dos imigrantes alemães, “o Luteranismo se estabeleceu e expandiu em solo brasileiro” (WIKIPEDIA; 2008)¹⁶.

Também com o objetivo de se ajudar mutuamente os colonos alemães criaram, em seus núcleos, associações beneficentes e assistenciais. Elas eram chamadas de *Hilfsverein* e *Krankenverein* e pretendiam suprir a comunidade com os serviços básicos não fornecidos pelo governo, como, por exemplo, atendimento médico.

Outro tipo de instituição, igualmente criada pelos colonos, também era fundamental na vida social dos alemães e seus descendentes: as associações culturais e esportivas que englobavam as manifestações de canto, ginástica, clube de atiradores etc. Seus nomes em alemão eram respectivamente *Gesangverein*, *Turnverein* e *Shützverein*.

¹⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luteranismo>. Acessado em: 12.11.08.

Se criadas a princípio, assim como a escola e demais associações, apenas para suprir necessidades organizacionais, elas logo passaram a simbolizar o “estilo de vida germânico, o *Deutschtum*” (SEYFERTH; 2000a; p.292). Portanto, elas perpetuavam o estilo de vida deixado na Alemanha, patrocinando e promovendo peças teatrais, bailes, canto de coral, apresentações de dança, manifestações folclóricas etc e transformaram a vida nas colônias:

Tais atividades transformaram as principais colônias em centros culturais e artísticos importantes, onde havia grande numero de conjuntos musicais, praticava-se teatro amador, etc. As associações também se organizaram em federações, formando uma grande rede que ligava as diversas colônias entre si, inclusive estabelecidas nas capitais. (SEYFERTH; 2000a; p.292)

Além das características já descritas, a imprensa e a tradição literária também foram fatores marcantes nas colônias e na fomentação desta identidade local. Quanto à publicação de jornais, segundo o colecionador de periódicos Adriano Costa, os alemães parecem se destacar de outras nacionalidades:

A Alemanha nunca foi uma potência colonial, mas os alemães e seus descendentes são obcecados por publicar jornais em alemão pelo mundo. Quase todos os países do mundo têm pelo menos um jornal para a leitura de quem fala a língua de Goethe. O curioso é que isso é um caso único, porque o mesmo não acontece, por exemplo, com o francês e o espanhol. A França e a Espanha tiveram muito mais colônias que a Alemanha e são nações cujos idiomas estão disseminados pelos quatro cantos do mundo. Não me refiro aqui a publicação de jornais de modo geral. (...) Eu me refiro aos jornais publicados em uma língua diferente da que é usada em cada país. Como, por exemplo, os jornais em alemão, italiano ou chinês publicados no Brasil. Nisso, os alemães ao que parece ganham em disparada. E em muitos casos, são periódicos que têm uma longa tradição de publicação ininterrupta. Alguns já fizeram 100 ou 150 anos que são editados. (COSTA; 2004)¹⁷

Os jornais foram e são importantes características do *Deutschtum*, a cultura e o modo de viver germânicos. Eles, juntamente com outros tipos de meios de comunicação étnicos, serão descritos mais detalhadamente (passado e presente) no capítulo cinco deste trabalho, dedicado as mídias feitas por ou voltadas para os descendentes brasileiros dos imigrantes alemães.

Enfim, foi este conjunto de ações empreendidas pelos colonos dentro de suas arestas culturais, misturadas com algumas características locais, que criaram o *Brasilianisches Deutschtum*, a identidade teuto-brasileira. O espírito associativo germânico perpetuou sua cultura e permitiu o surgimento e manutenção, nas gerações posteriores, do sentimento de pertencimento étnico que é até hoje visível em muitas das áreas onde habitaram e nas falas de seus descendentes.

¹⁷ Disponível em: http://www.osjornais.blogger.com.br/2004_03_28_archive.html. Acessado em: 19.11.08

4. IMIGRAÇÃO NO SÉCULO 20 E HERANÇA ALEMÃ NO BRASIL ATUAL

No capítulo dois deste trabalho foram descritos o início da imigração e das primeiras colônias. Aqui o que se pretende é fechar este ciclo, explicando como foi o fluxo migratório nas décadas iniciais do século 20 e o que foi a campanha de nacionalização, projeto getulista que afetou sensivelmente os colonos e seus descendentes neste período.

Em relação ao capítulo três esta parte fecha, igualmente, um ciclo, ao explicar o efeito destas políticas governamentais do Estado Novo sobre as diversas instituições e associações criadas pelos imigrantes, representativas de seu estilo de vida e de sua identidade (*Brasilianisches Deutschtum*).

Por fim, este capítulo aborda também a questão da herança deixada pelos alemães na atualidade, nos locais onde viveram e na história e na sociedade brasileiras. Analisa-se de que maneira estão atualmente as antigas áreas coloniais, como e se os descendentes se relacionam com a cultura dos seus ancestrais, enfim, que legados econômico, cultural e humano deixaram os imigrantes e são ainda hoje percebidos e encontrados.

4.1 As últimas colônias e a redução do fluxo de imigração

Como visto brevemente no capítulo dois deste trabalho, dentre as seis fases em que se pode dividir a imigração alemã para o Brasil, o século 20 envolve três delas. Estas são a quarta, a quinta e a sexta etapas, situadas respectivamente entre 1889-1919, 1919-1939 e 1939-década de 60. Na quarta fase, iniciada ainda no século 19 com a proclamação da República, o principal fator de destaque foi o retorno, para a União, da responsabilidade sobre a imigração, delegada às províncias por algum tempo.

A partir daí, o Estado daria auxílio as diferentes províncias que atraíssem colonos e prestaria algum apoio oficial ao imigrante recém-chegado, como vagas em hospedarias e remuneração temporária antes do assentamento nos respectivos lotes. Isto gerou desavenças entre União e províncias, mas não chegou a interromper o fluxo migratório, só suspenso pelo início da primeira guerra mundial, em 1914.

É justamente após o fim desta guerra, em 1919, que começa a quinta fase, estendendo-se até 1939. Este período envolve algumas questões políticas e econômicas de peso no mundo, como o período conturbado entre as duas grandes guerras mundiais e a queda da bolsa

de Nova York (em 1929). A Alemanha, abalada pelos acontecimentos recentes e com o agravante de ter sido derrotada, enfrenta, nos anos seguintes ao fim da primeira guerra, grandes problemas econômicos e sociais.

Esta situação faz o número de imigrantes que se dirigem para o Brasil crescer muito, quase duplicando a quantidade recebida na fase anterior. Contribui também para este aumento, a ascensão, a partir da década de 1930, do nazismo na Alemanha, a esta altura já recuperada economicamente. Neste caso, o motivo que leva alguns alemães a deixarem sua terra é a busca de um refugio seguro para os não quistos pelo regime de Hitler, como os judeus. Além disso, na década de 20, “o avanço do regime comunista motivou a vinda para o Brasil de romenos, poloneses e russos de fala alemã” (WEBER; 1989)¹⁸.

Contraditoriamente, é também nesta fase que tem início um enrijecimento das regras de imigração, alavancadas pelo início da Era Vargas (em 1930). A entrada de estrangeiros passa a ser dificultada por leis como um “artigo da Constituição de 1934, que limitava a imigração a um máximo anual de 2% dos nacionais de cada país fixados no Brasil no decorrer dos cinquenta anos anteriores” (S.N.D.C.B.; 1986; p.58).

Já a sexta e ultima fase da imigração alemã para o Brasil se estendeu, como visto, entre o princípio da segunda guerra, em 1939 e a década de 1960. Nesta etapa, o número de imigrantes entra em declínio. Ainda chegam algumas levas significativas após o fim do segundo conflito mundial, mas a redução é, a partir daí, irreversível.

Além das restrições impostas no Brasil e das mudanças internas experimentadas, aos poucos a situação geopolítica do mundo vai mudando. A Europa - ocidental - recuperada, e impulsionada pelo constante desenvolvimento, deixa paulatinamente de ser um continente de vocação emigrante para se transformar em um receptor de imigrantes. Os candidatos a “fazer a América” começam a se extinguir e se encerra aí o período das grandes imigrações para o Brasil.

No percurso dos últimos 150 anos, os vazios das zonas fronteiriças do sul, desapareceram praticamente; a toma das terras está concluída. Não se precisa mais de “braços”; a urgência hoje é obter “cabeças”, para poder acompanhar o desenvolvimento tecnológico e espiritual das nações avançadas. O clico da imigração e colonização se fechou (...). (S.N.D.C.B.; 1986; p.62).

Sobre os alemães que aqui chegaram e se instalaram, vale ressaltar que, durante estas duas últimas etapas, o fato de Brasil e Alemanha terem ocupado lados opostos em ambas as guerras mundiais, gerou proibições e problemas para eles e seus descendentes. A fase mais

¹⁸ Disponível em: <http://www.terrabrasileira.net/folclore/influenc/alemahis.html>. Acessado em 11.11.08.

crítica foi o da Campanha de nacionalização promovida por Vargas, como será abordado em detalhes no próximo tópico.

Apesar dos períodos de turbulência político-econômica (interna e externa), foi durante o século 20 que o Brasil recebeu a maior parte dos imigrantes alemães. O ápice foi na década de 1920, com a entrada de 70 mil teutos no país. Entretanto, neste século, a “maior parte desses imigrantes não mais ia para as colônias rurais, pois rumava para os centros urbanos: eram operários, artífices e outros trabalhadores urbanos, professores, refugiados políticos” (WIKIPEDIA; 2008)¹⁹. As principais cidades a receber esta onda de imigração foram Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, que já contava com cerca de 20 mil alemães em 1918 (WIKIPEDIA; 2008)²⁰.

Além dos recém chegados, os descendentes de outras levas foram, ao longo do século passado e à medida que a população crescia, se espalhando também pelo território nacional. Quando a área em que estavam instalados estava saturada saíam em busca de novas terras, migrando para outros estados e se espalhando pelo Brasil (apesar da concentração maior ser sempre no sul).

Por fim, em números globais (MAUCH apud IBGE)²¹, a quarta, a quinta e a sexta fases receberam, respectivamente, valores próximos a 56 mil, 103 mil e 29 mil imigrantes, num total aproximado de 190 mil, entre 1890 e 1969. Esta quantidade supera em muito o total das três primeiras fases, situadas de 1824 a 1889, contabilizado em cerca de 60 mil pessoas. O século 20, em relação à imigração alemã para o Brasil representa o apogeu e o declínio destes deslocamentos transnacionais.

4.2 Os teuto-brasileiros e a campanha nacionalista de Getúlio Vargas

A campanha nacionalista de Getúlio Vargas foi “um conjunto de medidas tomadas durante o Estado Novo (1937 – 1945) para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira” (WIKIPEDIA; 2008)²². Estas medidas visavam, portanto, abrigar os chamados “alienígenas”, tirando-os dos seus “quistos raciais” e trazendo-os ao convívio com os nacionais. “A categoria “alienígena” — preponderante no jargão oficial — englobava

¹⁹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil. Acessado em 11.11.08

²⁰ Idem.

²¹ Dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/brasil500/alemaes.html>. Acessado em: 11.11.08.

²² Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_de_nacionaliza%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 03.10.08

imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade” (SEYFERTH; 1997; p.95).

Esta visão do imigrante deu início à campanha que foi feita em diversas etapas, tendo sido a primeira a que envolveu a nacionalização do ensino, em 1938. Neste ano, as escolas étnicas situadas em áreas urbanas ou rurais - dentro das colônias - foram obrigadas a ensinar o português, a ter apenas professores brasileiros natos ou naturalizados, a não ensinar línguas estrangeiras a menores de 14 anos, a instituir matérias obrigatórias de educação moral e cívica, a não aceitar subvenções provenientes de governos e instituições estrangeiras, dentre outras medidas.

No ano seguinte, novas proibições foram implementadas, como a proibição de falar idiomas estrangeiros em público, inclusive durante cerimônias religiosas. Além disso, as associações culturais e recreativas tiveram que mudar seus nomes e encerrar todas as atividades que pudessem estar associadas a outras culturas (WIKIPEDIA; 2008)²³.

Logo depois, teve início também a censura à imprensa étnica. Os periódicos ou programas de rádio foram obrigados, num primeiro momento, a ter um redator brasileiro e a publicar edições bilíngües e artigos patrióticos de autores brasileiros (WIKIPEDIA; 2008)²⁴. Quando a publicação em língua estrangeira foi definitivamente proibida, os jornais e revistas tiveram que se adaptar, inclusive mudando seus títulos, ou acabaram por desaparecer. Outros aspectos da vida cotidiana também foram afetados como a mudança forçada dos nomes de estabelecimentos comerciais, a comemoração compulsória das datas festivas nacionais e a instituição da obrigatoriedade do serviço militar longe das comunidades de origem.

Esta campanha, apesar de não ter atingido apenas os alemães e seus descendentes, foi especialmente dura com estes imigrantes devido ao contexto internacional em que ela se desenrolou. Tendo sido aplicada entre 1937 e 1945, ou seja, durante a segunda guerra mundial, a campanha apontava o “perigo alemão” como uma de suas principais justificativas. As colônias do país, principalmente no sul, isoladas e não assimiladas na visão dos nacionalistas, representavam uma ameaça à soberania nacional. O surgimento de alguns periódicos que apoiavam ou divulgavam o nazismo deu ainda mais força a esta empreitada. De fato, neste período, o partido nazista alemão se propôs a tarefa de “regermanizar” populações de origem alemã.

O partido nazista criou diretórios (grupos locais) em algumas cidades, encontrou simpatizantes entre os teuto brasileiros, mas a maioria de seus filiados nasceram na Alemanha; eram *Neudeutscher* (novos alemães) e não simplesmente teuto brasileiros.

²³ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_de_nacionaliza%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 03.10.08.

²⁴ Idem.

Instituições similares as congêneres alemãs do partido existiram no Brasil, como o círculo da juventude Teuto-Brasileira, a União das Mulheres Alemãs, a Frente Alemã do Trabalho etc., diretamente controladas pelo Partido. (SEYFERTH; 2000a; p.306)

Entretanto, o ideário nazista não arrebatou a população teuta ou teuto descendente como um todo. A propaganda, rechaçada na maior parte das colônias no interior, encontrou alguma aceitação nas cidades, entre os empresários ou membros componentes da classe média de origem germânica. Além disso, enquanto certo número de periódicos divulgou a causa nazista, outros teutos a criticaram, também por meio da imprensa, como nos jornais *Der Kompass* e *Blumenauer Zeitung* (SEYFERTH; 2000a; p.307).

O Governo Getulista, que tinha flertado com estas ideologias totalitárias anos antes, radicaliza a campanha a partir do ano de 1942, quando o Brasil finalmente toma partido e entra na guerra contra o Eixo. As liberdades individuais dos imigrantes e seus descendentes são cerceadas, apreensões de livros, jornais, revistas e panfletos são feitas, alguns arquivos e bibliotecas particulares e de associações são destruídos, o uso público do idioma alemão é denunciado e punido até com eventuais prisões, etc. O professor e diretor do Museu Histórico de São Leopoldo, Telmo Müller, em entrevista ao *website* Deutsche Welle World, narra sua experiência pessoal no período:

Vargas tentou combater a propaganda nazista com sua campanha de nacionalização. Ao mesmo tempo, ele queria limitar qualquer influência política dos alemães. Falar alemão em público foi proibido. Meu pai, por exemplo, foi chamado à delegacia por ter dito Guten Morgen (bom dia), ao cumprimentar alguém na rua. E havia quem denunciasse isso. A polícia também chegava na casa das pessoas e dava fim em tudo o que estivesse escrito em alemão. Até bíblias foram confiscadas nessa época, e houve quem destruísse aqueles pratos de parede que as famílias alemãs tinham com os dizeres Glaube, Liebe, Hoffnung (Fé, amor, esperança), só para evitar problema. No Museu Histórico de São Leopoldo, eu tenho alguns desses panos bordados com dizeres em alemão, que se colocava na cozinha, geralmente em cima do fogão. Pois uma vez veio uma senhora visitar o museu e me disse: "Se eu soubesse que isso um dia ia parar num museu, eu teria guardado. O meu virou capacho quando o alemão foi proibido".²⁵

Para fazer cumprir as medidas impostas pela campanha de nacionalização, militares foram escalados para as cidades e colônias. O exército teve, portanto, papel fundamental neste processo aparecendo “como mentor da solidariedade nacional, encarregado de divulgar os valores morais da nação, suas virtudes cívicas, de impor a consciência da nacionalidade, modificando a mentalidade de patricios que não são patriotas, mas “quistos raciais” contaminando o espírito da brasilidade” (SEYFERTH; 1997; p.111). O 2º tenente Rui Alencar Nogueira, que serviu na época num batalhão em Blumenau, Santa Catarina, escreveu em suas memórias:

²⁵ Disponível em: http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1158846_page_1,00.html. Acessado em: 05.10.08

Conforme podemos observar, a colonização germânica criou raízes profundas, desenvolveu-se por todo o sul do Brasil e tomara aspectos aterradores se não fossem as oportunas medidas adotadas, visando defender os interesses sagrados da Pátria e desmanchando toda e qualquer possibilidade de desagregação do nosso território. (NOGUEIRA apud SEYFETH; 1997; p.112)

Na sua visão, a colonização representou um ato imperialista que veio ocupar territórios nas melhores terras do sul do país e logo tratou de espalhar-se o mais que pode. Esta opinião ignora o fato da imigração ter sido incentivada e planejada pelo próprio governo brasileiro, inclusive responsável pelo isolamento das colônias. Getúlio Vargas declarou, em visita na época a Blumenau, que “a culpa não foi deles, a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes núcleos, sem comunicações” (CAREZIA e ROCHA apud SILVA e WIIK; 2005)²⁶.

Outro jovem oficial, Theobaldo Costa Jamundá, que também participou da campanha nacionalista e deixou registradas suas impressões por escrito, cita a ocorrência de arbitrariedades:

A minha persistência referente à parte educativa da Campanha de Nacionalização conduziu-me a uma situação especial dentro do grupo. Tornei-me intolerante e, acintosamente, contrário às medidas de ordem policial. Achava que se usava exorbitantemente a polícia de repressão. (JAMUNDA apud SEYFETH; 1997; p.121).

Jamundá atribui o problema ao despreparo dos agentes e as dificuldades de comunicação, já que, naquele tempo, a maior parte da população do Vale do Itajaí (Santa Catarina), por exemplo, não falava português, assim como a maior parte dos militares não falava alemão. Mais tarde, este mesmo soldado reformula sua opinião, tendo considerado a antiga pouco racional e adequada. Sobre isso ele afirma: “foi, justamente, ao ler o cientista social Emílio Willems, por recomendação de Nereu Ramos, que me illustrei. (...) passei a enxergar o problema da nacionalização procurando controlar a emocionalidade” (JAMUNDA apud SEYFERTH; 1997; p.123).

Enfim, ajuda a resumir o sentimento em relação aos imigrantes a frase “quem nasce no Brasil ou é brasileiro ou é traidor”, proferida pelo político e diplomata brasileiro Lauro Müller. Apesar de ter tido esta expressão registrada, Müller, ele próprio descendente de alemães, era conhecido por sua posição moderada. Muito mais radical foi a totalidade da campanha empreendida na Era Vargas que fez “alemão” (mesmo o nascido aqui) virar sinônimo de inimigo da pátria.

²⁶ Disponível em: <http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5eduardo.doc>. Acessado em: 12.11.08.

Os anos de repressão mudaram consideravelmente o cotidiano dos teutos e de seus descendentes. As gerações mais antigas ou que não eram bilíngües tiveram que apreender subitamente o português, transformado em obrigatório mesmo para conversas familiares. A campanha também trouxe alguns problemas estruturais para as colônias, como o déficit de salas de aula gerado pelo fechamento de diversas escolas étnicas (que não conseguiram se enquadrar nas novas regras). As escolas governamentais existentes não tiveram capacidade de suprir a demanda repentina e muitas crianças ficaram temporariamente sem estudar. Além disso, as atividades associativas, como as sociedades de canto e de tiro, tiveram suas atividades suspensas, seus nomes trocados ou suas sedes fechadas²⁷.

Enfim, esta foi uma fase de grandes mudanças para muitos descendentes de alemães (e de outras ascendências). O universo de seus hábitos e costumes étnicos foi reprimido e alterado, fazendo com que buscassem se adaptar a um novo jeito de viver, dito brasileiro. Sem a imprensa, os livros e revistas em alemão, seguiram-se os chamados “anos de silêncio”. Algumas décadas se passaram, ao menos quase 30 anos, até que houvesse alguma iniciativa de resgate de qualquer destes costumes.

Por último, vale lembrar que os diversos grupos étnicos também sofreram censuras e cerceamentos durante a primeira guerra mundial, mas estes foram mais brandos e de duração muito efêmera. Finda a guerra, a maior parte das atividades foi retomada e só veio de fato a desaparecer (ou quase isso) com a campanha de nacionalização iniciada em 1937.

4.3 Quadro atual e herança alemã

Abordar a situação atual dos descendentes de colonos e sua cultura seria impossível sem ter antes citado a campanha empreendida por Vargas. É consenso que ela foi bem sucedida em seu propósito de “abrasileirar” grupos imigrantes, tendo afetado e, em alguns casos, interrompido, a transmissão de saberes e modo de vida de geração a geração. Uma parte considerável dos imigrantes de muitas nacionalidades, e aqui mais especificamente os alemães, acabou por se adaptar a uma nova realidade, permeada por um conceito negativo de identidade étnica. As mudanças, trazidas pela campanha, foram forçosamente rápidas e ocorreram no espaço de alguns poucos anos.

Como já foi descrito, instituições e publicações étnicas foram instruídas a mudarem ou proibidas e os civis tiveram suas liberdades pessoais cerceadas. Muitas famílias que

²⁷ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_de_nacionaliza%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 21.11.08

utilizavam, por exemplo, as línguas germânicas como idioma de comunicação interna deixaram de fazê-lo devido à proibição instituída e isto representou uma perda difícil de reparar para a jovem geração da época que cresceu sem ouvir o idioma em casa e sem aprendê-lo nas escolas étnicas. É claro que cada região e mais especificamente cada família foi afetada de maneira diferente, uns mais e outros menos. Porém, em muitos locais, a decoração das residências, os livros de leitura, o modo de interação social, enfim, diversos aspectos da vida cotidiana foram na época revistos para adaptarem-se as novas exigências governamentais e evitar eventuais repressões. Então, com tantas mudanças, como ficou a questão da identidade étnica dos descendentes de alemão hoje, mais de 60 anos após o fim deste bem sucedido empreendimento varguista?

A resposta que nos leva aos dias de hoje começa no pós segunda guerra e mais especificamente na década de 1970 quando se começou a resgatar parte deste passado posto de lado por muitos anos. Por volta deste período, o pertencimento étnico foi gradativamente re-valorizado e se iniciou a recuperação de algumas antigas instituições.

Uma minoria, composta, porém, por lideranças muito fortes, fez um esforço enorme para retomar uma situação a mais próxima possível daquela de antes da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, na década de 1930. Lograram fazer circular novamente alguns jornais e periódicos, retomaram as atividades em organizações culturais, associações, clubes e sociedades recreativas.²⁸

Dentre estas iniciativas de resgate, as que mais se multiplicaram foram as de instituições de convívio social, como as associações de tiro, de canto e de dança. Hoje, existem diversas delas espalhadas pelo país, principalmente nas áreas de forte passado imigratório. Nos grupos de dança e folclore, por exemplo, é interessante notar que, diversas vezes, para preparar as roupas e coreografias, os responsáveis tiveram que fazer pesquisas para reproduzi-las de acordo com a tradição de seus antepassados. A revalorização do pertencimento étnico veio nestes casos tarde demais para ser repassado oralmente dentro da própria família, abalada décadas antes pela campanha de nacionalização ou simplesmente pela miscigenação e diluição de identidades.

Hoje, um grande aliado neste processo de retorno às raízes ancestrais é o turismo. Muitas cidades, que foram antigas colônias, apostam tudo no resgate deste passado imigratório histórico na tentativa de criar uma identidade diferenciada e atrair mais visitantes. O perigo que ronda muitos destes projetos, motivados apenas por interesses econômicos, é o fenômeno do “empacotamento” da cultura alemã. Isto quer dizer que eles diversas vezes não

²⁸ RAMBO, Artur Blasé. Disponível em: http://www.brasilalemanha.com.br/livro_guerradoparaguai.htm. Acessado em: 19.11.08.

respeitam as idiossincrasias culturais dos imigrantes que no passado se estabeleceram ali. Como já foi descrito, o Brasil foi colonizado por povos germânicos de diversas origens regionais que tinham inclusive dialetos e hábitos diferentes. Entretanto, freqüentemente toda esta pluralidade é trocada pela imagem que um turista esperaria de um local “alemão”: casas em enxaimel, salsichas, chucrute e cervejas, muitas cervejas.

É justamente este ponto que traz à lembrança um evento muito celebrado no sul, a *Oktoberfest* de Blumenau, Santa Catarina. Esta festa anual, realizada, como lembra o nome, em outubro, é a maior versão brasileira (existem outras menores em diversas cidades do sul) da tradicional festa de Munique, na Alemanha, que data de 1819. A *Oktoberfest* de Blumenau foi criada em 1984, “com o propósito de arrecadar fundos para a reconstrução da cidade castigada por duas grandes enchentes”²⁹.

Apesar do seu início recente e programado e dos interesses econômicos que ele envolve, este evento é descrito como um representante da herança germânica no Brasil. A despeito de sua autenticidade relacionada ao processo imigratório poder ser questionada, ele certamente, devido a sua grande repercussão, ajuda a dar visibilidade e a valorizar a identidade teuto-brasileira e a colonização. Para divulgar as tradições alemãs, são também oferecidas aos cerca de 700 mil visitantes anuais, além da ode à cerveja, apresentações de clubes de caça e tiro e de grupos folclóricos, que enriquecem culturalmente a festa. Muitas pessoas vão à Blumenau pela primeira vez justamente para participar da *Oktoberfest* e aí travam contato com a cultura alemã e a história dos ancestrais de uma parte dos brasileiros.

Quantificando este número de descendentes, se estima hoje que cerca de 10% dos brasileiros tenha ao menos um antepassado alemão³⁰. Este número não é grande se comparado a outros países que receberam grupos germânicos, como os Estados Unidos, mas é significativo. Antes de analisar o legado cultural ou desenvolvimentista que estes imigrantes trouxeram para o Brasil, vale pensar no legado humano no sentido estrito do termo. Quantas pessoas ao redor têm sobrenomes de origem alemã? Na escola, na faculdade, no trabalho, entre vizinhos, no dia a dia, pode-se identificar diversos brasileiros, famosos ou anônimos, que carregam nos seus nomes de família esta herança do passado.

Outros não carregam mais nos seus sobrenomes, devido às diversas trocas e somas de geração a geração, mas, quando perguntados, reconhecem a ascendência no seu núcleo familiar, onde eventualmente alguém ainda é um Müller, Schneider, Springer, Schmidt, Klein

²⁹ “A *oktoberfest* no Brasil”. Disponível em: <http://oktoberfestblumenau.net/>. Acessado em: 07.10.08

³⁰ “Brasil alemão comemora 180 anos”. Disponível em:

http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1274817,00.html. Acessado em: 07.10.08.

etc. Dentre os famosos brasileiros de origem germânica pode-se citar o tenista Gustavo Kuerten, a top model Gisele Bündchen, a escritora Lya Luft, a atriz Vera Fischer e o ex-presidente da República Ernesto Geisel.

Para muitos destes cerca de 18 milhões de descendentes, a ascendência pertence a um passado distante, pouco ou nada presente em suas vidas. Este sentimento é sintetizado pelo tenista Gustavo Kuerten que se declarou recentemente "100% brasileiro" em relação a sua origem alemã³¹.

Entretanto, principalmente em cidades menores ou áreas rurais no sul do Brasil (antigas colônias), uma parte da população, isolada por muitas décadas no passado, ainda mantêm alguns costumes e usa os dialetos germânicos como língua de comunicação familiar e social. Exemplo deste último caso é a gaúcha Márcia Fernanda Schallenger³², 35 anos, descendente de alemães e moradora de Estância Velha (APÊNDICE A).

Apesar de se considerar também totalmente brasileira e ser fluente em português, ela ainda se comunica em alemão (dialeto *Hunsrückisch*) quando conversa com seus pais e avós. Na sua família, o registro de quem foi o primeiro antepassado alemão se perdeu e já não sabem informar quando ele teria chegado ao Brasil. Entretanto, o legado da cultura segue "vivo" na fala dos descendentes e na celebração anual do *kerb*. O *kerb*, muito conhecido no sul do país, era no passado uma festa vinculada a igreja, mas que hoje ganhou variantes como na família Schallenger onde *kerb* significa reunião anual de todos os parentes.

Outra gaúcha, Celina Bohn Lehmann³³, de 77 anos, é mais um exemplo da manutenção destas características culturais ainda hoje (APÊNDICE A). Ela nasceu na cidade de Cerro Largo, na terceira geração após a chegada dos seus antepassados vindos da Alemanha. Apesar dela se considerar e se sentir brasileira e do longo tempo da família no Brasil, Celina Lehmann só aprendeu português aos sete anos, já na escola. Ela viveu também, ainda criança, o período da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas, o que mudou, em alguns aspectos, sua vida.

Falávamos só alemão em casa até a segunda guerra. Eu estudava num colégio alemão de freiras. Depois (com o início da campanha de nacionalização) o colégio foi transformado. Trouxeram freiras do nordeste da mesma ordem que eram brasileiras e falavam português. Eu aprendi português com uma freira do nordeste, aos sete anos.

Sobre a utilização do alemão ainda hoje, Celina Lehmann declara:

³¹ Frase citada no artigo "Brasil alemão comemora 180 anos". Disponível em: http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1274817,00.html. Acessado em: 07.10.08.

³² Márcia Fernanda Schallenger. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 10.10.08.

³³ Celina Bohn Lehmann. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 10.10.08.

Lá na minha região tenho uma sobrinha casada com um Pomerano. Alguma coisa de Pomerano eu entendo, mas eu falo é *Hunsrückisch* (dialetto alemão). Na casa do meu irmão mais velho, que este ano (2008) faz 94 anos, ele teve nove filhos. Todos falam alemão; a língua materna sempre foi o alemão. Os meus filhos falam, mas meus netos não. Eu falava com meus filhos em alemão, mas era mais difícil porque vinham filmes americanos (no pós-guerra) que mostravam alemães como idiotas, os americanos matando um monte de alemães... Eles não queriam, as crianças não queriam ser alemães, dizer sua origem. Meus filhos ouviram muito, foram muito chamados de “alemão-batata”.

Celina se casou com um alemão de primeira geração, que chegou ao Brasil aos cinco anos acompanhado dos pais e aqui permaneceu. Um elo entre os dois surgiu através da profissão dos pais de ambos que trabalhavam com couro. Junto com seu marido, Dieter Lehmann, ela manteve algumas tradições em casa, como a maneira de celebrar certas festas clássicas (ex: natal e páscoa), além de ouvir canções alemãs e participar no passado de grupos étnicos, como o clube 25 de julho e a SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre).

Além disso, a sua família (do nome de solteira Bohn) se encontra anualmente em um festivo evento apelidado de BOHNFEST que segundo ela contava com mais de 800 pessoas na última data de realização. Estes encontros anuais de famílias de descendentes de alemães são, aliais, bastante comuns no sul. O jornal *on line* Gazeta do Sul chega a anunciar em sua página onze encontros diferentes para o período de abril a setembro de 2007. O próprio periódico diz em sua página que “os encontros de família são um fenômeno relativamente recente. É auspicioso. É a reaproximação com parentes próximos e distantes e com as próprias raízes históricas³⁴”.

Outro descendente de alemães do Rio Grande do Sul, Marco Berghan³⁵, guarda uma diferença em relação as duas primeiras pessoas citadas (APÊNDICE A). Ele não cresceu com a tradição de falar alemão em casa, apesar de sua mãe ainda conhecer a língua. Entretanto ele, que nasceu em Novo Hamburgo, resolveu depois de adulto pesquisar as origens de sua família, já esquecidas. Descobriu que seus antepassados vieram para o Brasil em 1824, a bordo do navio Germânia, que desembarcou no Rio de Janeiro antes de seus ocupantes seguirem para o sul.

Marco Berghan presidiu também a organização da reunião anual de todos aqueles que compartilham com ele o mesmo sobrenome. Na sua família, apesar de muito ter se perdido ao longo dos anos (o uso do idioma, por exemplo) ainda se mantêm algumas tradições, como um almoço dominical com pratos típicos. Ele ainda afirma que costuma ouvir músicas alemãs na

³⁴ Coluna “últimas notícias” de 06/04/2007 do Jornal online Gazeta do Sul. Disponível em: <http://gazeta.viavale.com.br/default.php?arquivo= ultimas.php&intIdUltimaNoticia=42673>. Acessado em: 15.10.08.

³⁵ Marco Berghan. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 10.10.08.

Rádio Imperial, uma rádio de características étnicas baseada em Nova Petrópolis, outra cidade de forte passado imigratório no Rio Grande do Sul.

A escritora Lya Luft, gaúcha nascida na antiga colônia de Santa Cruz do Sul, 70 anos, também descreve, em uma entrevista para o site Deutsche Welle³⁶, sua relação com a língua alemã:

Eu nasci em 1938 e logo em seguida começou a guerra. Em casa falávamos alemão, mas em seguida tive que falar português porque o alemão foi proibido. Minhas avós falavam alemão. Nenhuma conheceu a Alemanha.

Ela conta, entretanto, que nunca quis ensinar alemão aos seus filhos. Para Lya Luft eles poderiam aprender mais tarde, por outros meios (não o familiar), se desejassem. Ela também contesta o apego exagerado a identidade alemã que algumas famílias há gerações no Brasil ainda conservam:

Na minha família se falava "nós, os alemães, e eles, os brasileiros". Isso era uma loucura, porque nós estávamos há gerações no Brasil. E como eu era uma menininha muito contestadora, um dia, com 7 ou 8 anos, numa Semana da Pátria, me dei conta: "Por que falam *'die Brazilianer und wir'?*". Eu quero ser brasileira. E aí começou essa história – claro que naquela época eu não sabia das negras de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador –, mas eu digo que sou tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana que vende acarajé nas ruas de Salvador. Talvez meus antepassados tenham vindo antes dos dela, então eu sou mais brasileira do que ela.

Ainda assim, ela afirma que a cultura alemã muito a influenciou positivamente: “(...) Havia uma literatura alemã, francesa, italiana enorme na minha casa, além de brasileira e portuguesa. Li muito literatura alemã. Aos 11 anos decorava longos poemas de Goethe e Schiller. Para mim era natural”. Em relação a manter as tradições através de festas atuais como as *Oktoberfests* espalhadas pelo sul, Lya Luft declara:

Não devemos renegar as raízes. Isso é muito legal. É como você ter CTG [Centro de Tradições Gaúchas]. Mas daí a morar no Brasil, ser de várias gerações e falar em "Vaterland". (...) Eu não gosto disso. Tenho muito respeito e há uma raiz minha germânica, ligada à cultura e à educação, que me agrada. Agora, há uma certa arrogância e um preconceito que me desagradam (...). Mas eu não sou por cortar raízes ou renegar tradições.

Diferenças à parte, estima-se que atualmente haja um milhão de bilíngües na região sul do país³⁷, distribuídos pelos diversos dialetos do alemão. Chega-se a este número devido à

³⁶ Artigo “Lia Luft: a cultura alemã me influenciou muito”. Disponível em: <http://www.dw-3d.de/dw/article/0,2144,1437528,00.html>. Acessado em: 15.10.08.

³⁷ Artigo “O alemão lusitano no sul do Brasil”. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1174391,00.html>. Acessado em: 13.10.08.

manutenção, como visto acima, da tradição lingüística em alguns núcleos familiares, apesar dos 184 anos da chegada dos primeiros imigrantes, das misturas e da campanha de nacionalização.

Dentre os muitos dialetos encontrados nestas áreas de colonização (além do *hochdeutsch*³⁸ sedimentado e ensinado pelas escolas e pela igreja), um dos mais freqüentes é o *Hunsrückisch*. Como visto em alguns dos depoimentos citados, o *Hunsrückisch* ainda é falado por diversas famílias no Rio Grande do Sul e em outros estados sulistas que receberam muitos imigrantes da região alemã homônima.

Entretanto, o dialeto original trazido pelos colonos se alterou ao longo do tempo devido ao isolamento lingüístico em relação à Alemanha e ao contato com o português. Novos verbos foram criados e novas palavras provenientes do português foram incorporadas, inclusive aquelas que nomeiam invenções surgidas após a chegada dos falantes ao Brasil ou animais e objetos que não existiam em sua terra natal. Alguns estudiosos chegam a definir este como um novo dialeto denominado *Riograndenser Hunsrückisch*, ou seja, *Hunsrückish* do Rio Grande do Sul.

Além do *Hunsrückish*, outro dialeto bastante comum nas áreas de imigração é o Pomerano, ainda hoje falado em alguns locais. Este é o idioma dos descendentes de alemães da Pomerânia, uma região situada hoje no norte da Polônia. Ele também sofreu alterações ao longo dos anos de utilização em terras brasileiras. Com o objetivo de estudar e analisar diversas destas alterações dos mais variados dialetos e do *Hochdeutsch*, o norte americano Benjamin F. Schapelle redigiu um trabalho onde enumera alguns dos novos vocábulos encontrados em diferentes colônias brasileiras. Dentre as palavras mapeadas, pode-se listar as seguintes:

Português-Brasileiro	Alemão-Brasileiro
Capoeira	<i>Capoeire</i>
Mula	<i>Mule</i>
Roça	<i>Rosse</i>
Capinar	<i>Capinen</i>
Trocar	<i>Trocken</i>
Sertão	<i>Sertong</i>
Algodão	<i>algodong</i>
Jacaré	<i>Schakare</i>
Cachaça	<i>Cachass</i>
Charuto	<i>Charute</i>

³⁸ *Hochdeutsch* é o nome dado ao alemão padrão e oficial, em contraponto aos inúmeros dialetos germânicos.

Doce	<i>Doss</i>
------	-------------

Fonte: SCHAPPELLE, Benjamin Franklin. The German Element in Brazil: Colonies and dialect. In: Americana Germanica, N° 26. Philadelphia, Americana Germanica Press, 1917.

Muitas destas palavras e verbos citados têm correspondentes em *Hochdeutsch*, mas acabaram ganhando versões novas pelo contato de diversas gerações com o português e com as questões ligadas diretamente a vida nestas terras tropicais. Outras surgiram pela necessidade de nomear, como já dito, objetos inventados após a chegada aqui (Ex: avião = *aviong*)³⁹ ou coisas que não conheciam em seu país. Na Alemanha, estes objetos, animais etc. ganharam posteriormente outros nomes, mas o isolamento geográfico das colônias em relação à terra de origem permitiu que a(s) língua(s) evoluíssem, em alguns aspectos, de maneiras distintas. Os idiomas são, afinal, “vivos” e sujeitos a constante mutação, principalmente dialetos usados com mais frequência na oralidade que na forma escrita.

Este citado isolamento geográfico em relação à Alemanha permitiu também que se conservassem no Brasil diversos dialetos que se encontram em desuso ou quase extinção em terras européias. O Brasil representa nestes casos uma fonte inusitada de pesquisas para uma cultura e tradição germânicas que já deixaram, em muitos casos, de existir nos locais de origem. Isto não se refere apenas à língua e seus dialetos e sim também a outros aspectos culturais, como dança, canto, festas, comidas. Nestas antigas colônias - as ainda “originais”, não alteradas pela massificação do turismo - se conservou uma Alemanha do século 19, uma Alemanha que já estava em processo de extinção quando os próprios imigrantes rumaram para o Brasil.

Para terminar, ficou hoje também como herança deste passado de colonização, a participação dos imigrantes (alemães e italianos, poloneses etc.) na industrialização e desenvolvimento das regiões onde habitaram, principalmente no sul do país. No Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, os alemães deram os primeiros passos da indústria brasileira. Ali foram criadas fábricas de sapatos, têxtil e de algodão, principalmente para o mercado regional (WIKIPEDIA; 2008)⁴⁰. A origem deste processo de industrialização esteve nas produções familiares de imigrantes que trouxeram o conhecimento de suas terras e o perpetuaram aqui.

Alguns imigrantes ou descendentes de alemães de diversas regiões do país criaram também empresas (de diferentes ramos de atuação) e que existem até hoje. Dentre as mais

³⁹ “O alemão lusitano no sul do Brasil”.

Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1174391,00.html>. Acessado em: 13.10.08.

⁴⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Sul. Acessado em 15.10.08.

conhecidas pode-se citar: o Grupo Gerdau, 13º maior produtor de aço no mundo, fundado em 1901 pelo imigrante alemão Johann Heinrich Kaspar Gerdau, em Porto Alegre; as Lojas Renner, segunda maior rede de lojas de departamentos de vestuário no Brasil, fruto do trabalho do filho e neto de imigrantes alemães, Antônio Jacob Renner, que se iniciou em 1912, também em Porto Alegre, com uma indústria fabril; os refrigerantes Coroa, empresa fundada em 1933, no Espírito Santo, pelo austríaco Roberto Carlos Kautsky, dentre outras.

Além disso, como visto anteriormente, muitas cidades no sul do Brasil e em outros estados surgiram originadas de colônias alemães ali antes instaladas. Alguns exemplos são: Blumenau, Joinville, São Leopoldo, Estância Velha, Pomerode, Petrópolis, Nova Friburgo, Novo Hamburgo etc. Em alguns destes locais, são ainda hoje encontradas instituições étnicas, como associações de folclore e de tiro.

Mesmo as escolas étnicas, proibidas e fechadas durante o Estado Novo, têm atualmente variantes modernas, as instituições privadas bilíngües (Ex: Escola Corcovado - RJ, Centro de Ensino Médio Pastor Dohms - RS). Além disso, projetos governamentais recentes prevêem a instalação de salas de aula municipais português-alemão em regiões de forte imigração germânica. Outras escolas da região sul já ensinam o alemão como língua estrangeira, mas esta iniciativa de dar peso similar aos dois idiomas é pioneira. Para testá-la uma experiência já está em andamento, desde abril de 2008, na Escola Básica Municipal Olavo Bilac, na cidade de Pomerode, Santa Catarina, com alunos do primeiro ano do ensino fundamental⁴¹.

Esta iniciativa é vista como uma alternativa a perda lingüística sofrida ano após ano. Como os jovens de origem alemã falam cada vez menos o idioma dos antepassados, a escola seria uma chance de mantê-lo, além de preservar a história da imigração e potencializar futuramente as chances profissionais destes indivíduos.

Enfim, estas são todas heranças da colonização alemã: cidades, indústrias, pessoas, cultura. Mesmo para aqueles descendentes que perderam contato ou não se sentem ligados a esta parcela de sua origem, ficaram muitas vezes como legado os locais onde moram, o aspecto físico, a história compartilhada da região, e até lojas que freqüentam no seu cotidiano. Para outros, que mantêm vínculo mais forte com este passado, a imigração é parte constituinte da sua mistura de identidades, a identidade étnica teuto-brasileira. Um quadro atual, um legado, feito por muitas vozes, muitos pontos de vista.

⁴¹ “Projeto piloto de salas bilíngües português-alemão”.

Disponível em: http://www.adjorisc.com.br/jornais/pomeroderzeitung/noticias/index.php?id_conteudo=152465.
Acessado em: 27.11.08.

5. MÍDIA ÉTNICA: IDENTIDADE, ORIGENS, CAMINHOS

Ao longo do trabalho, já foram abordadas a história da imigração alemã, suas características, constituição de sua identidade, reflexos na atualidade, etc. Aqui, afinal, faz-se o link de tudo isso com os meios de comunicação. A intenção é explorar a pergunta de como a mídia étnica, em suas diversas formas, contribui seja na criação, construção ou manutenção desta identidade teuto-brasileira. Como ela atua neste quebra cabeças complexo de etnicidades, grupos, vozes, poder, minorias, majorias, apresentação e representação.

Além disso, se pretende apresentar dois lados da mídia étnica alemã no Brasil: sua retrospectiva histórica e a situação atual. Na primeira parte, a origem das publicações iniciais é contada, assim como são descritas suas motivações e conteúdo. Já na segunda, a idéia é fazer uma síntese de como se encontra hoje esta mídia, após os tempos da Campanha de Nacionalização de Vargas e as recentes invenções ligadas às comunicações. As novas e velhas mídias no Brasil de hoje, passados mais de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes.

5.1 Meios de comunicação na construção da identidade teuto-brasileira

Como visto no capítulo três deste trabalho, a identidade étnica pode ser sucintamente definida como o conjunto de características através das quais os membros de um determinado grupo se identificam. Estas características abrangem cultura, língua, história, origem etc. Assim sendo, os teuto-brasileiros ainda ligados a cultura ancestral, se reconheciam e reconhecem como tais através destes pontos em comum que compartilham.

Entretanto, a identidade étnica (valores culturais) para existir e se perpetuar faz uso de determinados elementos que a fixam e a reproduzem simbolicamente. Este papel, antes desempenhado, por exemplo, pela tradição oral, a família, a escola etc. foi assumido em grande parte, ao longo dos últimos séculos, pela mídia. Justamente, é nesta encruzilhada que meios de comunicação e identidade étnica se encontram e se completam.

Para começar a entender esta relação, vale relembrar a posição atual ocupada pelos meios de comunicação. Desde o último século e em aumento progressivo, eles são detentores de grande importância e influência. Mais do que instrumentos de mediação do mundo, eles são verdadeiros lugares da experiência contemporânea (ARTIERE apud CASTRO; 2005; p. desconhecida).

(...) nossos instrumentos de trabalho, o jornal, a revista e, sobretudo, os meios eletrônicos como a TV e a Internet são a nossa principal agência de socialização, propagando modelos culturais simbólicos de referência e dando forma às nossas experiências cognitivas. (CASTRO; 2005b)⁴²

Em relação à sociedade, as mídias criam, desconstroem, espelham, forjam, refletem ela e seus integrantes. Diversas vezes, estes integrantes, de variadas origens, se vêem, se constituem e se imaginam, enquanto sujeitos, baseados na representação deles exposta nas diversas plataformas (televisão, internet etc) a que tem acesso.

(...) através da representação midiática, a experiência do sujeito se transforma em um produto externo. O indivíduo contemporâneo faz experiência e vivencia a sua cultura reconhecendo o representado, aderindo e reagindo afetivamente a sua vivência naquele produto industrializado, através de uma "pluralidade de encenações da vida imaginada". (CASTRO; 2005a; p.4)⁴³

Portanto, os meios de comunicação são ferramentas importantes na construção e perpetuação de identidades étnicas e etnicidades. Eles são um dos agentes de criação, manutenção, representação, exposição e validação de determinado grupo e de suas respectivas características.

As instituições de comunicação, portanto, são lugares onde se compartilham princípios, valores, práticas, visões de mundo e bens simbólicos. E, sendo assim, reúnem subjetividades que se relacionam na construção de discursos. A comunicação, sendo prática cultural e política, adquire novo papel em uma era marcada pelo abatimento das instituições familiares, educacionais e das normas sociais. Autores que pensam e repensam o conceito de comunidade passam a enxergar nas instituições de comunicação lugar imprescindível para que se dêem novas experiências comunitárias, para que se articule o comunitarismo. (ELHAJJI e ALVES; 2006; p.7)

Porém, é claro que esta relação não é perfeitamente transparente e é profundamente atravessada por questões políticas, relações de poder etc. Nos grandes meios, nos *mass media*, ecoam as vozes, percepções e visões das camadas dominantes ou grupos de maior poder. Como observou a jornalista Cintia Castro em sua dissertação de mestrado⁴⁴, na Europa atual, por exemplo, a mídia de massa atua na construção da visão estereotipada, generalista e denegridora de diversas etnias de imigrantes que lá habitam. Uma visão que pouco tem a ver com a realidade de seus costumes e características enquanto grupo étnico. Uma representação não autêntica, pois é feita por outros que não os próprios membros da determinada comunidade exposta.

No Brasil, experimentam-se problemas similares relacionados à ausência representativa de certos grupos na grande mídia, a unilateral e equivocada representação dos

⁴² Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=21803&Editoria=237&Op2=1&Op3=0&pid=206554384&fnt=fntnl>
Acessado em: 29.10.08

⁴³ Disponível em: <http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=245&cf=3>. Acessado em: 28.10.08

⁴⁴ Disponível em: <http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=245&cf=3>. Acessado em: 28.10.08

mesmos ou a falta de espaço para que estes próprios se auto-representem. Do primeiro caso, pode-se citar o exemplo da questão dos negros brasileiros nos meios de comunicação de massa nacionais. A diminuta representação destes – que se somando aos pardos representam cerca de 50% da população⁴⁵ - é uma reclamação antiga de diversos movimentos sociais.

Para ampliar estas possibilidades de representação, apesar da visibilidade muito menor, existe o que se pode chamar de pequena mídia, a mídia comunitária produzida por grupos específicos. Quanto às suas características pode-se dizer:

No caso particular da mídia comunitária (étnico-confessional no caso que nos interessa), percebemos seu mérito em oferecer um discurso reflexivo, organizado, aberto e público sobre o próprio grupo, sobre os Outros e sobre o mundo. Notamos também que os grupos étnicos e culturais, que dela fazem parte, sentem o imperativo de se manifestar sobre a realidade social e política no qual eles se inserem para se posicionarem com relação à sociedade e oferecerem a seus membros um quadro coerente de ação. (ELHAJJI e ALVES; 2006; p.8)

O papel desta “pequena mídia” poderia ser definido como: apresentar e representar pluralmente, minoritariamente, contra hegemonicamente; trazer para os meios de comunicação mais vozes, mais visões, discursos plurilaterais, os nossos, os outros, todos; representar midiática e socialmente as minorias.

Entretanto, é justamente este último ponto que traz uma questão interessante e pertinente ao universo brasileiro. Aqui, com frequência, as ditas minorias são, na verdade, maiorias excluídas historicamente, como os negros já citados. A minoria, digamos etnicamente “branca”, é que tem o poder econômico, midiático, político etc. em mãos. Esta é uma situação inversa a da Europa, por exemplo, onde as minorias, representadas pelos imigrantes, são de fato minorias, subjugadas a maioria formada pela população “clássica” do respectivo país.

Outro fato curioso e inverso é a valorização da identidade hifenizada no Brasil. Enquanto na Europa o que se valoriza é ser “puro” cidadão de uma nação, aqui vale mais (atualmente) pertencer também a uma comunidade étnica de descendentes de imigrantes, ser bi-nacional. Esta procura pela identificação étnica, voluntariamente buscada no Brasil, “parte dos próprios indivíduos e grupos “com o claro objetivo de se desvincular da massa miscigenada”. Em outros locais, como na América do Norte e na Europa “a etnicização dos indivíduos e grupos é imposta de fora, como meio de adscriver aos imigrantes e seus descendentes seu lugar na hierarquia social” (ELHAJJI e ALVES; 2006; p.4).

Enfim, o grupo estudado neste trabalho, de brasileiros descendentes de imigrantes alemães, se inclui em diversos aspectos nas questões acima citadas. Para muitos destes teuto-

⁴⁵ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u401394.shtml>. Acessado em: 14.11.08

brasileiros, assim como os com antepassados em outros países europeus ou desenvolvidos, esta identidade hifenizada é socialmente valorizada. E ela é ainda mais estimada se tornar possível a aquisição efetiva de uma segunda nacionalidade, como fez a Primeira Dama Dona Marisa recentemente pleiteando sua cidadania italiana. Testemunha disso são os consulados estrangeiros, principalmente europeus, cheios de pedidos de passaportes feitos por descendentes de primeira, segunda, terceira e até quarta geração.

Porém isso não quer dizer que estes brasileiros de identidade hifenizada com ou sem cidadania estrangeira, deixem de se considerar 100% brasileiros. De fato, eles “constituem hoje, um verdadeiro laboratório vivo das possibilidades de identidade hifenizada, combinando das várias maneiras possíveis cidadania plena e lealdade múltipla” (ELHAJJI e ALVES; 2006; p.10).

Além disso, eles representam sim uma minoria, mas não uma minoria excluída e prejudicada. Como a maior parte de seus membros hoje faz parte das classes média e alta da população brasileira, eles estão inseridos no grupo que detém o poder simbólico e material. Daí talvez, neste caso, se possa questionar a autenticidade desta mídia étnica comunitária como processo anti-hegemônico, quiçá se aproximando aqui mais dos limites de manutenção do *status quo* (ELHAJJI e ALVES; 2006; p.5).

Ainda que este questionamento sobre a ausência de características contra hegemônicas não seja o foco deste trabalho, vale lembrar que mesmo suposta perpetuadora do *status quo*, ela permanece “uma mídia pequena”, é étnica e de pouco alcance (comparada aos *mass media*). Seu público é, em geral, endógeno, proveniente do próprio grupo que ela representa. Há variações em determinadas regiões, veículos, tempos históricos e ela rompe também, às vezes, estes limites étnicos.

Finalmente, voltando à questão da atuação da mídia étnica na construção da identidade teuto-brasileira, pode-se dizer que, tendo em vista o analisado, a razão da busca e da manutenção desta identidade hifenizada pode ter muitas origens: a vontade de se destacar da massa miscigenada constituinte típica nacional; o de se valorizar socialmente; o anseio de procurar e manter suas origens e história pessoal; a questão tradicional familiar; o desejo intrínseco ao ser humano de pertencimento e de agrupamento. Enfim, a mídia étnica é aqui um dos porta-vozes destas aspirações, anseios, razões. Ela representa, como visto, um dos elementos desta constituição étnica própria, provendo, alimentando, destacando, dando voz, criando, recriando e mantendo a identidade teuto-brasileira, suas características e sua história.

5.2 Origens da mídia étnica alemã: os primeiros anos da imprensa germânica no Brasil

Tendo já discutido o papel da mídia étnica na construção da identidade teuto-brasileira resta fazer uma análise de como ela começou e quais e quando foram estes seus primeiros passos. O período aqui descrito se encerra basicamente na Era Vargas, justamente com as diversas proibições da campanha de nacionalização, motivo principal do término desta primeira fase. Então, devido à retrospectiva histórica estar situada nesta brecha de tempo - anterior a muitas das invenções tecnológicas hoje conhecidas - a mídia descrita fica restrita às versões impressas.

A imprensa e a literatura produzidas nas colônias, em conjunto com todas as associações e os aspectos culturais descritos no capítulo três deste trabalho, também marcaram profundamente a imigração alemã no Brasil. Sua história é antiga e começa logo depois da chegada dos primeiros imigrantes, mais especificamente a partir da década de 1850. Nesta época surgiram no Brasil os primeiros jornais em língua alemã feitos por colonos e seus posteriores descendentes. Estes periódicos, cobrindo uma lacuna de comunicação nos assentamentos, tratavam a princípio da vida nas colônias e traziam notícias da distante pátria-mãe.

Com o tempo eles vão ganhando caráter étnico mais definido, posicionando-se como “defensores dos interesses dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil” (SEYFERTH; 2000a; p.293). Esta posição se fortaleceu ainda mais a partir da década de 1880, pois “quando as colônias mais antigas já estavam emancipadas como municípios autônomos e se ampliaram os interesses econômicos e políticos das elites teuto-brasileiras, a imprensa assumiu maior relevância como porta voz de interesses políticos e da etnicidade” (SEYFERTH; 2000a; p.293). Desta forma, os jornais ajudavam a moldar o sentimento de pertencimento à nação alemã.

Motivações à parte, a produção jornalística teuto-brasileira era extremamente prolífica e encontrava leitores entre os alemães e seus descendentes, uma população majoritariamente alfabetizada. O primeiro jornal a ser lançado foi o *Der Kolonist*, em Porto Alegre, em 1852. Este periódico só durou até o ano seguinte, mas foi seguido por outros como o *Der Deutscher Beobachter* (Rio de Janeiro, 1853) e o *Brasilien* (Petrópolis, 1858-1863).

Apesar da curta duração destes três citados, houve muitos outros de maior longevidade. O primeiro destes jornais de longa duração e grande prestígio foi o *Kolonie Zeitung*, “fundado em Joinville, Santa Catarina, por Ottokar Dorffel, um refugiado político que havia participado da Revolução de 1848” (SEYFERTH; 2000a; p.293). Este periódico foi

impresso pela primeira vez em 1861 e só foi extinto em 1939 devido às exigências da campanha de nacionalização de Vargas, já abordada.

Dentre as dezenas de jornais teuto-brasileiros que existiram e circularam entre 1852 e a década de 1940, pode-se citar ainda alguns outros dos mais importantes como: *Deutsche Post* (São Leopoldo, 1881); *Riograndenser Vaterland* (Porto Alegre, 1902); *Germania* (São Paulo, 1878); *Deutsche Rio Zeitung* (Rio de Janeiro, 1921), *Der Urwaldsbote* (Blumenau, 1881). A maior parte deles terminou ou com a já mencionada campanha promovida por Vargas, na década de 1930, ou por ocasião da primeira Guerra Mundial, quando o Brasil entrou no combate em lado contrário ao II Reich, gerando restrições temporárias a esta atividade no país.

Outro tipo de publicação muito popular entre os teuto-brasileiros no século 19 e princípio do 20 eram os *Kalender* ou almanaques. Enquanto os periódicos tinham em média uma ou duas tiragens semanais, estas publicações eram, em geral, anuais e impressas perto do natal. Quanto ao conteúdo, os *Kalender*:

Abordavam assuntos diversos, inclusive *Deutschtum*, transcrições para o alemão de textos de autores brasileiros, principalmente poesias, divulgação de contos e romances de autores teuto-brasileiros (amplamente referidos à experiência da colonização), além de informações práticas destinadas aos colonos (calendários agrícolas, tipos de cultivo mais adequados etc), notícias sobre a Alemanha e o Brasil e, eventualmente, informações religiosas (porque alguns eram editados pelas igrejas). (SEYFERTH; 2000a; p.294)

Estes livros eram volumosos, chegando a 200 páginas, e extremamente populares, com tiragens podendo ultrapassar doze mil exemplares (GEHSE apud SEYFERTH; 2000a; p. 294). Dois almanaques que se destacaram foram o *Kozeritz Deutscher Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Porto Alegre, 1874) e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (São Leopoldo, 1881), tendo sido este último o mais difundido e conhecido no sul do Brasil.

Além dos jornais e almanaques, também existiram revistas dedicadas a três grupos específicos, cuja periodicidade era mensal. Elas eram dirigidas aos professores, as comunidades evangélico-luteranas e católicas (de orientação religiosa, mas de conteúdo étnico) e aos colonos, essas com informações técnicas sobre agricultura e criação. (SEYFERTH; 2000a; p.295).

Por último, teve igualmente destaque a literatura teuto-brasileira, principalmente no sul do Brasil. Os textos, publicados em alemão, tratavam principalmente da “vida cotidiana nas colônias, com algumas referências étnicas que remetiam ao pertencimento à etnia alemã, mas que destacavam também o sentimento de pátria em relação ao Brasil” (SEYFERTH; 2000a; p.295).

Esta literatura foi, em geral, escrita em linguagem teuto-brasileira. Isso quer dizer, na linguagem cotidiana das colônias, onde não predominava o *Hochdeutsch*⁴⁶ e os dialetos originais já se haviam misturado com palavras portuguesas germanizadas e novos vocábulos e verbos. Esta característica específica trás duas questões opostas, pois, se por um lado, estes textos em linguagem teuto-brasileira eram considerados muitas vezes de menor valor ou menor qualidade pelo mundo literato, por outro é justamente isso que “serve como um dos símbolos práticos de etnicidade” (SEYFERTH; 2000a; p.295).

Enfim, todos estes impressos, a maioria já extintos como já dito, tiveram na época papel fundamental na constituição da identidade teuto-brasileira e na afirmação de sua etnicidade. Por conta disso, eles constituem fonte importante para a investigação do cotidiano, dos sentimentos e do pertencimento destes cidadãos. As publicações são um dos elementos formadores das características da colonização alemã no Brasil e não fazem apenas parte da história da imigração e sim da imprensa nacional também.

5.3 Quadro atual: os meios de comunicação, mídia étnica e o Brasil de hoje

Como já abordado, após anos de intensa produção, se seguiram outros de pouquíssima expressividade. A campanha de nacionalização, bem sucedida, resultou no fechamento da maioria dos periódicos na época existentes e inibiu a produção literária. Algum tempo se passou, os chamados “anos do silêncio”, até que esta atividade começasse a ser resgatada.

Entretanto, a imprensa étnica, após os anos 1940, jamais retornou ao antigo *status quo*. O forte abalo sofrido, provocado pelos sucessivos fechamentos, alterações e proibições, não teve como seqüência uma explosão de novos periódicos quando as limitações foram suspensas. Mesmo atualmente, mais de 60 anos após o fim da empreitada de Vargas, são relativamente poucas as publicações feitas e voltadas para este público teuto-descendente. E estas que existem raramente são sobreviventes dos antigos veículos, tendo sido quase todas criadas no pós- segunda-guerra.

Destes jornais existentes hoje podemos citar primeiramente três de destaque: o *Deutsche Zeitung*, o *Brasil-Post* e o *Pomeroder Zeitung*. Este último foi fundado em 1993 e funciona na cidade de Pomerode, em Santa Catarina, antiga colônia alemã. Apesar de ser redigido em português, é voltado principalmente para a população local, em sua maioria

⁴⁶ *Hochdeutsch* é o nome dado ao alemão padrão e oficial, em contraponto aos inúmeros dialetos germânicos.

teuto-descendente. O *Pomeroder Zeitung* será apresentado em mais detalhes no próximo capítulo onde serão estudadas algumas mídias específicas atuais.

Em relação aos dois primeiros, ambos são feitos em São Paulo e escritos em alemão. O *Brasil-Post* (ANEXO C) foi fundado em 1950, por Carlos Henrique Oberacker. Hoje, quem coordena o jornal é Ursula Dormien, auxiliada por seu filho Klaus. Sua periodicidade é semanal e, segundo o site da prefeitura de São Paulo, ele já contava, desde sua fundação, com “uma linha editorial que privilegiava reportagens nacionais e internacionais, noticiário político e econômico, além de informações culturais e amplos comentários sobre eventos locais de associações e instituições paulistas⁴⁷”.

O *Brasil-Post* tem atualmente uma tiragem de 20 mil exemplares e é distribuído em dezesseis estados brasileiros (principalmente no sul) e nos países de língua alemã da Europa. Seus objetivos podem ser definidos como “preservação da língua e da cultura dos imigrantes e ajuda a manter a identidade cultural de seus antepassados⁴⁸”.

O outro periódico, *Deutsche Zeitung* (jornal alemão), diferentemente dos dois acima citados, tem tradição mais longa. Sendo uma exceção dentre os jornais hoje existentes, ele foi fundado em 1897, bem antes da campanha de nacionalização. Seu grupo inicial de redatores era formado por dissidentes do jornal *Germânia*, que já circulava desde 1878 na cidade de São Paulo.

Em 1923, o *Deutsche Zeitung* acabou comprando a publicação da qual se originara (o *Germânia*). Nesta época, seu alcance era considerável, chegando a ter, em 1928, tiragem de 55 mil exemplares (ROCHE apud SILVA, M. P.; 2006; p.11). Durante ambas as guerras mundiais, o periódico teve sua produção e distribuição proibidas, voltando após o fim das interdições. Atualmente, “o tradicional jornal circula em edição semanal, dando ênfase ao noticiário da comunidade de língua alemã⁴⁹”.

Outros exemplos de jornais atuais ligados a colonização alemã, suas tradições e descendência são o *Die Zeitung*, de Blumenau, Santa Catarina; o *Lindenpost*, de Treze Tílias, também em Santa Catarina; o *Bauernzeitung*, de Petrópolis, Rio de Janeiro e o *Pommerblad*, editado no município de Vila Pavão, no Espírito Santo.

Quanto às suas características, o *Die Zeitung*, dirigido por Francisco Heidemann, é bilíngüe (português e alemão), quinzenal e tem uma tiragem de 3000 exemplares. Já o conterrâneo *Lindenpost* tem periodicidade mensal e, apesar de majoritariamente redigido em

⁴⁷ Disponível em: <http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br/interna.php?com=3&lang=1&id=42>. Acessado em: 14.11.08

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

português, apresenta partes em alemão. O município de onde ele se origina (Treze Tílias) é de colonização austríaca. O *Bauernzeitung*, como o periódico anterior, é também mensal, tendo sido fundado em 1991. Finalmente, o capixaba *Pommerblad*, fundado em 1998, circula em 122 municípios brasileiros e é voltado para as comunidades teuto-brasileiras de origem pomerana.

Além destes, existem também outros periódicos, como os diversos pequenos jornais ligados a instituições religiosas que circulam através do país. Segundo o site *press-guide*⁵⁰ que monitora a imprensa étnica alemã em todo o mundo, alguns exemplos deste caso são: *Bibel und Pflug* de Curitiba, Paraná (Igreja Menonita); *Gemeindeblatt*, de São Paulo (Igreja Católica); *Evangelische Zeitung*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul; *Gemeindebrief*, de Brasília, Distrito Federal e *Der Weg* (O Caminho), de Blumenau, Santa Catarina, sendo os dois últimos ligados a igreja luterana.

Finalmente, existem ainda alguns jornais brasileiros que, embora não sejam imprensa étnica, disponibilizam espaços ou colunas em alemão regular ou periodicamente em suas páginas. Os gaúchos *Gazeta do sul*, de Santa Cruz do Sul e *O Informativo do Vale*, editado em Lajeado, são exemplos deste tipo de jornal. A parte “alemã” do primeiro é disponibilizada na forma de complemento periódico, enquanto no segundo uma coluna chamada “*Deutsche Sprache*” é diariamente publicada⁵¹.

Embora mais numerosos, os jornais não são os únicos impressos étnicos alemães. Circulando desde 1912, persiste também uma tradicional revista, a *Sankt Paulusblatt*, de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Ela foi criada por um padre chamado Theodor Amstad, conhecido como “o pai dos colonos”. Este padre nasceu na localidade de Beckenried, na Suíça e veio para o Brasil em 1885, já adulto e ordenado jesuíta⁵². Tendo sido destinado a servir nas colônias alemãs do sul, ele era estimado pelos imigrantes e descendentes por sua grande atuação social⁵³.

No conjunto de sua obra, a revista também contribuiu para deixar seu nome registrado na história. A *Sankt Paulusblatt*, quando criada, se destinava “à formação e à informação dos colonos teuto-brasileiros católicos” (WIKIPEDIA; 2008)⁵⁴. Atualmente, ela continua sendo redigida em alemão e é a revista católica mais antiga do Brasil neste idioma, além de ser uma

⁵⁰ Disponível em: <http://www.press-guide.com/brazil.htm>. Acessado em: 16.11.08

⁵¹ Idem.

⁵² Disponível em: <http://www.sicredipioneira.com.br/arquivos/padre1.htm>. Acessado em: 17.11.08.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Baldu%C3%ADno_Rambo. Acessado em: 17.11.08.

das poucas que voltou a circular após a campanha de nacionalização empreendida pelo Estado Novo (WIKIPEDIA; 2008)⁵⁵.

Porém hoje, com todas as inovações tecnológicas surgidas nas últimas décadas, não apenas as mídias impressas dominam os meios de comunicação. Para participar na representação e manutenção do *Brasilianisches Deutschtum*, somaram-se o rádio, já difundido na primeira metade do século 20, e mais tarde a internet, às vésperas do final do milênio.

Em relação ao rádio, ao longo do último século, diversas emissoras ligadas de alguma forma à tradição étnica alemã foram criadas. Em geral, elas têm caráter local, sendo produzidas e sediadas em antigas colônias germânicas. Deste caso, podemos citar três: a rádio Imperial, a rádio Agudo e a rádio Pomerode. Esta última foi fundada em 1984 e tem como base a cidade catarinense de Pomerode. Sua programação é eclética e inclui alguns programas com músicas e idioma alemães. Assim como o seu conterrâneo, o jornal *Pomeroder Zeitung*, ela será mais bem explicada no próximo capítulo.

Já a rádio Imperial situa-se no Rio Grande do Sul, mais precisamente no município de Nova Petrópolis. Ela começou a operar em 1989 e tem como foco principal a comunidade local, formada por misturas das heranças culturais dos imigrantes alemães e italianos e das tradições gaúchas.

A Imperial responde com sua programação à herança cultural alemã, italiana, gaúcha e mesmo sendo uma emissora de FM, constitui-se numa rádio eclética, com total envolvimento comunitário, com serviços e características de uma emissora AM, no sentido de prestar serviços as mais diversas comunidades abrangidas, unindo-as e fortalecendo-as através de informações e notícias.⁵⁶

Apesar de seu posicionamento heterogêneo, a rádio expressa sua ligação com o legado teuto-brasileiro através da inclusão de música alemã e de bandinhas⁵⁷ na sua programação cotidiana matinal. Além disso, ela também apresenta aos domingos o *Wenn die music Spielt*, emissão apenas de música germânica. Ao longo das outras horas do dia, sua programação é apresentada em português, como nos outros casos citados.

A rádio Agudo, por sua vez, existe desde 1979 no município gaúcho de 18 mil habitantes que lhe deu nome. O município de Agudo foi colonizado preponderantemente por alemães, a partir de 1857, estabelecendo assim a ligação étnica com esta cultura que perdura até hoje entre os vários descendentes locais. Desta forma, sendo a programação da rádio

⁵⁵ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Baldu%C3%ADno_Rambo. Acessado em: 17.11.08.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.imperial.fm.br/?q=node/3>. Acessado em: 18.11.08.

⁵⁷ Muito comuns no sul do país “quase todas as bandinhas tiveram origem no encontro de músicos nascidos ou descendentes de alemães. Inicialmente, preocupados em preservarem os cantos e danças do país europeu, foram, naturalmente, transformando-se em conjuntos de baile, mesclando o repertório nacional ao folclórico.” (MILLARCH; 1986; p.19)

voltada para a população regional, emissões dedicadas à música alemã estão incluídas na sua grade horária. Todas as manhãs, durante duas horas, canções germânicas são tocadas no programa “Bandinhas em destaque”.

Além disso, a rádio é uma das repetidoras do programa AHAI – A Hora Alemã Intercomunitária. O AHAI é produzido semanalmente pelo jornalista Silvio Rockenbach e é transmitido por 21 rádios regionais, principalmente no sul do país. Este programa será também explicado mais detalhadamente no capítulo abaixo, mas seguem os nomes de algumas das rádios participantes: Sorriso AM (MT), Germânia FM (RS), Difusora Cultural AM (PR), São Bento AM (SC), Criativa FM (RS), Cerro Azul (RS) etc.

Por fim, o último componente nesta gama de mídias analisadas é a internet. Com a sua irradiação a partir do final dos anos 90, as possibilidades de divulgar, construir e perpetuar as identidades étnicas através de meios de comunicação foram, em muito, ampliadas. Se desde o início o uso da rede para estes fins já era bastante promissor, hoje, nos tempos de Web 2.0⁵⁸, ele é ainda mais estendido e facilitado. Inserir conteúdo atualmente na internet não é mais tarefa apenas de especialistas e aficionados por tecnologia, podendo ser feita por uma pessoa comum, sem conhecimentos específicos.

Assim, os blogs, flogs, comunidades de relacionamento e sites colaborativos em geral rapidamente se espalharam. No Brasil, diversas entidades ligadas à herança cultural alemã se valeram deste novo suporte para se divulgarem, podendo desta forma atingir um público bem maior e mais variado do que era possível antes através de, por exemplo, *newsletters*. Associações culturais germânicas, como a Sociedade Filarmônica Lyra de São Paulo (a ser apresentada no próximo capítulo) criaram seus websites, expondo neles sua história, equipe, contatos, grupos, atividades, eventos, fotos etc.

Alguns exemplos de instituições étnicas que utilizam a internet são a Associação Cultural Gramado – RS (<http://www.brasilalemanha.com.br/acg/>), o Grupo Folclórico Windmühle – SC (<http://www.windmuhle.art.br/>), a Sociedade Germânia – RJ (<http://www.sociedadegermania.com.br>) e a Associação Cultural Teuto-Brasileiro de Maringá – PR (<http://www.teutobrasileiro.com.br>).

Somando-se aos casos acima citados, existem também páginas pessoais, não representativas de associações, como os sites de família. Estes são em geral criados por um ou

⁵⁸Termo cunhado recentemente que define, entre outras coisas, o uso de “tecnologias que aumentaram a velocidade e a facilidade de uso de aplicativos Web, sendo responsáveis por um aumento significativo no conteúdo (...) existente na Internet. Estas também permitiram que usuários comuns (...) publicassem e consumissem informação de forma rápida e constante” (WIKIPEDIA; 2008). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0. Acessado em: 18.11.08

mais membros de um grupo que compartilha o mesmo sobrenome, com o objetivo de divulgar e pesquisar a genealogia, os encontros, as origens e a história dos antepassados, dentre outras atividades. Um exemplo representativo desta variante é a página da família Melges, a ser detalhada no capítulo seguinte.

Um último website muito acessado, embora não seja um produto étnico teuto-brasileiro, é o do *Deutschewelle* (onda alemã). Este, assim como o programa de rádio e o canal de TV homônimos, é produzido pelo próprio Governo Alemão e disponibilizado em diversos idiomas diferentes. Seu objetivo é fornecer informações e serviços sobre o país e a União Européia. Com a tríade de mídias e o fácil acesso a um abundante conteúdo, redigido também em português do Brasil, os veículos são muito acessados por descendentes teutos e interessados em geral pela Alemanha.

Enfim, além dos websites, também se tornaram bastante populares a apresentação destes grupos ou de temas ligados a imigração e descendência germânicas nas redes de relacionamento *online*, como o Orkut. Esta é outra possibilidade oferecida pela internet e que tem grande alcance, já que, só no Brasil, o Orkut conta atualmente com 23 milhões de usuários. Dentre suas milhares de páginas, são diversas as comunidades ligadas ao histórico alemão no país. Uma busca preliminar, digitando a palavra “alemães”, lista cerca de 1000 entradas.

Neste conjunto estão incluídas comunidades não necessariamente ligadas à cultura e tradição como “criadores de pastores alemães” ou “amo carros alemães”, porém a maioria é relacionada a este tema. Alguns exemplos são “nomes e sobrenomes alemães”, “família Henke”, “danças folclóricas alemãs”, “adventistas alemães da cidade de Entrada”, “baile dos alemães em Glorinha”, “Wiest – alemães do Brasil”, “alemães de Cascavel” e várias identicamente nomeadas “descendentes de alemães”. Destas homônimas, a comunidade com maior número de membros inscritos será apresentada, assim como outras mídias mencionadas, no próximo capítulo.

Além das redes sociais virtuais e dos websites, resta ainda um último recurso online a ser citado, o YouTube. O YouTube “é um site na internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital” (WIKIPEDIA; 2008)⁵⁹. E, se aproveitando deste novo veículo, lançado em 2005, também estão lá inseridos diversos vídeos ligados a presença alemã no Brasil.

Digitando desta vez as palavras “imigração alemã” no espaço de busca deste site, encontra-se cerca de 100 resultados. Alguns exemplos são: “imigração alemã no Brasil -

⁵⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acessado em: 18.11.08.

documentário”, “Bandoneonfest, a cultura musical da imigração alemã”, “entrevista com imigrante de alemães em Bom Despacho”, “Museu Histórico Visconde de São Leopoldo - Casa do Imigrante”, “Família Wandersee and Vandersee”, “Memorial do Imigrante - Grupo Folclórico Alemão”, “Tributo a Família Wagner” etc. Com outras palavras-chave, pode-se também encontrar vídeos que mostram como são hoje antigas colônias germânicas brasileiras, descendentes ainda falando o dialeto Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, dentre outras diversas possibilidades.

Por fim, é importante ressaltar que as mídias tradicionais, como a imprensa e o rádio, também usam hoje a internet para ampliar seu alcance e alavancar sua divulgação. Alguns dos periódicos citados neste tópico têm seu próprio website de notícias, complementar e interligado a versão impressa (Ex: *Brasil-Post* acessível em: www.brasilpost.com.br). As rádios, da mesma forma, têm frequentemente websites onde encontram um espaço de fácil acesso para exibir sua programação, informar números de contato, interagir com os ouvintes, além de disponibilizar um recurso em expansão atualmente, a transmissão ao vivo de seu conteúdo via internet.

6. EXEMPLOS DE MÍDIAS ÉNICAS: RÁDIO, JORNAL, COMUNIDADE VIRTUAL E WEBSITES

Neste capítulo serão apresentados seis exemplos de meios de comunicação étnicos existentes hoje e criados, voltados ou ligados aos teuto-brasileiros. Dentre as diversas opções, foram escolhidos um jornal, uma rádio, uma comunidade do Orkut e os websites de uma associação cultural, de uma família de origem germânica e do portal *BrasilAlemanha*, cujo idealizador, além deste espaço *online*, também produz um programa radiofônico semanal difundido em várias cidades brasileiras.

Para se ter acesso aos veículos, foram realizados contatos através de e-mails, telefone etc. com os responsáveis por cada mídia, que responderam a um questionário exposto na íntegra nos apêndices deste trabalho (APÊNDICE B). Também foram feitas pesquisas complementares na internet e em publicações diversas.

Enfim, os exemplos aqui reunidos não são a totalidade dos meios ainda hoje existentes e sim uma amostragem dos mesmos. Como visto no capítulo anterior, existem alguns outros jornais (inclusive em alemão), revistas, rádios, websites, comunidades etc. ligados de alguma maneira, direta ou indiretamente, à herança da colonização alemã e voltados, totalmente ou não, a seus descendentes.

6.1 Jornal Pomeroder Zeitung

O *Pomeroder Zeitung* é um jornal Catarinense, produzido, como sugere o nome, na cidade de Pomerode (ANEXO D). Esta se originou em 1861, a partir de uma antiga colônia que concentrava principalmente teutos vindos da Pomerânia, antiga região alemã. Ainda hoje cerca de 80% de seus habitantes são descendentes destes imigrantes e são bilíngües, se dividindo cotidianamente entre o português e o pomerano (WIKIPEDIA; 2008⁶⁰). Pomerode tem também diversas associações culturais e esportivas - como as 16 de caça e tiro registradas - e várias festas ligadas a tradição alemã.

Em relação à imprensa, a cidade, ao longo dos seus anos de existência, teve outros jornais, uns em português, outros em alemão, mas, atualmente, o mais antigo a circular na cidade é justamente o *Pomeroder Zeitung*, cuja primeira versão impressa foi distribuída em 1993. O *Pomeroder* é um jornal de pequeno porte e essencialmente local, priorizando notícias

⁶⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pomerode>. Acessado em: 31.10.08.

da comunidade, como manifestações culturais, educação e política. Não são publicadas páginas policiais, apenas informações relativas à segurança e precaução eventualmente úteis aos habitantes⁶¹.

Sobre este foco temático a atual diretora, Heike Weege, explica: “não faço sensacionalismo e pretendo levar para a população de Pomerode muita alegria, através das manifestações culturais que a cidade oferece. Pomerode é rica em cultura, tradição, lazer e educação. E esse será sempre o nosso foco, respeito ao leitor⁶²”. Esta filosofia acompanha o jornal desde o início, quando foi fundado pela antiga proprietária, Rejane Koch Goede, em 1993.

Weege, que comprou recentemente a publicação após ter trabalhado nela por três anos, afirma também que a ligação do *Pomeroder* com a cultura teuto-brasileira está justamente aí, na valorização dos assuntos ligados à comunidade e às suas tradições (como festas e associações locais) e na proposta de informar esta população essencialmente descendente e bilíngüe.

Para ela “os veículos de comunicação são parte importante na manutenção e divulgação dos costumes dos imigrantes. Retratando seus usos e costumes e valorizando com a divulgação, esses costumes serão fortalecidos⁶³”. Além disso, Weege acredita que a população pomerodense se identifique com o jornal. Ela conta que eles buscam participar do *Pomeroder Zeitung*, enviando freqüentemente material, fotos e convites para eventos culturais e sociais, na esperança de se verem ali representados.

Aliais, preencher a lacuna gerada pela falta de um periódico local, diretamente relacionado ao cotidiano e assuntos desta cidade de 25.261 habitantes⁶⁴, foi o motivo principal da criação do jornal. E, para torná-lo mais moderno e de maior alcance, foi lançado posteriormente um website. Esta página, acessível em www.jornalpz.com.br, aborda os assuntos publicados na versão impressa (ANEXO E), sendo dividida em diversas categorias como: cultura, social, ama bichos, economia, crônica, educação, *Kunst & Kultur*, moda & estilo, esporte.

No website, como destaque na segunda quinzena de outubro (o jornal é quinzenal), encontra-se: uma notícia sobre o perigo da dengue com o acúmulo de águas em cemitérios;

⁶¹ Heike Weege. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 09.10.2008.

⁶² Trecho de entrevista disponível em:

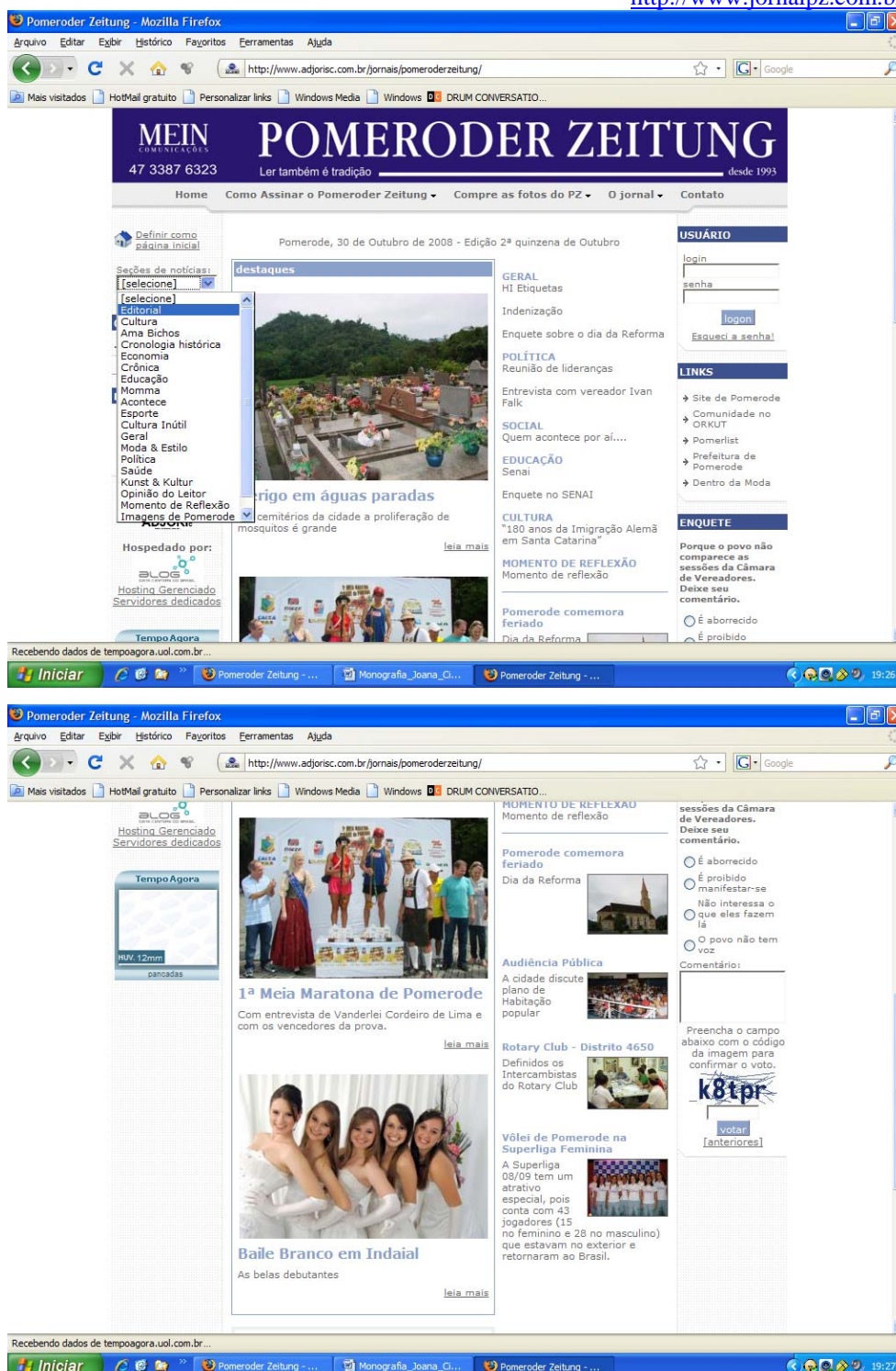
http://www.adjorisc.com.br/jornais/pomeroderzeitung/noticias/index.phtml?id_conteudo=130775. Acessado em: 31.10.08.

⁶³ Heike Weege. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 09.10.2008.

⁶⁴ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfilat.php?codmun=421320>. Acessado em 31.10.08.

outra sobre a primeira meia maratona de Pomerode; e finalmente, uma última sobre um baile de debutantes na região. Há também outras notícias laterais, ainda na *home* principal, como a aprovação de um novo feriado pela câmara municipal de Pomerode, um anúncio de uma audiência pública sobre um plano de habitação popular, etc. As imagens abaixo mostram a disposição na página das matérias mencionadas.

<http://www.jornalpz.com.br>



Além disso, o site oferece espaço para enquetes, consulta a edições anteriores, links para páginas relacionadas e também dados práticos, como o telefone e e-mail de contato e o expediente. E, observando esta lista de quem faz o jornal, se nota que dos nove envolvidos, apenas dois não tem sobrenomes germânicos. No cotidiano do *Pomeroder*, este quadro de pessoal se alia a uma pequena infra-estrutura, como explica a Diretora Heike Weege: “contamos com três computadores, copiadores, scanner, máquinas fotográficas digitais, gravadores. O jornal está localizado em um imóvel tombado pelo patrimônio histórico e bem no centro da cidade de Pomerode⁶⁵”.

Para somar-se ao impresso e ao website foram recentemente criados dois espaços do *Pomeroder* na rede de relacionamentos online Orkut, um uma comunidade, com 272 membros (em 01.11.08) e outro um perfil, com 162 “amigos” adicionados (em 01.11.08). Neste último ficam disponibilizadas, separadas por edição, todas as fotos das últimas quinzenas. Na página de recados, leitores, admiradores e colaboradores também entram em contato para parabenizar, sugerir, solicitar etc. Os espaços no Orkut são redigidos em português, assim como o jornal e seu site.

Em relação ao formato, a versão em papel é em tablóide e, além de em Pomerode, também circula em Blumenau, Jaraguá do Sul e Timbó. A tiragem⁶⁶ do jornal é de 2.000 exemplares a cada quinzena e o site conta com cerca de 10.000 acessos diários. Representando a imprensa atual na cidade, outros dois jornais (Jornal de Pomerode e A Cidade), produzidos igualmente em Pomerode, porém mais novos, dividem espaço com o *Pomeroder Zeitung*. A Diretora do *Pomeroder*, Heike Weege, edita também uma revista que circula na região, a Revista Pimenta.

6.2 Rádio Pomerode

A Rádio Pomerode, assim como o *Pomeroder Zeitung*, é também produzida na Cidade de Pomerode, Santa Catarina. Ao contrário do que acontece com a mídia impressa, a rádio é a primeira e única da cidade, tendo sido fundada em 19 de maio de 1984. A emissora (sintonizada em AM 1580) foi criada por oito sócios, Siegfried Lange, Horst Ripp, Alidor

⁶⁵ Heike Weege. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 09.10.08.

⁶⁶ Tiragem fornecida pela Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina. Disponível em: http://www.adjorisc.com.br/associados/tabela_precos.phtml?id_associado=86. Acessado em: 31.10.08.

Koch, Heinz Reiter, Curt Rauh, Ademar Buettgen, Jorge Buettgen e Vollrad Laemmel. Este último foi seu primeiro locutor.

Em relação à programação, ela é bastante variada, misturando jornalismo e entretenimento. Diariamente, das cinco da manhã às dez da noite, são tocadas músicas de vários estilos e anunciadas notícias e informações. Sua ligação com a herança alemã se mistura com a história da própria cidade onde está localizada.

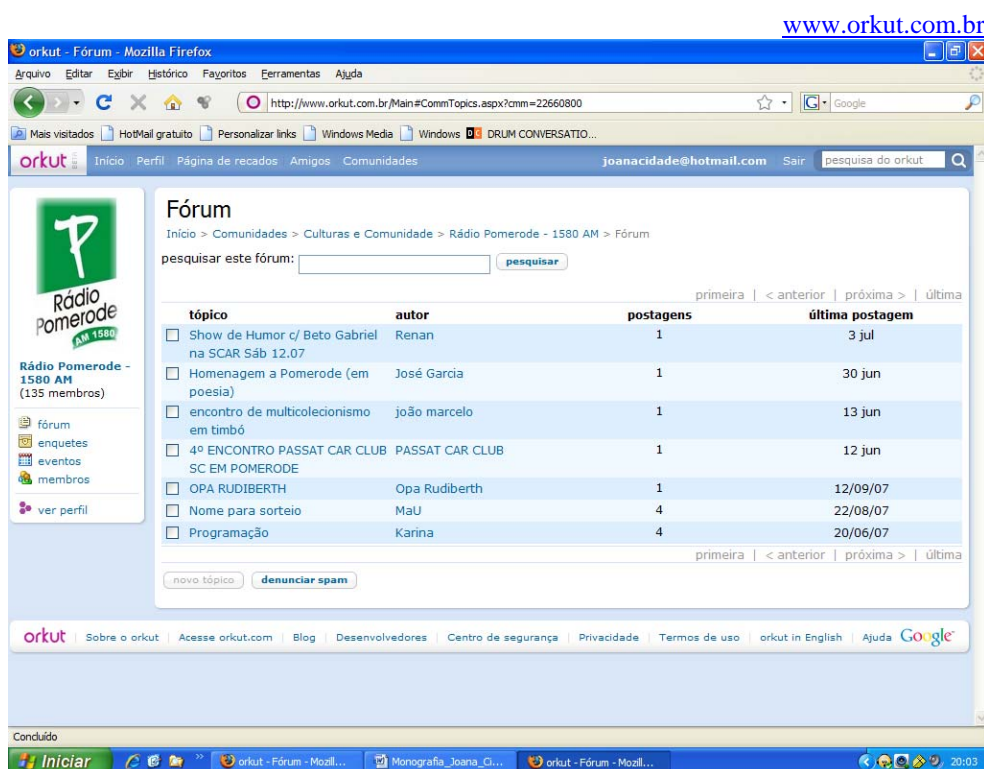
Muitos de seus fundadores, realizadores e ouvintes são descendentes destes imigrantes que chegaram a Pomerode e ao sul do Brasil nos séculos 19 e 20. E seu objetivo é justamente integrar e atender esta comunidade. Inclusive, como forma de se ligar a este passado histórico, a rádio inicia seu trabalho a cada manhã com o Hino da Pomerânia, pretendendo homenagear os antepassados.

Além disso, são tocadas músicas alemãs em alguns programas, como o “Immer Lustig” (ANEXO F – CD) - em português, “sempre divertido” - e no quadro de humor intitulado “*Frühstück* com o Opa Rudiberth” ou, traduzido, “Café da manhã com o vovô Rudiberth” (ANEXO F – CD). Nele, Opa Rudiberth entretém os ouvintes com piadas, muitas músicas alemãs e recados enviados pelos locais, como desejos de feliz aniversário. Também como forma de humor, o locutor apresenta forte sotaque ao falar português e se expressa eventualmente em alemão. Para difundir esta personagem, o locutor/humorista criou um perfil e duas comunidades no Orkut, onde se define humoristicamente em uma delas:

www.orkut.com.br

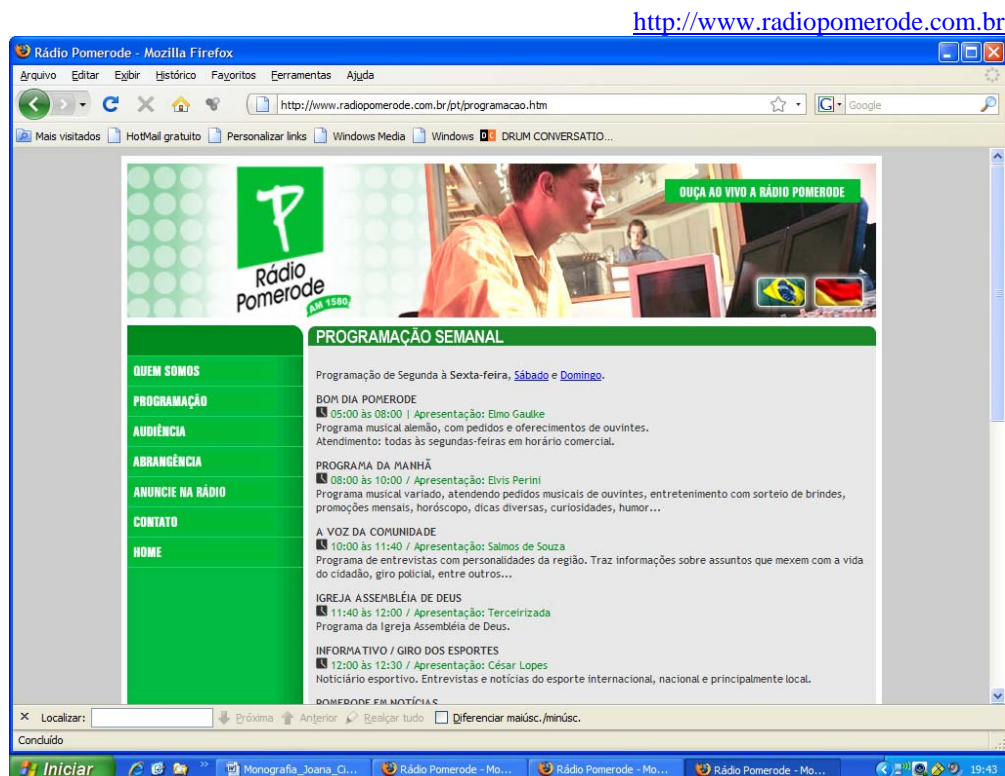
The screenshot shows a web browser window displaying the Orkut profile of 'Opa Rudiberth von Rádio Pomerode'. The browser is Mozilla Firefox. The profile page has a blue header with the Orkut logo and navigation links. The main content area shows the profile name, a cartoon avatar of a man with glasses and a mustache, and a bio in Portuguese. The bio describes the character as a radio host from Pomerode, Brazil, and mentions a radio program. There are statistics for recados (24), fotos (129), videos (6), fãs (207), and fotos com ele (2). The profile also shows a list of friends (Joana, Felipe, etc.) and communities (Vc conhece o opa do, etc.). The browser's address bar shows the URL: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=13468123322081085424.

Como ele mesmo frisa na outra comunidade, estes são espaços de interação dos ouvintes com o personagem e com o programa: “Pessoal a partir de hoje eu, o Opa Rudiberth, tenho essa comunidade que é pra *entra (sic)* todos aqueles que gostam do Opa na Rádio e que *me (sic)* escutam minhas piadas sempre e qualquer coisa pode mandar que Opa responde⁶⁷”. Porém, não só este programa específico está representado no Orkut, a rádio também tem desde 2006 uma comunidade. Ela tem 135 membros inscritos (em 1.11.08) e funciona como um espaço de divulgação da rádio, anúncio de eventos locais e de comunicação com os ouvintes, como mostrado abaixo:



Também pensando em ampliar o acesso a rádio, foi lançado um website. Nele pode-se ler informações sobre a rádio, pesquisar a grade de programação, interagir, por exemplo, pedindo uma música e ouvir *online* a transmissão, como demonstrado na imagem:

⁶⁷ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=38831832>. Acessado em 1.11.08.



A página, que tem versão em português e alemão, foi criada, segundo um dos responsáveis pela rádio - Maurício Nienow D'Amaral - para “atingir o público que não mora na localidade, mas que morou ou que possuem aqui parentes, amigos ou familiares⁶⁸”.

Quanto à equipe, a Rádio Pomerode conta com dez pessoas, divididas entre área comercial, financeira, diretoria, gravação e locutores. D'Amaral explica que o quadro de funcionários é enxuto, pois eles dispõem de equipamentos bastante modernos, que necessitam de um número essencial e reduzido de indivíduos para geri-los. Em relação ao alcance, o sinal da rádio atinge a região do Médio Vale do Itajaí, incluindo, além de Pomerode, as cidades de Rio dos Cedros, Timbó, Indaial, Blumenau, Massaranduba e Jaraguá do Sul.

6.3 Portal Brasil-Alemanha e programa radiofônico AHAI

Estes dois meios, o portal Brasil-Alemanha e o programa radiofônico “A Hora Alemã Intercomunitária” (AHAI), apesar de diferentes, estão aglutinados em um único tópico, pois suas histórias são interligadas e ambos foram criados por um mesmo realizador, o jornalista gaúcho Silvio Aloysio Rockenbach. Antes de concebê-los, Rockenbach morou e trabalhou na Alemanha como redator e correspondente de diferentes veículos durante 13 anos. Depois de

⁶⁸ Maurício Nienow D'amaral. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 21.10.08.

voltar ao Brasil, ele ainda hoje continua ligado à Alemanha, trabalhando como assessor de imprensa no Consulado Geral de Porto Alegre, além de outras ocupações.

Dos dois projetos criados pelo jornalista, o primeiro a surgir foi o programa bilíngüe de rádio AHAI (ANEXO G – CD), cujo nome em alemão é *Die deutsche Stunde der Gemeinden*. Sua transmissão inicial foi ao ar em 25 de julho de 1994, tendo sido na época repetida por 23 emissoras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O AHAI, desde o início e até hoje, é produzido e preparado pelo próprio Rockenbach, que também assume o posto de locutor. A infra-estrutura utilizada é mínima, resumindo-se a um computador doméstico destinado às gravações e edições. Cada programa pronto é semanalmente enviado as emissoras associadas para ser difundido. Estas repetidoras são atualmente vinte e uma, espalhadas por quatro estados: os três do sul e mais o Mato Grosso. O AHAI sempre vai ao ar no fim de semana, variando entre sábado e domingo dependendo da rádio.

Quanto ao conteúdo, o programa, que dura uma hora, transmite músicas alemãs e notícias relevantes para a comunidade teuto-brasileira. Além disso, ele trás anúncios (como avisos de festas de família de mesmo sobrenome) e impressões de quatro comentaristas externos, sendo dois contatados por telefone e outros dois (São Paulo e Alemanha) que enviam via internet seu material em formato MP3.

Com “A Hora Alemã Intercomunitária” já sedimentada, surge, em 1999, o segundo projeto, o portal Brasil Alemanha (acessível em www.brasilalemanha.com.br). Este, por estar disponível na internet, aumenta muito o alcance em relação ao rádio. Além disso, seu conteúdo é também muito mais abrangente.

Lá se encontra uma grande variedade de assuntos relacionados à imigração, a comunidade teuta no Brasil, cultura e a Alemanha de hoje. Um dos principais tópicos, e que vem inclusive em primeiro na lista do menu, é relativo aos encontros de família. Também anunciados semanalmente no AHAI, há no site um espaço para divulgação destes eventos que pretendem reunir todas as pessoas que compartilhem um mesmo sobrenome de origem alemã no Brasil, se conheçam elas ou não.

Outros tópicos são sobre: bandas e músicos, cervejarias, associações, clubes e sociedades, cursos de língua, tradutores e intérpretes, cidadania alemã, notícias, estudar na Alemanha, turismo na Alemanha, cinema alemão, cultura alemã, danças e trajes típicos, música alemã, imigração alemã, Pesquisas e Teses etc. No portal é também possível ler sobre o AHAI, verificar sua grade de transmissão em cada emissora e baixar uma parte de seu conteúdo, como observado na imagem abaixo:

<http://www.brasilemanha.com.br>

BrasilAlemanha
www.brasilemanha.com.br

Terça-feira, 04 de novembro de 2008.

Cadastre-se e receba o informativo Neues em seu e-mail:
Seu nome: Seu e-mail: OK

25º Oktoberfest
BLUMENAU - SC
25 a 27 de outubro de 2008

Uma festa tamanho família.

BrasilAlemanha é o portal por excelência do amplo espectro de relações

Google Pesquisa Personalizada

Últimas Notícias

20 Bolsas de doutorado e pós-doc em história e sociologia na Bielefeld Graduate School

21ª Oktoberfest de Igrejinha encerra com recorde de público

24ª Oktoberfest de Santa Cruz do Sul atrai 455 mil pessoas

25ª Oktoberfest: Último desfile empolga 25 mil pessoas

Resgate final: Apesar das chuvas, mais de 590 mil prestigiaram 25ª Oktoberfest
As chuvas persistentes durante a 25ª Oktoberfest de Blumenau não impediram que 594.636 pessoas fossem ao Parque Via Germânica se divertir ao som de 40 bandas, cinco delas alemãs, provar os

Giro em Berlin: bicicleta é meio de transporte popular na Alemanha
Eles andam sobre duas rodas, desviam dos carros e surpreendem os pedestres. Em uma capital como Porto Alegre, por exemplo, a descrição poderia aplicar-se às ruínas

Sesquicentenário Colonização Alemã-Pomerana 1858 - 2008
São Lourenço do Sul - RS - Brasil

No Ar.Biz

sanskryttus@pop.com.br

Programa AHAI - A Hora Alemã Intercomunitária/Die Deutsche Stunde der Gemeinden

Sabados			
09	Rádio Vera Cruz AM www.radioveracruz.com.br sáb. - 13h	Horizontina	RS
07	Rádio Metrópole www.metrople1070.com.br sáb. - 14h	Crissiumal	RS
20	Rádio Planalto AM Sáb. - 14h30min	Passo Fundo	RS
+ 03	Rádio Princesa AM sáb. - 19h	Candelária	RS
Domingos			
19	Rádio Sorriso AM www.radiosorriso.com.br dom. - 06h (horário Brasília)	Sorriso	MT
06	Rádio Integração do Oeste AM dom. - 07h	Corbélia	PR
14	Rádio Sorriso FM www.sorrisofm.com.br dom. - 08h	Panambi	RS
01	Rádio Agudo AM www.radioagudo.com.br	Agudo	RS

Esta mistura de temas históricos e recentes, expressa pelos tópicos listados, define bem o objetivo tanto do programa de rádio quanto do portal. O idealizador de ambos, Silvio Aloysio Rockenbach, explica:

O objetivo é justamente construir, a partir de uma tradição ainda existente, uma imagem moderna da Alemanha e dinamizar diretamente a comunidade alemã do Brasil inteiro e, em última análise, toda a sociedade brasileira - especialmente os jovens - para as múltiplas vantagens de um intercâmbio com a Alemanha de hoje,

muito distante das repetitivas e fantasiosas deturpações da cinematografia norte-americana e na liderança mundial em praticamente todas as áreas, em alternância (1º, 2º ou 3º lugar) em praticamente todas as áreas do conhecimento e da tecnologia, além de uma fantástica cultura, representada pelos grandes pensadores, escritores, compositores, inventores e reformadores de primeira ordem no contexto das nações.⁶⁹

Para Rockenbach, os indivíduos de origem germânica ainda estão demasiadamente ligados a um passado histórico relacionado à época em que seus antepassados emigraram para o Brasil. A sua idéia da Alemanha de hoje ainda estaria anexada àquela do século 19, nas tradições que ainda são mantidas em algumas antigas colônias. Com isso, eles estariam deixando de aproveitar possíveis oportunidades de um relacionamento mais estreito com a Alemanha do século 21, gigante econômica e cultural. Os traços germânicos ainda presentes nestas comunidades brasileiras seriam um elo pertinente e de enorme potencial a ser utilizado nesta aproximação.

E é assim que estes dois projetos contribuem para a identidade teuto-brasileira, resgatando o passado, divulgando-o e trazendo-o para o futuro. A idéia seria modernizar o pensamento, preservando a tradição. Ou, nas palavras de Rockenbach, o programa de rádio e o portal contribuem “cada vez mais, mas de uma forma muito mais esclarecida, dinâmica e atual, visando, a partir da herança cultural do passado, sempre mais o presente e o futuro, especialmente para as novas gerações, tão influenciadas e desvirtuadas pela avalanche cultural norte-americana⁷⁰”.

Além disso, ele acredita que ambos os projetos estão igualmente participando da formação e manutenção da identidade teuto-brasileira ao mostrar e valorizar a cultura alemã tão, segundo ele, vilipendiada durante o Estado Novo. Seria uma tentativa de resgatar, de certa forma, ainda mais a auto-estima de ter esta origem étnica, abalada desde a Era Vargas e do pós segunda guerra.

Enfim, para continuar ampliando a disseminação de suas idéias, Rockenbach agregou recentemente, ao AHAI e ao portal, mais uma frente de divulgação. Foi criada uma newsletter chamada NEUES, que já conta com 27.633 assinantes. A inscrição na mesma é facilitada através do Brasil-Alemanha, em banner exposto permanentemente no topo de todas as páginas.

⁶⁹ Silvio Aloysio Rockenbach. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 23.09.08.

⁷⁰ Idem.

6.4 Sociedade Filarmônica Lyra de São Paulo e seu website

A Sociedade Filarmônica Lyra é uma associação cultural privada de origem alemã, a mais antiga em funcionamento na cidade de São Paulo. Ela foi criada no ano de 1884 com o nome original de *Deutscher Männer Gesang Verein Lyra*. A mudança de título está relacionada à época da segunda guerra mundial e a Campanha Nacionalista, quando o Governo Brasileiro obrigou a interrupção das suas atividades e fechou sua sede. Neste período, os bens da entidade foram confiscados e doados à Cruz Vermelha e o exército ocupou o prédio, sem ter sido contraproposta qualquer indenização.

Após alguns anos de pausa, em 1956, a associação foi retomada, já com endereço de sede e nome novos. Enquanto no passado os associados eram principalmente imigrantes, hoje a Sociedade LYRA abriga também muitos descendentes, que desejam igualmente manter vivos os laços culturais de seus antepassados. Atualmente, ao coral masculino que deu início às atividades, se somam a orquestra de bandolins, o jogo de cartas *Skat*, dois grupos de danças folclóricas e o yoga, este último sinal inequívoco dos novos tempos.

Além disso, a entidade promove periodicamente eventos musicais (com o coral e a orquestra), eventos culturais, bailes típicos, jantares, bazares e encontros de grupos folclóricos e corais vindos da Europa. Para se manter, a LYRA, que é uma sociedade sem fins lucrativos, é sustentada pela contribuição social de seus associados.

Quanto aos objetivos, a entidade pretende divulgar e preservar “os valores e cultura alemãs, em todas as suas mais variadas manifestações, assim como o intercambio cultural com todos os povos⁷¹”. E, em relação à identidade étnica dos teuto-brasileiros, Everton Altmayer, um dos representantes da LYRA, acredita que a associação ajuda a mantê-la através “de intercâmbios culturais, participação em eventos e amizade entre colônias germânicas brasileiras com a Sociedade Filarmônica⁷²”. Estes intercâmbios são realizados com, por exemplo, grupos e entidades em São Paulo, no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Região Sul.

Além de todos estes esforços, a entidade conta hoje com um grande aliado na divulgação de suas propostas, seu website - objeto de nossa análise enquanto meio de comunicação. A página (acessível em www.lyra.org.br) divulga a história da LYRA e concentra todas as suas atividades, explicando a origem e percurso de cada uma. Lá também são exibidos os horários dos ensaios ou práticas semanais de cada grupo e as formas de se

⁷¹ Fonte: site oficial da Sociedade Filarmônica Lyra. <http://www.lyra.org.br/index.htm>. Acessado em 4.11.08

⁷² Everton Altmayer. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 23.09.08.

associar como membro. Todos os textos do site têm uma versão em português e outra em alemão. Os conteúdos se dispõem, na página principal, da seguinte maneira:



Amainando o peso dos 124 anos de história da Sociedade (em 2008), o website, através da internet, conecta o passado e o presente, trazendo tecnologia, novas mídias e novas formas de divulgação às práticas estabelecidas. As atividades, a história e a tradição ganham mais visibilidade, talvez tragam mais membros e, com certeza, aumentam o número de pessoas que travam contato com as idiosincrasias étnicas da imigração alemã. Este é seu papel neste contexto, o do website, e é assim que ele participa ativamente, no caso desta Sociedade, da identidade teuto-brasileira. Como definiu simplesmente Everton Altmayer, a Internet “é um ótimo meio de divulgação da cultura alemã no Brasil⁷³”.

6.5 Website da família Melges

Diferentemente dos meios anteriormente descritos, este não representa uma entidade, associação, programa jornalístico ou empresa de mídia. É um site pessoal, criado em 1996 pelo teuto-brasileiro paulista Walmir da Rocha Melges, para expor a história de sua família.

⁷³ Everton Altmayer. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 23.09.08.

Ele é fruto das pesquisas realizadas por Melges e seu pai, iniciadas a partir do final de 1977. Ali estão condensados os anos de trabalho, viagens, entrevistas e buscas dos dois por seus antepassados e contemporâneos.

Quanto aos objetivos desta empreitada, Walmir Melges conta que no início pretendia, com seu website, “apenas deixar clara a existência da nossa família⁷⁴”. Com o tempo percebeu também a necessidade de mostrar para seus parentes (conhecidos ou não) o contexto histórico que trouxe os seus ancestrais para o Brasil, o forçando a ampliar na época sua pesquisa.

Hoje, ele diz que planeja atingir os membros mais novos colocando a listagem de “algumas gerações na internet para clarificar os garotos de hoje da minha família⁷⁵”. Além disso, ele também afirma no próprio site (acessível em www.familiamelges.com.br) que pretende tentar localizar Melges ainda não identificados e oferecer ali uma oportunidade para os parentes divulgarem seus ramos familiares específicos.

E é justamente desta forma, cumprindo estes objetivos, que o website da família Melges contribui na manutenção e formulação da identidade teuto-brasileira: ele resgata, personifica e divulga uma parte da história da imigração, o ontem e o hoje de seus personagens e hábitos. Para o criador da página, seu trabalho, por estar “calcado em provas irrefutáveis, colabora em algo que já é patente para todos: os alemães vieram, ficaram e auxiliaram a construir este país (...)”⁷⁶. Já a utilização da internet - mais especificamente de um site - para este fim é definida por Melges como uma oportunidade para que o grande público, inclusive parentes desconhecidos, tomem conhecimento de sua pesquisa.

Antes do site, ele já havia tentado outra forma de divulgação, uma *newsletter* posteriormente abandonada por ser considerada muito lenta, cara e restrita, pulverizando e limitando a divulgação da informação. Ao longo dos anos de pesquisa e exposição na internet, Walmir Malges conta que muitos parentes desconhecidos entraram em contato interessados em saber mais sobre sua posição na árvore genealógica, porém com poucos surgiu após esta troca qualquer relação mais próxima. Apesar disso, já foram realizados dois encontros de família organizados por uma prima sua - segundo ele voltada apenas para a esfera de relacionamento social e não para a genealogia - aos quais ele não compareceu.

Em relação à manutenção do site ela é feita pelo próprio Melges que o alimenta e administra. Nem tudo que pesquisou está presente no site, pois ele pretende resguardar

⁷⁴ Walmir da Rocha Melges. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 21.10.08.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

algumas de suas informações de plágios e conservá-las inéditas para o lançamento do livro que está escrevendo sobre sua família.

Ainda assim o material divulgado no site é bastante variado, contando com as seções: família Melges no Brasil, ramos familiares, família Melges na Alemanha, pesquisa genealógica, cartas-relatos-histórias, árvores genealógicas. Como mostrado na imagem abaixo, alguns destes itens apresentam ainda subdivisões, detalhando ainda mais cada assunto. Já outros estão vazios, aguardando o conteúdo ou nova atualização (ex: árvores genealógicas).



Sintetizando, o site apresenta o autor das pesquisas e seu pai, como e porque começaram esta empreitada, a história da família antes de sair da Alemanha e após chegar ao Brasil (se estabelecendo em Petrópolis em 1845), seus diversos ramos atuais, orientações para fazer pesquisas genealógicas, etc.

Por último, em relação a sua experiência pessoal e direta de vida, Walmir Melges conta que, em seu grupo familiar direto, os costumes germânicos há muito se perderam, pois os alemães, no estado de São Paulo onde vive, “foram espalhados por dezenas de municípios e logo criam raízes e modificaram – tropicalizaram – seus costumes, entrosando-se não somente com o povo, mas também com a cultura⁷⁷”.

⁷⁷ Idem.

Este afastamento, descrito neste relato e menos comum no sul do país, se encaixa a maior parte dos descendentes de imigrantes dirigidos a áreas de colônias no Rio de Janeiro, como Friburgo e depois Petrópolis (para este último dirigiram-se a priori os Melges). Como visto no segundo capítulo deste trabalho, os colonos assentados nestes locais se dissociaram e espalharam, motivados pelas péssimas condições de seus assentamentos ou outras razões. Assim, sua total integração na sociedade brasileira foi muito mais rápida. No caso dos Melges, a manutenção e contato com este passado se deram pelo interesse de seus membros pela história da família, pela genealogia e preservação de sua origem através destes relatos, expostos no website.

6.6 Comunidade do Orkut “descendentes de alemães”

A comunidade “descendentes de alemães” aqui analisada, não é a única, mas é atualmente a maior do site de relacionamentos Orkut. Na presente data, novembro de 2008, ela conta com mais de 257 mil membros. A título de comparação, a segunda colocada, homônima, tem apenas cerca de quatro mil. Segundo seus moderadores, ela foi criada há quatro anos como um ponto de encontro entre brasileiros de origem germânica interessados em buscar informações ou contato com pessoas de mesma ascendência.

O endereço escolhido para este ponto de encontro -o Orkut - representa hoje um site de grande sucesso no Brasil, contando com mais de 23 milhões de usuários no país⁷⁸ (WIKIPEDIA; 2008). E, como consequência do elevado número de participantes, os conteúdos ali publicados ganham grande visibilidade e penetração, sendo já diversas vezes utilizados como fontes de pesquisa, reportagens, contatos etc.

O Orkut, criado em janeiro de 2004 e filiado ao Google, é usado como uma rede social e, para tanto, permite a cada usuário criar sua própria página, chamada perfil⁷⁹ (WIKIPEDIA; 2008). Além disso, pode-se vincular a seu espaço pessoal diversas comunidades, como esta deste tópico. Uma comunidade, criada por um ou mais usuários do Orkut, é uma espécie de fórum com um tema específico e questões a serem debatidas sobre ele. Também é possível, neste espaço, fazer enquetes e divulgar eventos ligados ao assunto principal.

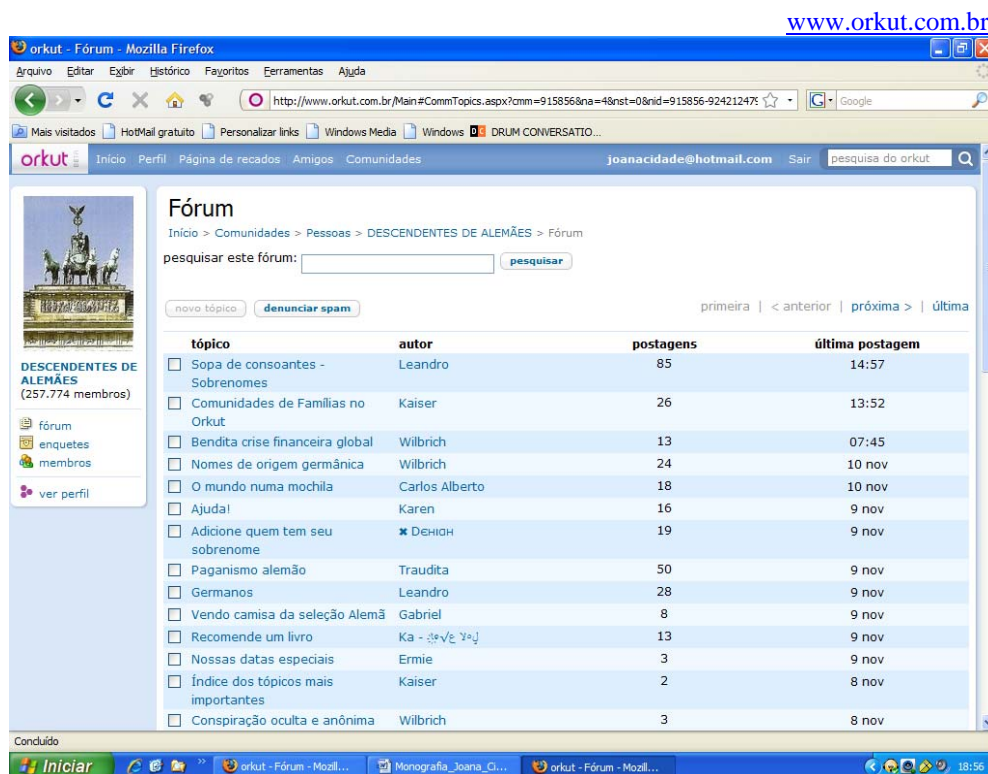
⁷⁸ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acessado em: 08.11.08.

⁷⁹ Idem.

Enquanto parte do Orkut, é dentro destas regras que a comunidade “descendentes de alemães” se estrutura. Logo na página principal há uma foto (imagem do Portal de Brandemburgo, famoso monumento de Berlim) e uma descrição do que será ali abordado:



A página é administrada atualmente por três moderadores: Roberto Wilbrich, Leandro Richter e Ermengarda Klieg. Para os participantes, é possível ingressar através do fórum nas discussões dos cerca de 50 tópicos disponíveis, além das enquetes. Algumas das discussões em andamento são: nomes de origem germânica, imigração - lista de navios e passageiros, os 100 sobrenomes mais frequentes na Alemanha, dialetos vivos etc., como mostrado abaixo:



Em relação a estes tópicos, Richter afirma que todos, “mesmo os mais antigos, são de discussão permanente. Nossa comunidade é, ao que parece, a única do Orkut que não tem regras de funcionamento. (...) Não há assuntos proibidos. Discussões sobre Segunda Guerra Mundial e Nazismo são assuntos livres. No entanto, tópicos que possuem cunho agressivo, apologia neonazista ou que são preconceituosos não encontram campo muito fértil em nosso meio e são removidos⁸⁰”.

Além disso, Richter explica que a comunidade contribui para a manutenção da herança dos antepassados alemães na medida em que dá prioridade para “debates informativos sobre a colonização alemã no Brasil; apoio para pesquisas genealógicas; tradições familiares passadas de geração para geração; curiosidades sobre os dialetos alemães no Brasil; a religiosidade alemã (luteranismo, catolicismo e neo-paganismo); mentalidade, particularidades e modos de ser herdados (...)”⁸¹.

Segundo ele, inclusive, muitos jovens buscam a comunidade para saber o significado do seu sobrenome ou solicitar ajuda para montar sua árvore genealógica. Porém, apesar de voltada para descendentes de alemães e em geral freqüentada por eles, a comunidade está aberta a brasileiros com outras origens, sem restrições.

⁸⁰ Leandro Richter. Entrevista realizada pela autora deste trabalho em 21.10.08.

⁸¹ Idem.

Sobre os moderadores, Roberto Wilbrich, Leandro Richter e Ermengarda Klieg, é interessante notar que eles vivem em locais completamente diferentes, sendo dois no Brasil (Rio Verde - Goiás e Manaus - Amazônia) e uma nos Estados Unidos. Todos são brasileiros e nasceram nos estados do sul, mas foram unidos apenas pela internet, culminando na administração conjunta deste espaço no Orkut. E, desta forma, eles acreditam também que esta rede virtual e sites em geral ajudam “a despertar nos descendentes a curiosidade a respeito do assunto da imigração e ajudam na troca de informações⁸²”.

Enfim, em relação à identidade teuto-brasileira os três se esforçam em afirmar que se identificam completamente como brasileiros. Eles acreditam que poucos descendentes (apesar da maior incidência no sul de alguma preservação) conservem hoje costumes germânicos, já que a maioria deles representa a terceira, quarta ou até quinta geração após a chegada do antepassado alemão. Ainda assim, eles defendem a manutenção e transmissão dos hábitos e tradições herdados, utilizando, neste caso, sua comunidade no Orkut. E, finalmente, eles criticam os descendentes que hoje “idolatram” a Alemanha atual, mais de 100 anos após a chegada dos ancestrais ao Brasil.

⁸² Idem.

7. CONCLUSÃO

Primeiramente, este trabalho contextualizou a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, explicando quando, porque e como vieram. Desta forma, foi possível montar a base fundamental de sua estruturação no país e investigar o estilo de vida que aqui tiveram. Concluiu-se que daqueles que se dirigiram para as cidades, a presença cotidiana da cultura germânica foi logo abrandada pela pluralidade dos grandes centros, a separação e a miscigenação.

Já dentre os alojados nas colônias do interior, a manutenção do *Deutschtum* continuou bastante forte mesmo gerações após o desembarque dos colonos pioneiros. Contribuíram para esta situação, a localização isolada dos assentamentos, em áreas de mata, e a parca estrutura fornecida pelo Governo Brasileiro, obrigando os imigrantes a fundar suas próprias instituições como escolas, igrejas etc. Se a princípio elas supriram uma demanda fundamental, aos poucos foram sendo associadas à perpetuação do seu estilo de vida e do seu idioma.

Estas características culturais preservadas por gerações, somadas as idiossincrasias locais, formataram a chamada identidade teuto-brasileira, a identidade étnica associada aos descendentes de alemães. Os longos anos de permanência no Brasil fizeram com que alguns costumes, tradições e mesmo os diversos dialetos sofressem alterações, ajustes, somas e diminuições.

Com base nestes dados, obtidos através de pesquisas e entrevistas, este trabalho averiguou que hoje a presença desta identidade hifenizada ainda persiste, mas está restrita a menos áreas. Atualmente, por exemplo, o número de falantes dos idiomas germânicos é cada vez menor, estando o seu uso mais associado às gerações antigas, às pessoas de maior idade. Entre os jovens, cada vez mais a ascendência fica restrita apenas ao sobrenome herdado. Justificam estas alterações no panorama, o forte impacto da campanha de nacionalização, a miscigenação e os já quase 200 anos de chegada dos primeiros imigrantes.

Os locais que ainda preservam de certa maneira esta cultura estão principalmente situados no sul do país. Lá, em cidades como Pomerode, Teutônia e Blumenau, a influência alemã ainda permanece na vida cotidiana das pessoas, que usam eventualmente o *hunsrückisch*, o pomerano, o *hochdeutsch* etc. para se comunicar, além de manter certos hábitos dos ancestrais. Em algumas destas localidades, o turismo, apesar do seu risco de massificação, tem sido grande aliado nesta manutenção e eventual resgate cultural, com empresários e prefeitos incentivando manifestações folclóricas e promovendo “festas típicas” para atrair visitantes.

Em relação à produção de mídia étnica, percebe-se que são atualmente poucos os veículos clássicos (jornais, revistas) feitos ou voltados para este público. Desde finais do século 19, a imprensa alemã no Brasil era bastante desenvolvida, com muitos periódicos publicados. Entretanto, este segmento, tão representativo da identidade germânica, jamais voltou à mesma dimensão após as proibições e fechamentos forçados trazidos pela campanha de nacionalização, iniciada em 1938.

Ainda que os jornais étnicos não sejam hoje numerosos, o advento de novas tecnologias, como a internet, multiplicou as opções de suporte. Assim, atualmente existem diversos websites, portais, comunidades virtuais, etc. relacionados diretamente ou não ao tema da imigração alemã no Brasil, sua história, costumes e descendência. Até mesmo diversas instituições físicas e não midiáticas, como grupos de dança e canto germânicos, fazem uso da internet para ampliarem seu potencial de exposição e divulgação.

Desta forma, unindo novas e antigas possibilidades, mídia e identidade étnica constituem um binômio, onde os meios de comunicação são empregados como um dos elementos de fixação e reprodução dos valores culturais. Eles divulgam, perpetuam e alastram os costumes, hábitos, história e idioma dos imigrantes e seus descendentes, os teuto-brasileiros.

Enfim, apesar da presença do modo de viver germânico ter diminuído bastante ao longo dos quase dois séculos de fundação das primeiras colônias, ainda são encontrados diversos elementos de sua cultura em várias das regiões onde inicialmente habitaram, espalhadas pelo Brasil. Embora os alemães não sejam os mais lembrados, pelo imaginário popular, como nacionalidade constituinte do país, seu fluxo migratório foi o mais longo e um dos mais numerosos. Assim, os povos germânicos deixaram indubitavelmente sua marca na história e na formação nacional, visíveis na arquitetura de algumas cidades, no desenvolvimento industrial de certas áreas, nos meios de comunicação, nas pessoas e na pluralidade da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos, monografias, dissertações e teses

AZEVEDO, Monica Veloso. **O imigrante alemão no contexto das relações Brasil-Alemanha (1937-1945): A campanha de nacionalização**. In: X Encontro regional de história. ANPUH-RJ. UERJ. Rio de Janeiro, 2002.

Disponível em:

<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Azevedo%20Monica%20Velloso.doc>

Acessado em: 22.10.08

ALTENHOFEN, Cléo; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria Lidiane; KLASSMANN, Mário; NEUMANN, Gerson; SPINASSÉ, Karen. **Fundamentos para uma escrita do hunsrückisch falado no Brasil**. In: Revista Contingentia, Vol. 2, novembro 2007, 73–87

Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3867/2166>

Acessado em: 15.11.08

BAHIA, Joana. A **"lei da vida": confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos**. In: Educ Pesq, Jan./Junho 2001, vol.27, N°.1, p.69-82.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a05v27n1.pdf>. Acessado em: 25.09.08

CARNEIRO, Maria José. **Descendentes de Suíços e Alemães de Nova Friburgo: de 'colonos' a 'jardineiros da natureza'**. In: Ângela de Castro Gomes. (Org.). Historia de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro. Primeira edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, v. 1, p. 44-65.

CASTRO, Cintia Salomão. **A construção das identidades étnicas através dos meios de comunicação de massa nos espaços culturais urbanos no contexto das imigrações internacionais**. Dissertação de mestrado em Imigração e Transformação Social na faculdade de Filosofia da Università Ca' Foscari, Veneza, Itália. 2005a.

Disponível em: <http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=245&cf=3>

Acessado em: 28.10.08

_____. **A responsabilidade da mídia na "etnização" das identidades culturais**. In: Portal de comunicação *Comunique-se*. 2005b.

Disponível em:

<http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=21803&Editoria=237&Op2=1&Op3=0&pid=206554384&fnt=fntnl>

Acessado em: 29.10.08

COSTA, Adriano. **Os jornais pelo mundo**. Artigo publicado no blog “Os jornais pelo mundo”. Abril, 2004.

Disponível em: http://www.osjornais.blogger.com.br/2004_03_28_archive.html

Acessado em: 19.11.08.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização, industrialização.** In: Centro Brasileiro de pesquisas educacionais, série VI, Sociedade e Educação, Vol. 5. Rio de Janeiro, 1964.

DROOGERS, André. **Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005).** In: Relig. soc., jul. 2008, vol.28, N°.1, p.13-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a02v28n1.pdf>. Acessado em: 4.10.08

ELHAJJI, Mohammed e ALVES, Ana Carolina. **Mídia étnica: potência vitalidade e combate.** Trabalho apresentado na: INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ribeirão Preto, SP - 22 a 24 de maio de 2006.

Disponível em:

www.direitoacomunicacao.org.br/novo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=317

Acessado em: 29.10.08

FERNANDES, Mario Luiz e MERTENS, Graziela. **A pequena imprensa no Vale do Itajaí.** Acervo On-line de Mídia Regional, ano 11, vol. 6, n. 7, p. 75-92, set/dez 2007.

Disponível em:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/midiaregional/article/view/3864/3628>

Acessado em: 01.11.08

FOETSCH, Alcimara aparecida. **Paisagem, cultura e identidade: os Poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet, Paraná.** In: Revista *on line* Caminho da Geografia. Junho 2007, vol.8, N°.21, p.59-72. Uberlândia.

Disponível em:

<http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id=759&article=296&mode=pdf>

Acessado em: 10.10.08

KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. **Vir, viver e talvez morrer em Campinas.** Editora Unicamp, Campinas, 1999.

KREUTZ, Lúcio. **Identidade étnica e processo escolar.** Trabalho apresentado no XXII Encontro anual da Associação de Pós Graduação e Pesquisa em ciências sociais (ANPOCS). Caxambu, Minas Gerais. 1998.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/kreutz.rtf>

Acessado em: 07.11.08

LEHMANN-CARPZOV, Ana Rosa. **A identidade étnica nas representações simbólicas dos turistas alemães e das garotas de programa brasileiras, no contexto do turismo sexual do Recife.** In: Fátima Quintas (Org.). Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. Recife, Massangana, 1995.

Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/pesqui/carpzov.rtf>

Acessado em: 17.10.08

_____. **Construção de identidades Sociais no contexto do turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade do Recife.** Recife-PE. 219 f. Monografia (Dissertação de mestrado em Antropologia), Universidade Federal De Pernambuco, 1994.

MACHADO, Cacilda da Silva. **A Família e o Impacto da Imigração (Curitiba, 1854-1991)**. In: Rev. bras. Hist. vol. 17 n. 34 São Paulo, 1997.

MAUCH, Claudia. VASCONCELOS, Naira (Org). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. TABELA – pag. 165

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/alemaes.html>. Acessado em: 22.11.08

MILLARCH, Aramis. **As bandinhas catarinenses**. In: jornal Estado do Paraná; p. 19. Paraná, 05-01-1986.

Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/bandinhas-catarinenses>.

Acessado em: 18.11.08

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2004.

Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>

Acessado em: 4.11.08

OBERACKER JUNIOR, Carlos H. **A contribuição teuta a formação da nação brasileira**. Editora presença, Rio de Janeiro, 1968.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os (des)caminhos da identidade**. Rev. bras. Ci. Soc., fev. 2000, vol.15, N° 42, p.07-21.

_____. **Identidade étnica, identificação e manipulação**. In: Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.

Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/912/1116>

Acessado em: 5.11.08

RONSINI, Veneza Mayora Ronsini e OLIVEIRA, Vanessa de. **Política de identidade e mídia**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2007, volume 10.

Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/188/189>

Acessado em: 29.10.08

SANGLARD, Gisele. **De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes**. In: Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Jan./Abril. 2003, vol.10, N° 1, p.173-202.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n1/17835.pdf>

Acessado em: 18.10.08

SCHAPPELLE, Benjamin Franklin. **The German Element in Brazil: Colonies and dialect**. In: Americana Germanica, N° 26. Philadelphia, Americana Germanica Press, 1917.

Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/17361/17361-8.txt>. Acessado em: 16.10.08

SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito**. In: Fausto, Boris (org). Fazer a América. São Paulo, EDUSP, 2000a.

_____. **A imigração alemã no Rio de Janeiro.** In: Ângela de Castro Gomes. (Org.). História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro. Primeira edição. Rio de Janeiro, 7 Letras, v. 1, p. 11-43, 2000b.

_____. **Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro.** In: Mana, Outubro 1999, vol.5, nº. 2, p.61-88.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v5n2/v5n2a03.pdf>. Acessado em: 6.11.08

_____. **A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade.** In: Horiz. antropol., vol.10, no.22, p.149-197. Porto Alegre, 2004.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22700.pdf>. Acessado em: 6.11.08

_____. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional.** In: Mana, vol.3, Nº 1, p.95-131. Abril 1997.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>. Acessado em: 7.11.08

_____. **Etnicidade e cultura: a construção da identidade teuto-brasileira.** In: George Zarur, George (org). Etnia y Nación en América Latina, Vol. II, Nº45.
Disponível em:
http://www.educoas.org/Portal/bdigital/contenido/interamer/interamer_45/Zar45_Seyf.aspx?culture=es&navid=201
Acessado em: 6.11.08

_____. **Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático.** In: XXIV Encontro Nacional da ANPOCS. Petrópolis, RJ, 23 a 27 de outubro de 2000.
Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/gt09/00gt0914.doc>
Acessado em: 12.11.08

_____. **Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e os Estado Brasileiro.** Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993.
Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm.
Acessado em: 11.10.08.

SILVA, Eduardo Gomes e WIIK, Flávio Braune. **Mídia, políticas identitárias e população germânica e teuto-brasileira na região de Blumenau-SC durante o período da 2ª Guerra Mundial.** In: Muitas Faces de uma Guerra: 60 anos do término da Segunda Guerra Mundial e o processo de Nacionalização do Sul do Brasil, Florianópolis, 2005.
Disponível em: <http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5eduardo.doc>
Acessado em: 29.10.08

SILVA, Giovani José da. **Além do que os olhos vêem: reflexões sobre etnia, etnicidade e identidade étnica – os índios Atikum no Mato Grosso do Sul.** In: Tellus, ano 3, n. 5, p. 95-106, out. 2003. Campo Grande, MS.
Disponível em: ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus5/TL5_giovani_silva.pdf
Acessado em: 13.09.08

SILVA, Marcos Paulo da. **Mídia, opinião pública e guerra: um estudo da construção de representações midiáticas na Segunda Guerra Mundial**. Trabalho apresentado no Seminário de Temas Livres em Comunicação da Intercom, 2006.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0621-2.pdf>.

Acessado em: 15.11.08

SILVA, Suylan Midlej e. **Sociabilidade contemporânea, Comunicação Mediática e Etnicidade no funk do "Black Bahia"**. UFBA, Bahia.

Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/sentido/funk.html>. Acessado em: 29.10.08

S.N.D.C.B - Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro. **História da imigração no Brasil: As famílias**. São Paulo, 1986.

RAMBO, Artur Blásio. **Imigrantes alemães e a nova pátria: a fase obscura do pós-guerra**.

Disponível em: http://www.brasilalemanha.com.br/livro_guerradoparaguai.htm.

Acessado em: 19.11.08.

WEBER, Regina. **Alemães, classes médias no Sul**. In: *Trabalhadores*. Publicação mensal do Fundo de Assistência à Cultura, Prefeitura Municipal de Campinas, 1989.

Disponível em: <http://www.terrabrasileira.net/folclore/influenc/alemahis.html>

Acessado em: 11.11.08

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas**. In: Rev. Antropol., jul./dez. 2005, vol.48, N° 2, p.699-736.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v48n2/a09v48n2.pdf>. Acessado em: 09.10.08

Websites

<http://www.adjorisc.com.br/> Acessado em: 31.10.08 e 10 e 12.11.08

http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal Acessado em:

<http://www.jornalpz.com.br> Acessado em: 29, 30 e 31.10.08

www.orkut.com.br Acessado em: 2,3,4,5 e 15.11.08

www.radiopomerode.com.br Acessado em: 31.10.08

www.brasilalemanha.com.br Acessado em: 20, 23, 30 e 31.11.08

<http://www.lyra.org.br/index.htm> Acessado em: 4.11.08

<http://www.tonijochem.com.br> Acessado em: 10.10.08

<http://www.scielo.br> Acessado em: 5,10 e 27.10.08 e 4 e 12.11.08

<http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br> Acessado em: 14.11.08

<http://www.press-guide.com/brazil.htm> Acessado em: 16.11.08

<http://www.dw-world.de> Acessado em: 20.09.08 e 5,7,13 e 15.10.08

APÊNDICES

APENDICE A – Transcrição de entrevistas com descendentes de alemães do Rio Grande do Sul

Entrevistada: Márcia Fernanda Schallenger
Data: 10.10.08

1- Qual é seu nome, sobrenome e cidade de origem?

Eu sou Márcia Fernanda Schallenger, descendente de alemães. Eu tenho 35 anos, moro em Estância Velha que fica a uns 60 km de Porto Alegre.

2-Sua família mantém alguma tradição dos antepassados? Fala-se neste assunto?

A gente festeja o *Kerb* uma vez ao ano, na casa dos meus pais, em abril. A história do *Kerb* é assim, quando vieram para cá, os imigrantes, foi cada um para uma região. Aí, os parentes e amigos se viam uma vez ao ano, se reuniam nesta época. Na minha família a gente se encontra de manhã, começa de manhã, aí comemos juntos. Antigamente comiam as comidas típicas, cuca, lingüiça, chucrute... Hoje adaptou para o churrasco. A história da origem da família se perdeu, não sei mais. Não sei quem veio primeiro, ninguém sabe, ninguém lembra. Agora, em casa, a gente fala sempre em alemão, no dialeto *hunsrückisch*. Com meus pais e meus avós só falo em alemão.

3-Você acha que os descendentes mantêm vínculo com o passado de imigração, seus antepassados?

Sim, mantém cultura forte, valorizam muito. Mas tem também um lado ruim, eles são muito racistas com os negros, os descendentes de alemães. Às vezes o alemão tem a cultura de que só ele é bom. Para aceitarem meu marido foi difícil, que é moreno.

4-Você participa/conhece alguma associação cultural (canto, tiro, dança)? Conhece/lê jornal/revista étnica alemã? Escuta programa de rádio relacionado? Frequenta festas típicas?

Eu conheço algumas associações, mas eu não participo. É mais por falta de tempo, mas eu tenho interesse. Tem uma de dança na minha cidade.

Entrevistada: Celina Bohn Lehmann
Data: 10.10.08

1- Qual é seu nome, sobrenome e cidade de origem?

Eu me chamo Celina Bohn Lehmann, nome de solteira Bohn. Eu nasci na Cidade de Cerro Largo, no Rio Grande do Sul. Tenho 77 anos.

2-Sua família mantém alguma tradição dos antepassados? Fala-se neste assunto?

Eu sou da terceira geração aqui no Brasil. Os meus avós vieram para o Brasil a gente calcula entre 1840 e 1860. A minha avó materna nasceu no navio. Eles vieram da região do Hunsrück, na Alemanha. A parte da minha mãe era de Trier, da cidade de Trier. Aqui no Brasil, os meus avós vieram para Colônia Velha, em alto feliz, no Rio Grande do Sul. Aí, mais ou menos em 1920, eles foram para a Colônia de Cerro Largo. A outra colônia estava saturada e aí meus pais e vários outros foram para lá. Foi o Padre Max que fundou Cerro Largo, mas o nome original, o primeiro nome de lá era Serro Azul. Nós falávamos só alemão em casa até a segunda guerra. Eu estudava num colégio alemão de freiras. Depois (com o

início da campanha de nacionalização) o colégio foi transformado. Trouxeram freiras do nordeste da mesma ordem que eram brasileiras e falavam português. Eu aprendi português com uma freira do nordeste, aos sete anos. A gente falava em casa o *Hunsrückisch*. Lá na minha região tenho uma sobrinha casada com um Pomerano. Alguma coisa de Pomerano eu entendo, mas eu falo é *Hunsrückisch*.

De costumes, em casa a gente mantém algumas maneiras de celebrar festas, o natal, a páscoa. Também ouvimos música alemã. O meu marido veio para o Brasil com cinco anos, ele é alemão. Ele veio com os pais. O pai dele foi chamado para trabalhar aqui, numa zona de imigração italiana. Ele era técnico industrial da indústria do couro. Eles acabaram não voltando para a Alemanha, ficaram aqui porque a segunda guerra começou. O meu pai era curtidor, de curtume artesanal e selaria (selas e selins de senhora). Ele foi estudar selaria em Novo Hamburgo. Meus avós eram colonos mesmo, agricultores. E minha mãe tinha 11 irmãos. A tradição era que quando o primeiro filho casava, o pai arrumava um terreno para ele, de 25 hectares. Todo filho se estabelecia na sua terra, para se estabilizar. Aí a terra ia terminando, as terras livres, não havia terreno próximo para comprar. Então, foram surgindo assim novas colônias.

3-Você acha que os descendentes mantêm vínculo com o passado de imigração, seus antepassados?

Na casa do meu irmão mais velho, que este ano (2008) faz 94 anos, ele teve nove filhos. Todos falam alemão; a língua materna sempre foi o alemão. Os filhos dele todos têm diploma universitário. Meu irmão tinha loja de colônia e dirigia caminhão de carga. Os meus filhos falam, mas meus netos não. Eu falava com meus filhos em alemão, mas era mais difícil porque vinham filmes americanos (no pós-guerra) que mostravam alemães como idiotas, os americanos matando um monte de alemães... Eles não queriam, as crianças não queriam ser alemães, dizer sua origem. Meus filhos ouviram muito, foram muito chamados de “alemão-batata”.

A guerra, a campanha de nacionalização, mudou muito as coisas. Eu nesta época tinha uns 9, 10 anos. O grosso da proibição (da campanha) foi em 1942. Mesmo dentro de casa era obrigado falar português. Tínhamos que cochichar às vezes, para falar alemão, porque as avós não falavam português, não sabiam. Minha irmã, que tinham três anos menos que eu, foi mais difícil para ela falar, aprender alemão, porque por alguns anos, quando ela ainda era pequena, foi proibido. No interior do Rio Grande do Sul entraram nas casas, recolheram os rádios... E nós nem tínhamos contato com nada externo... Era interior! Tudo foi recolhido, livros dos meus antepassados, armas... Estas armas foram dadas para os imigrantes na época da guerra dos farrapos, e foram confiscadas. Eu me lembro que tinham uns soldados que se escondiam no mato, no domingo, no caminho que levava a Igreja. Aí quem passava falando alemão eles prendiam. Eu me senti muito discriminada nesta campanha, muita mágoa, por não ser considerada brasileira. Eu sou brasileira...

E na época era prático para o Governo brasileiro ser assim, tudo era organizado nas colônias, tudo era feito lá. Era prático que as igrejas resolvessem isso, tudo funcionava. Por isso era isolada, a colônia. O juiz de paz só vinha, por exemplo, de dois em dois anos. Era a Igreja que legitimava tudo. Nós éramos brasileiros de terceira geração e para viajar de uma cidade para outra tínhamos que ter salvo conduto, tinha que ter licença para viajar. Mas nós lá não tínhamos mais contato nenhum com a Alemanha, com a Europa. Os parentes que ficaram na Alemanha já tinham se perdido, era a terceira geração aqui. Mas, depois da guerra tudo melhorou.

4-Você participa/conhece alguma associação cultural (canto, tiro, dança)? Conhece/lê jornal/revista étnica alemã? Escuta programa de rádio relacionado? Frequenta festas típicas?

Eu fazia parte, junto com meu marido, do Clube 25 de julho, mas agora estamos afastados. A gente faz parte do SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre). Lá é só uma participação social. Nós íamos também aos *Kerbs*. Hoje tem muita festa do chopp, que não deixa de ser uma cópia da festa de Munique. Várias cidades têm *oktoberfest* no sul, Igrejinha, Santa Cruz etc.

A família, do meu nome de solteira Bohn, se reúne também de dois em dois anos. No último encontro que eu fui tinham umas 800 pessoas! Cada vez é numa cidade diferente, eu não sei muito bem, era um irmão meu que cuidava disso. Tem um website, mas não me lembro o endereço.

Mas de mídia, depois que entrou a *Deutsche Welle* eu não vejo mais nada, acompanho lá. Na minha cidade de origem também não tinha jornal, nem rádio feitas lá. Eles vinham de longe, de outras cidades.

Entrevistado: Marco Berghan

Data: 10.10.08

1- Qual é seu nome, sobrenome e cidade de origem?

Eu me chamo Marco Berghan, nasci em Novo Hamburgo e moro atualmente em Portão, no Rio Grande do Sul.

2-Sua família mantém alguma tradição dos antepassados? Fala-se neste assunto?

Eu não falo alemão, em casa não falamos alemão. Minha mãe ainda sabe. Mas nós nos reunimos quase todo domingo e comemos comida típica alemã. Também vamos a bailes, como o *kerb*. Em relação à origem da família, eu mesmo pesquisei. Nossos antepassados vieram na terceira leva de imigrantes, no navio Germânia, em 1824. Ele primeiro desembarcou no Rio depois veio para o sul. A gente tem também reunião de família, eu mesmo presidi esta reunião. Mas não, a família não tem website não.

3-Você acha que os descendentes mantêm vínculo com o passado de imigração, seus antepassados?

Acho que sim. E cada vez está mais valorizado este passado com as *oktoberfests* etc. Gaúcho tem cultura e tradições fortes.

4-Você participa/conhece alguma associação cultural (canto, tiro, dança)? Conhece/lê jornal/revista étnica alemã? Escuta programa de rádio relacionado? Frequenta festas típicas?

Eu conheço diversas associações, mas não participo. Eu ouço a Rádio Imperial, que é de Nova Petrópolis. Lá eu ouço, tocam umas bandinhas alemãs.

APÊNDICE B – Questionários respondidos por representantes de associações e mídias étnicas teuto-brasileiras

Associação/mídia: Jornal Pomeroder Zeitung

Representante: Heike Weege

Data: 9/10/08

Site: www.jornalpz.com.br

1- Como e quando o jornal foi criado? Ele tem uma versão impressa?

A fundação do jornal impresso foi em outubro de 1993. O site não sei exatamente o ano. Hoje ele conta com 10 mil acessos/dia.

2- Por que motivo foi fundado?

O motivo principal foi a falta de um veículo de comunicação.

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

Contamos com 3 computadores, copiadores, scanner, máquinas fotográficas digitais, gravadores. O jornal está localizado em um imóvel tombado pelo patrimônio histórico e bem no centro da cidade de Pomerode. São quatro pessoas que fazem o jornal, 1 administrativo, 1 jornalista, 1 diagramador e 1 auxiliar.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligado hoje a herança de imigrantes alemães?

Nosso principal objetivo é valorizar a cultura pomerodense, em suas várias facetas. Temos 16 clubes de caça e tiro ativos. Nossa festa Pomerana completou 25 anos em janeiro de 2008. Temos muitas manifestações culturais. Nosso foco é esse, além de educação e política. Não publicamos página policial. Apenas informação de precaução (segurança).

5- O Sr/Sra. acredita que o jornal/website contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Com certeza contribui. A cobertura de festas típicas, lançamento de livros com autores locais, enfim, qualquer manifestação cultural é sempre bastante divulgada, tanto pelo jornal impresso quanto pelo site. A população se identifica rapidamente e valoriza seus costumes.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

Com a identificação, as pessoas valorizam o jornal. Enviam material, como fotos, e nos convidam sempre para todos os eventos porque querem se ver e ver seus eventos em destaque. Afinal são 15 anos de credibilidade.

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, os meios de comunicação (sites, radio, jornal etc) desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Eu acredito que sim. Os veículos de comunicação são parte importante na manutenção e divulgação dos costumes dos imigrantes. Retratando seus usos e costumes e valorizando com a divulgação, esses costumes serão fortalecidos.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Hoje, principalmente com o lazer, com seus bailes de fim de semana, com a arquitetura, com a gastronomia, com o trabalho de seus habitantes.

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

A forma pacífica e ordeira com que as pessoas vivem é um traço germânico importante.

Associação/mídia: Radio Pomerode
Representante: Mauricio Nienow d'Amaral
Data: 21/10/08
Site: www.radiopomerode.com.br

1- Como e quando a rádio foi criada?

A Rádio Pomerode foi fundada em 19 de maio de 1984.

2- Por que motivo foi fundada?

Para tornar-se um veículo de comunicação na cidade, para interligar ainda mais a comunidade.

3 - E o website, quando entrou no ar e por quê?

Para atingir o público que não mora na localidade, mas que morou ou que possuem aqui parentes, amigos ou familiares.

4- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

Hoje trabalhamos com dez pessoas, entre área comercial, financeira, diretoria, gravação e locutores... Trabalhamos com uma equipe enxuta devido a nossos equipamentos serem modernos e dessa forma podemos trabalhar com as pessoas essenciais.

5- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

Nosso objetivo é cada vez atender melhor nossos clientes e ouvintes para isso aplicamos recursos dentro da própria rádio... Sim somos de origem alemã.

6- O Sr. acredita que a radio/website contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Na manutenção sim, tanto que temos muitos ouvintes no exterior.

7- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

Quando colocamos no ar um programa em alemão já estamos mantendo a preservação dos antigos colonizadores que é a manutenção do idioma alemão.

8- O Sr. acredita que, de maneira geral, os meios de comunicação (sites, radio, jornal etc.) desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Positivamente.

9- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

As famílias conversando em alemão em suas casas, o aprendizado nas escolas da língua alemã e os costumes ainda preservados.

10- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Acredito que com o passar do tempo, perderemos muitas características do nosso povo, devido à grande quantidade de oriundos de outras cidades ao nosso município.

Associação/mídia: Portal Brasil- Alemanha e programa radiofônico AHAI (A Hora Alemã Intercomunitária)
 Representante: Sílvio A. Rockenbach
 Data: 23/09/08
 Site: www.brasilalemanha.com.br

1- Como e quando a associação foi criada?

Na verdade, o portal BrasilAlemanha surgiu em 1998, como www.bralem.com.br (BrasilAlemanha) a partir do programa radiofônico semanal bilíngüe AHAI/A Hora Alemã Intercomunicaria - *Die deutsche Stunde der Gemeinden*, criado em 25 de julho de 1994 com a adesão inicial de 23 emissoras do RS, SC e PR.

2- Por que motivo foi fundada?

A iniciativa do programa radiofônico, depois do portal BrasilAlemanha e mais tarde do mailing Neues foi dar um choque de modernidade e de relacionamento mais direto com a Alemanha de hoje, aproveitando o enorme potencial representado pela língua e cultura ainda presente na etnia alemã, demasiadamente estagnada em suas memórias românticas e fantasiadas de uma Alemanha que não mais existe. Tive o privilégio de trabalhar 13 anos na Alemanha (Deutsche Welle, TransTel, correspondente da Editora Abril - 1974-1983, da Rádio Guaíba de Porto Alegre 1977-1983). Há 10 anos sou assessor de Imprensa do Consulado Geral da Alemanha em Porto Alegre, em atividade de meio expediente (período da manhã).

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

A estrutura é mínima. O programa AHAI é gravado sem ajuda de ninguém, nem mesmo de operador, em computador doméstico. A única contribuição externa são os quatro comentaristas, sendo dois deles contatados por telefone e outros dois (São Paulo e Alemanha) enviam seu comentário semanal por mp3. A maior parte das músicas é pesquisada na Internet.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

O objetivo é justamente construir, a partir de uma tradição ainda existente, uma imagem moderna da Alemanha e dinamizar diretamente a comunidade alemã do Brasil inteiro e, em última análise, toda a sociedade brasileira - especialmente os jovens - para as múltiplas vantagens de um intercâmbio com a Alemanha de hoje, muito distante das repetitivas e fantasiosas deturpações da cinematografia norte-americana e na liderança mundial em praticamente todas as áreas, em alternância (1º, 2º ou 3º lugar) em praticamente todas as áreas do conhecimento e da tecnologia, além de uma fantástica cultura, representada pelos grandes pensadores, escritores, compositores, inventores e reformadores de primeira ordem no contexto das nações.

5- O Sr/Sra. acredita que a associação contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Contribui cada vez mais, mas de uma forma muito mais esclarecida, dinâmica e atual, visando, a partir da herança cultural do passado, sempre mais o presente e o futuro,

especialmente para as novas gerações, tão influenciadas e desvirtuadas pela avalanche cultural norte-americana.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

Mostrando os valores da cultura alemã, tão vilipendiadas durante o Estado Novo, em que pacíficos cidadãos brasileiros de origem alemã foram feitos os bodes expiatórios e declarados inimigos da pátria em pé-de-guerra com a Alemanha nazista. As marcas do "alemão batata", da discriminação, foram muito profundas e ainda hoje têm reflexos em subjacentes sentimentos de culpa e de baixa auto-estima. Se na Alemanha as grandes vítimas foram os judeus, no Brasil houve campos de concentração para descendentes de alemães. Em Porto Alegre, houve depredação de lojas de prósperos proprietários de origem alemã. Foi a versão brasileira da terrível "Noite de Cristal" da Alemanha.

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, as associações culturais e seus web sites desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

É um trabalho árduo, persistente, mas acredito que BrasilAlemanha representa um potencial de aglutinação fantástico, ora apenas no seu início, com atualmente um mailing Neuesde 27.633 assinantes, em contínua expansão, e com o programa AHAI em 21 emissoras de rádio no RS, SC, PR e MT.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Ainda existem alguns canais de comunicação, (semanários Brasil-Post, ótimo, e Deutsche Zeitung, ambos em São Paulo, revista Skt. Paulusblatt em Nova Petrópolis, RS, com tradição de 97 anos, Livraria Pe. Reus em Porto Alegre e Livraria Hermann) mas em processo de sobrevivência com as gerações mais antigas que ainda aprenderam alemão na escola (período anterior ao Estado Novo/1937). As gerações posteriores foram muito afetadas pela campanha de nacionalização a ferro e fogo da ditadura de Getúlio Vargas. A tímida reação das Oktoberfestas começou a recuperar a auto-estima. As bandas típicas e os grupos de danças folclóricas alemãs, mais o canto coral, foram formas populares de reafirmação cultural, junto com as festas

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

É uma grande mescla de predominante visão do passado, graças à manutenção das línguas dialetais da região do Hunsrück e da Pomerânia, e focos de aprofundamento de estudos da etnia, por exemplo, através do lúcido Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos em São Leopoldo, uma das maiores universidade do País, criada por Jesuítas, e integrada por uma equipe de doutores em História, e da Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras, com concorridos Seminários anuais e publicação de Anais (o último em e-book).

Associação/mídia: Sociedade Filarmônica Lyra de São Paulo (e seu website)
Representante: Everton Altmayer
Data: 23/09/08
Site: www.lyra.org.br

1-Como e quando a associação foi criada?

A Sociedade Filarmônica Lyra foi fundada em 1884 sob o nome de "*Deutscher Männer Gesang Verein Lyra*", no Hotel Albion, hoje situado no Largo do Paissandú - São Paulo.

2-Por que motivo foi fundada?

Era composta em sua maioria por imigrantes alemães e tinha como objetivo manter vivos os laços culturais de seus antepassados e a criação de um coral masculino, que se tornou o elo com a pátria distante. Em alguns anos, conseguiu o reconhecimento da colônia da cidade, bem como do Reino Alemão, cujos representantes prestigiavam seus principais eventos. Após transpor várias barreiras políticas, financeiras e mudanças de endereços e, ainda, diante do grande crescimento da Sociedade, decidiu-se em Assembléia no ano de 1924, a compra de um imóvel. Depois de procura e negociação, encontrou-se uma propriedade na Rua São Joaquim, que foi comprada com a soma das reservas da Entidade e ajuda dos sócios.

A sede do coral foi construída e várias vezes aumentada até anos antes da II Guerra Mundial, quando a utilização das instalações foi interrompida e o Governo Brasileiro obrigou seu fechamento. Os bens da Sociedade foram confiscados e entregues à Cruz Vermelha e a sede foi tomada pelo Exército Brasileiro, sem nenhum tipo de indenização.

Nos anos 50, vencidas as tempestades políticas, iniciou-se um movimento no sentido de retornar os trabalhos da Sociedade. Desta forma, foi fundada em 1956 a Sociedade Filarmônica Lyra de São Paulo como continuação da antiga sociedade.

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

Funciona como uma sociedade sem fins lucrativos, com a sede mantida desde 1956 no mesmo endereço: Rua Otávio Tarquínio de Souza, 848- Bairro de Campo Belo - SP. Existem na Sociedade grupos musicais como o Coral da Sociedade Filarmônica Lyra e o Grupo de Bandolins. O Coral promove eventos musicais com o grupo de bandolins, como operetas, encontros de corais, etc. Além dos grupos musicais, temos 2 grupos folclóricos: o Grupo Folclórico Tirol (www.grupotiro.com) de danças folclóricas alpinas (Schuhplattler) e o Grupo Gold und Silber de danças folclóricas alemãs. A Sociedade realiza eventos culturais, bailes típicos, jantares, bazares e encontros de grupos folclóricos e corais vindos da Europa.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

A sociedade tem por objetivo manter a cultura germânica (sobretudo alemã, austríaca e suíça) na cidade de São Paulo. Está ligada à herança cultural em suas atividades. São sócios da Soc. Filarmônica Lyra tanto imigrantes como descendentes.

5- O Sr/Sra. acredita que a associação contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Sim. Tanto na cidade de São Paulo, como no Estado. Há intercâmbios culturais com grupos e entidades no ES, RJ e Região Sul.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

Através de intercâmbios culturais, participação em eventos e amizade entre colônias germânicas brasileiras com a Sociedade Filarmônica Lyra.

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, as associações culturais e seus web sites desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

De maneira geral sim. A Internet é um ótimo meio de divulgação da cultura alemã no Brasil.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Dentro das sociedades e grupos culturais sim. Mas houve um grande afastamento de descendentes, que precisam "voltar" para a comunidade, participando mais ativamente das atividades.

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Se por um lado bem mantida, por outro há uma tendência aos estereótipos, com uma imagem da cultura alemã ligada à Oktoberfest, bebedeira de cerveja e neste sentido, há erro. Ainda sobre o folclore, há a necessidade das colônias de buscar representar a cultura típica dos emigrantes que as fundaram. Deste modo, há lugares que "perderam" sua identidade regional alemã em nome de uns estereótipos alemão que é imediatamente reconhecido pelos não-descendentes. Isso é negativo, porque "nivela" todas as colônias que, como se sabe, foram fundadas por emigrantes oriundos de várias regiões alemãs (e austríacas ou suíças). Mas a cultura alemã (e germânica) não se limita somente ao folclore típico (embora seja importantíssimo), mas abrange a modernidade da Europa atual, a produção cultural alemã que é imensa e a grande contribuição alemã em todas as manifestações culturais e sua importância na economia européia e brasileira. A cidade de São Paulo concentra mais empresas alemãs em seu território que qualquer cidade alemã.

Associação/mídia: Site da família Melges
 Representante: Walmir da Rocha Melges
 Data: 21 e 23/10/2008
 Site: www.familiamelges.com.br

1- Como e quando o website foi criado? Por que motivo?

O site foi criado no ano de 1996, quando o coloquei no ar como um complemento do site de minha empresa (wrm.cnt.br/melges); acredito que até hoje possam existir links apontando para aquele local, muito embora eu esteja utilizando outro provedor. Certamente hoje ele não retorna nada de forma direta, mas lembro-me que no ano passado estava fazendo uma pesquisa e encontrei sites de amigos – antigos – que não tinham providenciado a modificação.

2- Como funciona hoje (quem administra, como novas informações são inseridas etc.)?

O site foi uma das conseqüências da pesquisa que comecei com meu pai – você deve ter lido o extrato. Outra conseqüência é o livro, o qual ainda não tive tempo de terminar. Parei de inserir novas informações por três motivos básicos (a) Falta de tempo, (b) Plágio que meus parentes estavam cometendo, divulgando as minhas informações como se fossem pesquisas deles (c) Manter parte da história da nossa família inédita para o livro.

3- Que objetivos tem? Há a intenção de preservar e divulgar, além da historia familiar, a historia da imigração alemã no Brasil? Como?

O primeiro objetivo foi de apenas deixar clara a existência da nossa família; em seguida vi a necessidade de mostrar para os meus parentes o contexto histórico pelo qual viemos para o Brasil e isto acabou dando necessidade de aumentar a pesquisa história da época; e no final, vou colocar algumas gerações na internet para clarificar os garotos de hoje da minha família.

Tenho muito material sobre a imigração que ainda não tive tempo de ordenar e estão apenas guardados como uma hemeroteca desordenada.

4- E por que escolheu um website para divulgar estes dados (e não impresso, e-mails...)?

O atingimento de outras pessoas é consequência – benéfica – de qualquer divulgação de um site. A divulgação através de uma newsletter é uma fase que já foi vencida há mais de 10 anos atrás, muito lenta, cara e restrita. Os e-mails pulverizam a informação e ficam espalhadas, não permitindo que o grande público formado por parentes que ainda não conhecemos, e você, por exemplo, tomassem conhecimento do que queremos divulgar; mas, também foi uma fase vencida há cerca de cinco anos.

5- Portanto, de maneira mais geral, o Sr. acredita que o website contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)? Como?

Acredito que como ele está calcado em provas irrefutáveis, colabora em algo que já é patente para todos. Os alemães vieram, ficaram e auxiliaram a construir este país, mesmo que tenham sido utilizados como escravos brancos assalariados. Pesquisando Petrópolis onde nasceu meu bisavô, descobri que o BNH e a política habitacional brasileira não são novos, mas sim, foram instituídos em Petrópolis por D. Pedro, onde permanece até hoje a sua Imobiliária, utilizando uma forma de propriedade *sui-generis* que é o laudêmio.

6- O Sr. acredita que, de maneira geral, a mídia através de websites de famílias, associações culturais, jornais étnicos online, comunidades no Orkut etc. desempenhe um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Acredito na manutenção, não na criação da identidade, pois ela está arraigada no povo brasileiro.

7- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Não existe nada na minha região, mas sei que no sul existem movimentos paralelos à identidade Gaúcha.

8- Como o Sr. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Decisiva na construção do país, pena que foram tão poucos. Os japoneses, por ter sido em maior número, conseguiram uma penetração maior, e também muito contribuíram para a construção do nosso país e do nosso povo.

9- O Sr. ainda preserva, na sua família, alguma tradição dos antepassados de origem germânica (idioma, comida, festas etc.)?

Nenhuma. Os alemães – no estado de São Paulo - foram espalhados por dezenas de municípios e logo criam raízes e modificaram – tropicalizaram – seus costumes, entrosando-se não somente com o povo, mas também com a cultura.

10- Do seu antepassado em comum, o Sr. tem uma estimativa do número de descendentes? Já fizeram algum encontro de família? Já encontrou e fez contato, por causa do website, com membros que não conhecia ou sabia da existência?

Já tivemos dois encontros de família os quais eu não consegui comparecer, pois foram organizados por uma prima que cuida apenas dos aspectos de relacionamento social, sem nenhuma preocupação com a história e a genealogia. Tenho feito contatos com muitos que não conheço, os quais nos encontram pela web, mas de cada 20, apenas ½ retornam o contato

depois. Muitos nos procuram para saber quem são na árvore e logo que eu forneço as informações eles desaparecem e não retornam com informações da geração deles.

Associação/mídia: Comunidade do ORKUT – “Descendentes de alemães”

Representante: Leandro Richter

Data: 21 e 26/10/08

Endereço web: www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=915856

1 e 2 - Como, quando e objetivos para os quais a comunidade foi criada?

A nossa é a maior comunidade de descendentes de alemães composta por mais de 200.000 participantes. Foi aberta em Dezembro de 2004 para termos o ponto de encontro necessário onde cada descendente de alemães que entra no Orkut encontre uma porta onde possa bater em busca de contato, informações ou apenas de se sentir bem entre irmãos. Muitos jovens buscam saber o significado do seu sobrenome ou uma ajuda para montar sua árvore genealógica. Por isto que estamos continuamente discutindo e aprimorando este objetivo inicial: estarmos preparados para receber e atender esta procura. No entanto a comunidade é aberta e também acolhe amigos em geral sem sobrenome, origem ou biótipo alemães.

3 e 4 - Como funciona hoje (quem administra etc.)? Que objetivos tem? Como está ligada a herança de imigrantes alemães?

Atualmente a comunidade é moderada por três dos membros mais atuantes (Roberto Wilbrich de Rio Verde GO, Leandro Richter de Manaus AM e Ermengarda Klieg, brasileira que mora nos Estados Unidos). Você pode imaginar o quanto este questionário rodou para ser pensado, respondido, corrigido e passado a limpo!

Nosso fórum não tem tópicos "atuais" ou "antigos": todos os tópicos, mesmo os mais antigos, são de discussão permanente. Nossa comunidade é, ao que parece, a única do Orkut que NÃO tem regras de funcionamento. Surpreendentemente o nosso Fórum de debates mantém-se limpo de bobagens, inutilidades, agressões, proselitismo e inconveniências diversas. Às vezes lançamos mão de discutir a Alemanha de hoje, viagens ou cidadania alemã. Tudo bem, este assunto sempre é palpitante, pois se trata da terra de onde saíram os nossos antepassados. No entanto este não é o objetivo principal da nossa comunidade.

Damos prioridade para debates informativos sobre a colonização alemã no Brasil; apoio para pesquisas genealógicas; tradições familiares passadas de geração para geração; curiosidades sobre os dialetos alemães no Brasil; a religiosidade alemã (luteranismo, catolicismo e neopaganismo); mentalidade, particularidades e nossos modos de ser herdados dos nossos antepassados alemães. Desta forma a comunidade contribui no que pode para a manutenção da herança dos nossos ascendentes. Não há assuntos proibidos. Discussões sobre Segunda Guerra Mundial e Nazismo são assuntos livres. No entanto, tópicos que possuem cunho agressivo, apologia neonazista ou que são preconceituosos não encontram campo muito fértil em nosso meio e são removidos.

5 e 6 - Você acredita que a comunidade contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica brasileira local (identidade dos descendentes etc.) Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

A História insiste em dizer que a integração dos alemães aqui foi difícil, mas na prática não foi isso que ocorreu. Pelo menos pelos motivos que se cita: de que eles viviam num bem bom

lá e aqui no Brasil não se sentiram bem. As dificuldades encontradas pelos nossos antepassados foi a mesma que qualquer pessoa tem quando se muda de país, seja hoje em dia, seja em qualquer época no passado ou no futuro. Mas a integração foi óbvia.

Preferimos responder aqui sobre se existe ou não esta “identidade”, porque por mais que procuramos um denominador entre os descendentes de alemães (D.A.), não achamos. Realmente nós somos muito diferentes entre nós mesmos. Talvez o fato de nossos antepassados terem vindo de terras que mais tarde fizeram parte do império alemão. Mas talvez nem isso porque também vieram pessoas de língua alemã da Suíça e da Áustria, bem como também da Rússia, da Lituânia e de outros países. Como a Alemanha sempre foi um caldeirão de “raças”, imigrantes alemães não tinham um denominador comum porque vieram de diferentes regiões do centro da Europa. Uns de cidades grandes, outros de aldeias. Uns eram profissionais urbanos, outros, camponeses. Havia católicos, luteranos e ateus. Nem o gosto pela cerveja unia os alemães.

Se naquela época o idioma era um ponto de união, hoje não é mais: 99% dos DA não falam o Alemão. A maioria dos DA é bisneto, tataraneto de pessoas que NÃO ERAM ALEMÃES. E também tem nenhuma razão depois de mais de 100 anos de chegada ao Brasil, alguém ainda ficar idolatrando a Alemanha! Até porque, quando a maioria dos imigrantes chegou ao Brasil, não se sentiam alemães. Eram hamburgueses, pomeranos, suábios, bávaros e cidadãos de outras nações independentes porque a Alemanha não existia. E, e os imigrantes começaram a chegar ao Brasil em 1824, portanto, o sentimento de “ser alemão” não veio com os imigrantes. Na verdade isso de difícil tradução que em Alemão chamamos de “Deutschtum” (o sentimento alemão ou a alemanidade ou mesmo os descendentes pelo mundo) se perdeu, até os nomes se perderam, os sobrenomes foram mutilados, alterados. Realmente, é lamentável que a maioria dos descendentes de alemães não está nem um pouco interessada em aprender sobre os antepassados, muito menos sobre a língua, ou comemorar suas origens.

Além disso tudo, os nossos pais, avós e bisavós aqui no Brasil foram vítimas de uma perseguição insana, o nosso idioma foi proibido justamente nas escolas construídas e mantidas por alemães ou seus descendentes e de uma propaganda maciça contra tudo que fosse alemão. (E não foram apenas alemães italianos e japoneses os prejudicados, também ucranianos e poloneses no interior de São Paulo eram denunciados porque falavam um idioma diferente confundido com alemão e porque eram loiros. No Espírito Santo teve uma milícia paramilitar chamada bate-paus que perseguiam os pomeranos, que nem eram alemães. Esses dados são de conhecimento geral. Não apenas o confisco de propriedades (escolas, hospitais, empresas), mas também algo pior que foi a proibição de se falar o Alemão. O mais devastador disso foi a idéia que ficou no subconsciente de todos nós: de que o Alemão é um idioma de gente grossa, caipira, para ser ridicularizada. Muitos alemães sentiam vergonha de ensiná-lo aos filhos. Atualmente, em dias de mais discernimento, vemos o absurdo de se pensar isso do idioma da nação mais rica da Europa, bem como da Áustria, de Liechtenstein e de parte da Suíça. É exatamente isso que tentamos passar na nossa comunidade do Orkut.

7 - Você acredita que, de maneira geral, as novas tecnologias como websites, Orkut, youtube etc. desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Neste aspecto cumpre ressaltar que Internet e Orkut são territórios de diversão e entretenimento, algo lúdico e sem compromissos físicos, por este motivo não pode contribuir muito para esse objetivo uma vez que é apenas uma troca de idéias entre pessoas sem ligação

entre si. Não será da internet que surgirá uma associação real com CNPJ, endereço e telefone para objetivos e atividades culturais específicas.

8 - Em sua opinião, de que outras maneiras a população teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados? Como você mantém o vínculo com a história da sua família?

Subsistem de forma residual em algumas localidades do sul do Brasil, com museus, praças e algumas construções que lembram algo europeu. Vilas e pequenas cidades com casas de estilo enxaimel, pessoas falando algum dialeto alemão pela cidade, almoços familiares nos fins de semana, negócios fechados com base na palavra, festas de Outubro e do Kerb, com comidas e danças típicas, etc. Mas este estilo de vida está em vias de desaparecimento, por motivos que conhecemos: mídia, globalização, individualismo, etc. Muitas cidades já mudaram completamente em apenas UMA geração.

9 - Como você vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Pode-se dizer que isto não existe. "Identidade teuto-brasileira ou alma alemã" é algo difícil para se dimensionar porque trata-se de algo individual. No que toca ao que é visível, isso até pode existir ainda, mas é de maneira muito residual e insignificante: NÓS SOMOS BRASILEIROS. Para encerrar queremos informar que procuramos atender e ajudar no que está ao nosso alcance e queremos também fazer uma última análise sobre os estereótipos e idéias falsas a respeito dos alemães: frios, insensíveis, de temperamento colérico, avaros, teimosos, obstinados, etc.

Tudo isso são apenas estereótipos com fundos de verdade, mas convém analisar: os alemães e os D.A. constituem um povo sofrido. Devido às perdas ancestrais, não se achará um alemão rindo sem motivos. Geralmente é sisudo, econômico e ponderado. Gosta do conhecido e não convive bem com a falta de planejamento. Essa história de "frios e insensíveis" é apenas história. Aqui no Brasil somos sentimentais e qualquer pessoa que não chora ou que tenha um rosto mais sério será ser chamada de "fria e insensível". A teimosia e a obstinação podem ser creditadas pelo gosto pelo trabalho, pela determinação, pelo gosto por invenções. Mas nos orgulhamos muito do nosso amor pela natureza e pelo verde, por belos jardins com muitas flores, e o nosso espírito ecológico e progressista. Agradecemos o espaço.

Associação/mídia: Associação cultural teuto brasileira de Maringá (e seu website)
 Representante: Edson Hass
 Data: 23/10/08
 Site: www.teutobrasileiro.com.br

1- Como e quando a associação foi criada?

Nossa Associação foi fundada em 1958 e registrada como pessoa jurídica em 1960. A necessidade de manter os costumes e a cultura surgiu através de descendentes direto que moram em Maringá. E em 1975 foi nossa Associação foi aberta a toda comunidade de Maringá.

2- Por que motivo foi fundada?

O motivo maior foi de promover os encontros dos alemães e descendentes, para falar a língua alemã, jogos e recreação

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

A associação Teuto hoje em dia também faz o trabalho de inclusão social além de manter as tradições alemãs e também a recreação para seus associados. Atualmente possuímos uma área de 20.000 m² com piscina, sauna, campo de futebol, sala de ginástica, quiosques para eventos, aulas de dança alemã, escola de futebol de salão, onde a preferência são crianças de baixo poder aquisitivo. Cobramos mensalidade para manter as atividades.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

A Associação tem por objeto social o apoio e a preservação cultural Teuto-brasileira, através dos seguintes programas:

I - de promoção do intercâmbio cultural Teuto-brasileiro com a divulgação e preservação dos costumes, da história, das tradições e da cultura do povo alemão;

II – de promoção da inclusão social, com ênfase na assistência social beneficente destinada a pessoas de baixa renda, em especial, crianças e adolescentes carentes, sem tira-las do convívio familiar, através de atividades e eventos culturais;

III – de promoção do convívio social entre seus dançarinos e beneficiários através da realização de atividades sociais, filantrópicas, culturais, de lazer;

IV – de promoção do desenvolvimento do espírito de cidadania, camaradagem, solidariedade e empreendedorismo social; e,

V – de promoção, patrocínio e realização de palestras, conferências, concertos, festas, atividades culturais.

Infelizmente os alemães, descendentes são poucos e o trabalho que realizamos é diretamente ligado as atas registradas e diretamente com a Alemanha, através de matérias .

5- O Sr/Sra. acredita que a associação contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (Teuto brasileira)?

Nossa Associação é um ícone em nossa região, onde somos conhecidos principalmente pelo grupo de danças Alemão. E quando se fala em TEUTO é lembrada nossa associação com a Colonização dos Descendentes alemães da cidade.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

Contribui com a formação do individuo dando oportunidade de vida e escolhas, mostrando que através do cooperativismo conseguimos muito mais do que pensamos e isso faz de nossa Associação um exemplo a ser seguido. A persistência pelos ideais.

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, as associações culturais e seus websites desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Com a Tecnologia em nossas mãos hoje não podemos pensar em divulgação senão pela internet e seus recursos. Exemplo esse é o seu contato com nossa Associação.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Além de se organizarem juridicamente. Ainda encontramos grupos menores de alemães e descendentes que se encontram pelo menos uma vez por mês para manter as tradições dos seus antepassados

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Em relação a Brasil-Alemanha está havendo a fusão das duas culturas, em relação a Alemanha estamos atrasados... (risos) Mas muitos alemães vão para fora de seu país pesquisar sobre a sua própria cultura, pois com os avanços tecnológicos e ate mesmo do individuo é mais fácil você conhecer a Alemanha de 50 anos atrás fora dela do que na própria Alemanha.

Associação/mídia: Associação cultural Gramado (e seu website)

Representante: Denise Quitzau Kleine

Data: 26/09/08

Site: www.portal25.com/acg

1- Como e quando a associação foi criada?

Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) as associações estrangeiras - especialmente italianas e alemãs - foram proibidas de manterem suas atividades, bem como o uso dessas línguas estrangeiras foi proibido sob pena de prisão. Dessa forma, escolas alemãs, associações de ginástico, tiro e canto e jornais de língua alemã tiveram suas atividades proibidas. Ao final da II Guerra Mundial progressivamente os alemães voltaram a se reunir primeiramente para organizar os Liebespackchen com mantimentos a serem enviados para a Alemanha. Essa foi a oportunidade de reativas as antigas associações alemãs, muitas denominadas "associações 25 de julho". Essas associações acharam que seria muito importante criar uma instituição, um local, onde os jovens (futuro dessas entidades) poderiam receber formação específica para dirigirem seus centros culturais. Capitaneados pelo professor Theo Kleine (secretário-geral da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho) e com contribuições financeiras de teuto-brasileiros desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul construíram em Gramado / RS a Casa da Juventude e a inauguraram com seus cursos semestrais em 1966. A Associação Cultural Gramado, entidade privada e sem fins lucrativos tornou-se a mantenedora dessa Casa.

2- Por que motivo foi fundada?

Foi fundada para ser o centro de formação de futuras lideranças para os centros culturais teuto-brasileiros. Oferecia, desde o seu início, aulas de alemão, música, teatro, danças folclóricas, prendas domésticas, para professoras de jardim de infância. Ainda mantém as propostas iniciais de sua criação.

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

A instituição possui associados (físicos e jurídicos), oferece cursos de férias (alemão e danças folclóricas), mas não recebe recursos financeiros do poder público para se manter. Mantém-se oferecendo sua estrutura física para seminários, congressos e retiros. Os recursos que vêm da hospedagem mantêm as atividades culturais. Organiza-se nos seguintes departamentos:

- Escola de Educação Infantil 25 de Julho: educandário de 40 anos de funcionamento, pioneiro na região. Recebe verba do círculo de prefeitos de Simmern (Alemanha) para oferta de bolsas de estudo para alunos carentes e para a aprimoração de seu corpo docente.
- Departamento de música: possui banco de partituras para diferentes tipos de coros e em parceria com as Faculdades EST promoveu curso técnico de regente para coros comunitários.
- Departamento de danças folclóricas alemãs: tornou-se em janeiro de 2008 a terceira seção do DGV (*Deutsche Gesellschaft für Volkstanz*), ao lado de EUA e Rússia. Possui 247 grupos filiados desde os estados do Espírito Santo e Mato Grosso até Rio Grande do Sul.

- Conta com recursos minguados, das fontes supra-citadas, e o departamento de danças, em especial, com o pagamento das anuidades de seus associados. Em função de recursos parcos, há o acúmulo de funções para alguns funcionários. No total a instituição conta com 11 funcionários.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

Os objetivos hoje são os mesmos de sua criação e permanecem ligados à manutenção, preservação e difusão da herança teuto-brasileira. Cabe destacar que o Brasil foi o espaço de criação de uma unidade teuto-brasileira, já que os imigrantes, ao chegarem ao Brasil, não pertenciam à Alemanha (já que ela só se unificou em 1871), mas a reinos e ducados de fala alemã e diferentes.

5- O Sr/Sra. acredita que a associação contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Acredito que contribua sim. Através da dança folclórica, por exemplo, é possível realizar o resgate da história e da memória das comunidades teuto-brasileiras, além de auxiliar no processo de reconstrução da identidade desses descendentes. Lembro que a (re) construção das identidades de qualquer etnia também está profundamente relacionada com o momento histórico em que se vive. Basta o exemplo do que ocorreu com italianos e alemães durante a II Guerra e o impacto que isso representou para as gerações subseqüentes.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade?

(respondida na questão 5)

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, as associações culturais e seus websites (e a mídia em geral também - jornal, internet etc.) desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Certamente. Se você passar os olhos pela historiografia que trata da imprensa teuto-brasileira, por exemplo, verá o papel fundamental que os órgãos de imprensa tiveram, inclusive como órgãos de representatividade teuto-brasileira dentro do cenário político brasileiro. Sugiro os textos da professora Giralda Seyferth e do professor René Gertz.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Na manutenção de tradições como as festas de Kerb aqui no Rio Grande do Sul, as festas da colheita nas igrejas (especialmente evangélicas), etc.

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Pergunta difícil.... Acho que ela está num momento de reconstrução. A meu ver, o impacto da política nacionalizante getulista causou um buraco muito grande entre os teuto-brasileiros. Por muito tempo as pessoas temeram ou se envergonharam de dizer que eram descendentes de alemães (sem contar a associação que as pessoas fazem entre a Alemanha da II Guerra e o Nazismo...), mas agora elas têm aparecido com mais tranquilidade e segurança e têm procurado desenterrar suas origens, especialmente através de pesquisas históricas.

Associação/mídia: AFG - Associação Folclórica germânica (e seu website)

Representante: Cyntia Teske

Data: 25/09/08

Site: www.afgtanz.org.br

1- Como e quando a associação foi criada?

A AFG Associação Folclórica Germânica foi criada em 1992, visto que Blumenau na época possuía 12 grupos folclóricos, então a necessidade de ter uma organização para debater idéias e lutar por um mesmo objetivo. A AFG foi instituída em 2000 (estatuto e CNPJ) e hoje conta com 19 grupos associados de Blumenau e região.

2- Por que motivo foi fundada?

Para ter uma direção entre os grupos de Blumenau, para facilitar a comunicação entre Prefeitura, organizações de eventos, cursos de danças folclóricas alemães, ou seja, para facilitar a comunicação entre os grupos e para que tivéssemos uma diretriz, uma base de todo esse trabalho de resgate a cultura de nossos antepassados e fortalecer as raízes culturais em nossa cidade.

3- Como funciona hoje (infra-estrutura, recursos, pessoal)?

Temos uma diretoria: presidente, vice, tesoureiro, secretaria, diretor de eventos adulto, diretor de eventos infanto-juvenil, além do conselho executivo (que orienta a questão de trajes e patrimônio histórico-cultural). Não possuímos sede própria, nos reunimos nos clubes e sociedades de caça e tiro da cidade. É uma associação sem fins lucrativos e auto-sustentável. Recebemos recursos do estado através de projetos para a manutenção dos nossos trajes e aquisição de materiais, equipamentos de áudio e vídeo, etc.

4- Que objetivos tem? Ainda está ligada hoje a herança de imigrantes alemães?

O principal objetivo é manter uma linha-mestra de conduta para que os grupos realmente façam um trabalho de resgate da cultura e manutenção dos costumes dos nossos antepassados, através de cursos de danças, leitura e tradução de dos. históricos, replicas de trajes típicos, etc.

5- O Sr/Sra. acredita que a associação contribui na manutenção e/ou criação da identidade germânica local (teuto brasileira)?

Sim, devido a nossa associação, conseguimos resgatar vários costumes dos nossos antepassados: *Fruhlingsbaum* (arvore da Primavera, uma tradição do Sul da Alemanha), Olimpíadas Folclóricas (com provas do tipo: serrador, tiro, bocha, etc. várias modalidades vindas da Alemanha), danças folclóricas autênticas (retiradas de livros alemães e ensinadas por professor da Alemanha), replicas de trajes típicos, alem de bailes folclóricos e encontros de grupos.

6- Caso sim, de que maneira ela contribui para a manutenção e/ou criação desta identidade? (Respondida na cinco)

7- O Sr/Sra. acredita que, de maneira geral, as associações culturais e seus web sites desempenhem um papel importante na criação/manutenção desta identidade?

Sim, fizemos muitas pesquisas por meio da internet, das quais conseguimos muitos contatos da Alemanha e podemos trocar muitas informações, além de divulgar o trabalho de resgate e manutenção dos costumes alemães.

8- Em sua opinião, de que outras maneiras a população local teuto descendente mantém os vínculos com a cultura original dos seus antepassados?

Através das festas de Rei / Rainha onde acontecem desfiles, provas típicas em sociedades de caca e tiro, a comida típica, passada de geração em geração também é um fator importante, as festas locais, os grupos folclóricos, os grupos de coral, teatro alemão, etc.

9- Como o Sr/Sra. vê ou descreveria a identidade teuto-brasileira hoje, passados cerca de 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes?

Acredito que muita coisa se perdeu ao longo destes anos, mas ao mesmo tempo a vontade de resgatar estas tradições e mantê-las é forte e grande. Os meios de comunicação, principalmente a internet facilitaram o intercambio, desta forma as informações são precisas e rápidas.

ANEXOS

ANEXO A – Imagens de colônias e famílias alemãs no Brasil (início Séc. 20)



Escola paroquial em Linha Imperial, Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, em 1922
Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun



Casa da família Werlang em Itapiranga, Santa Catarina (estilo enxaimel)
Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun



Lavadeiras no Rio Caí, Rio Grande do Sul, +-1935.
Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun



Cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1920. Os prédios da foto eram o antigo seminário dos jesuítas, hoje transformado na universidade UNISINOS.

Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun



Família Schaedler de Bom Princípio, Rio Grande do Sul, fazendo fumo.

Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun



Casamento do casal Heck, Lageado, Rio Grande do Sul.

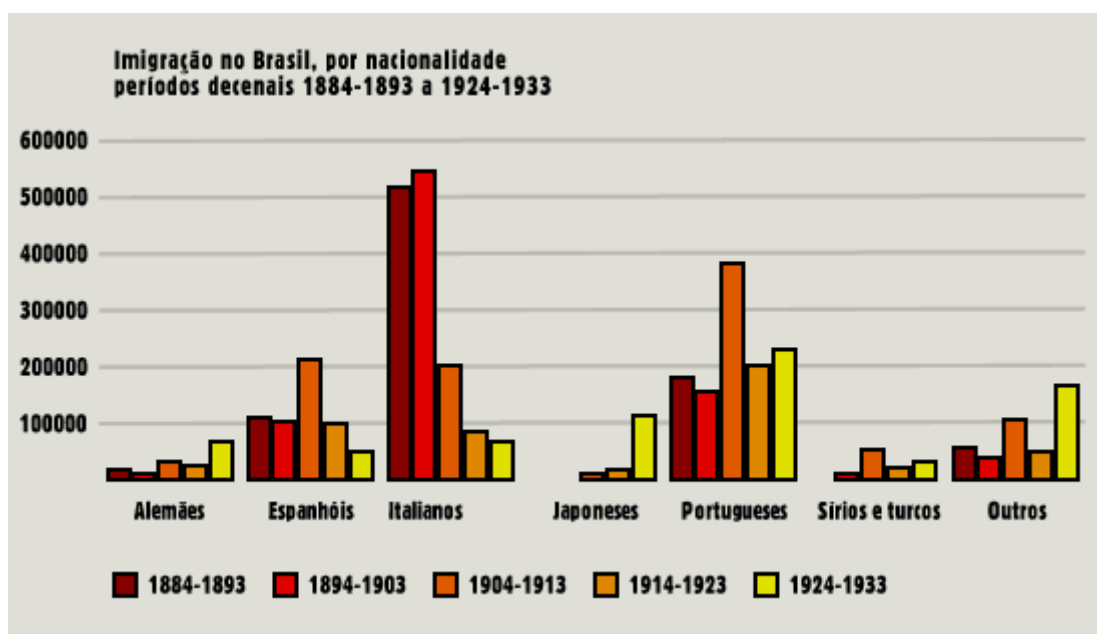
Foto cedida por: Felipe Kuhn Braun

OBS: mais fotos estão disponíveis no CD anexado ao trabalho (Arquivo do CD: anexo A)

ANEXO B – Imigração no Brasil por nacionalidade (1884 – 1933)

Imigração no Brasil, por nacionalidade - períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933					
Nacionalidade	Efetivos decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226



Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226

ANEXO C – Imagens do jornal teuto-brasileiro *Brasil-Post*

Versão online – acesso em: 25/11/2008



Versão impressa – página interna 18/01/2008 e capa 24/06/2004



ANEXO D – Imagens da cidade de Pomerode, Santa Catarina, originada a partir de colônia alemã.



Entrada da cidade



Festa Pomerana



Casa em estilo enxaimel



Comidas típicas

Parque Múveis
1.500.000 m² de área verde, montaria e locação.
Compromisso com a vida.

MEIN
COMUNICAÇÃO

POMERODER ZEITUNG

www.pomeroder.com.br • 2ª QUINZENA DE OUTUBRO 2008 • ANO XIV • Nº 356 • R\$ 2,00 • LIT. TAMBÉM CIRCULANDO

ANS Nº 33490-1
3387.0415
Rua 19 de Novembro, 22, Sala 205
Guaíba - RS 91200-000
Unimed #1

KYLY

GOEDE
ASSESSORIA
Rua Lindberg, 614 - Fone: 3347 3474
Contabilidade & Despesante

ESPORTES
Vôlei feminino de Pomerode está na superliga.
Página 3

ECONOMIA
Comunidade discute Habitação Popular
Página 16

NOVO FERIADO
Dia da Reforma agora é comemorado em Pomerode
Página 5

ZOO POMERODE
3387-2655
www.pomeroder.com.br

O perigo nas águas paradas

Cemitérios continuam sendo fonte de proliferação de mosquitos.

Página 21

Quilota-Bela e Bebida de Carne
Aprimorada 45-50 minutos
Congelar e servir em dietinhas
antes de 30 minutos
tem 3% de gordura

Terço-Bela e Quilota-Bela de 30 dias
Rua Hermann Weege, Nº 1394
Pomerode - Tel.: 47 3387.1395

BOMBAS PARA TODOS OS SEGMENTOS INDUSTRIAIS

Alumínio e Pneumático	Alumínio e Elétrico	Alumínio e Hidráulico	Óleo e Vácuo
--------------------------	------------------------	--------------------------	-----------------

NETZSCH
Fone (47) 3387-8222
www.netzsch.com.br

Ofertas do mês de abril

Quilota Líquido Farmácia Tipo	R\$ 8,40
Bonec. Cooperlino 1P/2A	R\$ 12,30
Bonec. 300g De Sina. Choc. Capim, Biscoito, Sina. Porcelana	R\$ 5,40
Veículo Pomarini por 100000	R\$ 4,50

FARMÁCIA SANDRINI
Rua Lindberg, 614 - Contato: 3347 3474 - Rua Hermann Weege, Nº 1394 - Pomerode - RS - 91200-000

ANEXO F – Trechos sonoros de programas da Rádio Pomerode

Trechos sonoros demonstrativos de dois programas da Rádio Pomerode:

- “Immer Lustig” - 1.11.08
- “Frühstück com o Opa Rudiberth”- 1.11.08 e 4.11.08.

Para ouvi-los acessar o CD anexado ao trabalho (Arquivo: ANEXO F). Os programas da rádio Pomerode e sua transmissão ao vivo estão também disponíveis na internet, no endereço: <http://www.radiopomerode.com.br/>

ANEXO G – Trechos sonoros do programa radiofônico AHAI (A Hora Alemã Intercomunitária)

Trechos sonoros demonstrativos do programa radiofônico AHAI: A Hora Alemã Intercomunitária – programa número 747, criado em 28.11.08. Para ouvir os trechos, acessar o CD anexado ao trabalho (Arquivo: ANEXO G).

O programa AHAI está também semanalmente disponível na internet, no endereço: <http://novo.brasilalemanha.com.br/portal/index.php?p=conteudo&tipo=sub&id=53>